

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS - BIOLOGIA

JONAS SOUZA SODRÉ

**INFLUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS OLARIAS SOB A ÓTICA DE
MORADORES LOCAIS EM UMA COMUNIDADE DO MUNICÍPIO DE
TURILÂNDIA NO ESTADO DO MARANHÃO**

Pinheiro

2020

JONAS SOUZA SODRÉ

**INFLUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS OLARIAS SOB A ÓTICA DE
MORADORES LOCAIS EM UMA COMUNIDADE DO MUNICÍPIO DE
TURILÂNDIA NO ESTADO DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Ciências Naturais LCN - Biologia da
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para
obtenção do grau de Licenciatura em Ciências
Naturais - Biologia.

Orientadora: Ma. Karla Jeane Coqueiro Bezerra
Soares.

Pinheiro

2020

Souza Sodré, Jonas.

Influências socioambientais das olarias sob a ótica de moradores locais em uma comunidade do município de Turilândia no estado do Maranhão / Jonas Souza Sodré. - 2020.

132 p.

Orientador(a): Karla Jeane Coqueiro Bezerra Soares.

Curso de Ciências Naturais - Biologia, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2020.

1. Ambiente. 2. Discurso do Sujeito Coletivo. 3. Olaria. 4. Sociedade. I. Coqueiro Bezerra Soares, Karla Jeane. II. Título.

JONAS SOUZA SODRÉ

**INFLUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS OLARIAS SOB A ÓTICA DE
MORADORES LOCAIS EM UMA COMUNIDADE DO MUNICÍPIO DE
TURILÂNDIA NO ESTADO DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Ciências Naturais LCN - Biologia da
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para
obtenção do grau de Licenciatura em Ciências
Naturais - Biologia.

Orientadora: Ma. Karla Jeane Coqueiro Bezerra
Soares.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Karla Jeane Coqueiro Bezerra Soares (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Hilton Costa Louzeiro

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa

Universidade Federal do Maranhão

Dedico esta pesquisa a minha família em especial a minha mãe, meu pai e meus irmãos que me têm assistido e ajudado neste momento tão desafiador e ao mesmo tempo tão gratificante.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Yahweh, ao grande Deus, que tem me proporcionado até este presente momento a honra de estar concluindo mais um ciclo em minha vida, dando sentido a cada um dos meus desígnios, por me ajudar em cada momento, me dando forças e da sua presença, inclusive nos momentos mais adversos que passei na universidade.

A minha amada mãe Maria que com carinho sempre acreditou em mim, me ensinando a caminhar por este longo percurso chamado aprendizagem, vendo em minhas conquistas a sua realização, como sempre nos diz que aquilo que não pôde alcançar nos veria conquistando.

Ao meu velho, ao meu pai Antonio, um homem que sigo a sua sombra esperando ser tão forte quanto ele, um exemplo de pai e de responsabilidade com a família, que me mostrou que por mais árduo que seja o caminho da honestidade, este é o caminho que devo trilhar.

Aos meus irmãos, Jeferson, Jayne e Talita a quem tanto amo, como a minha própria alma, são presentes de Deus para minha vida, e sou privilegiado por ter irmãos que muitas vezes são meus melhores amigos com quem sempre posso contar.

Aos meus amigos Eduardo, Arisson, Werberth, Gabrielly e Jenilce, aos quais compartilhamos os momentos mais alegres e ao mesmo tempo os mais tensos na universidade, o prazer sempre foi todo meu em tê-los conhecido, eles se tornaram parte de minha família e talvez ainda não sabem.

A minha orientadora Karla, uma pessoa que tem sido minha tutora, exigindo sempre o melhor de mim por acreditar em meu potencial. A senhora tem o meu respeito principalmente em seu compromisso com o ensino, peço aos céus que eu chegue a ser pelo menos o reflexo da profissional que a senhora é.

Aos participantes da pesquisa, os moradores do município de Turilândia – Ma, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho, os quais se dispuseram de bom agrado a nos receber com tanto carinho participando com toda a prontidão desta pesquisa mesmo em pleno auge da pandemia por Covid – 19 na região.

A Universidade Federal do Maranhão, a UFMA, instituição essa que sempre almejei participar, confesso que o meu coração sonhava com o dia em que poderia dizer “sou universitário da UFMA”, e olhe então, agora já sou formando, e pensando nisso agora, não há como segurar a emoção. Além do privilégio de me tornar discente e formando, me tornaram um guerreiro, treinado para não desistir e superar todas as adversidades possíveis sabendo que a vida é combate.

Ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais - Biologia que me proporcionou a oportunidade de aprender ainda mais sobre algo que sempre chamou a minha atenção ao qual também eu tanto amo, a vida, em todas as suas formas de manifestação.

A vocês todos, sim a todos vocês e aos muitos mais que contribuíram para este momento, só me resta agradecer-vos uma vez mais, e dizer que jamais poderia ter vivido tanta emoção com tanta intensidade como tenho vivido, os céus me servem de testemunha de como lágrimas caem de alegria por tudo, mas este é apenas um pequeno passo, a iniciativa para nossa longa jornada. De sempre e para vida.

“E aprendei de mim, porque sou amável e humilde de coração, e assim achareis descanso para
as vossas almas”

JESUS CRISTO (Mt.11.29)

RESUMO

As olarias, setor oleiro, ou indústria cerâmica, são empresas que se dedicam à produção de matérias-primas originadas a partir da manipulação da argila do solo, constituindo-se em uma importante atividade presente em todo o território nacional. Desse modo, este trabalho tem como principal objetivo investigar as influências, causas e consequências socioambientais provocadas pela atividade das olarias no município de Turilândia no estado do Maranhão a partir do relato da comunidade local. A pesquisa é de natureza qualitativa em que buscamos por compreender por meio da visão dos próprios moradores da comunidade como as olarias influenciam aspectos ligados ao meio ambiente, economia e também na qualidade de vida. A pesquisa foi realizada com oito sujeitos residentes em dois bairros, a saber, no Centro da cidade e no bairro São Pedro, que se situam bem próximos onde estão localizadas as olarias. Para coleta dos dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas e, em seguida, analisamos os dados obtidos através do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Por meio das expressões-chaves e ideias centrais foi possível construir dois DSC opostos em cada bloco (socioeconômico, ambiental e qualidade de vida) revelando as principais percepções sobre as influências das olarias ligadas a aspectos positivos e negativos. Percebemos que as olarias favoreceram não somente o benefício de um emprego para obtenção de renda, mas também proporcionaram para a comunidade e município como um todo, uma nova perspectiva de vida com facilidade para a construção civil e desenvolvimento das próprias moradias antes suscetíveis aos efeitos rápidos das intempéries principalmente no período que se conhece na região como chuvoso. São as atividades destas olarias as responsáveis pelo fornecimento de seus produtos inclusive para outros municípios e cidades circunvizinhas, mostrando a extensão e o crescimento deste setor na região. Também se verificou os impactos que o setor oleiro tem causado no meio ambiente à medida em que prolongam suas cavas sem qualquer método de replantio ou recuperação de áreas devastadas pelo seu trabalho, o que contribuiu em muito para a diminuição da fauna e flora na região. Além de tudo, tem prejudicado decisivamente a vida dos moradores que habitam os seus arredores, pois a fumaça resultado da queima da madeira no processo de aquecimento dos materiais tem causado sérios danos à saúde dos moradores. Ressaltamos a situação de vulnerabilidade sofrida pelos trabalhadores das olarias, visto que muitos deles vivem sob condições de serviço precárias, favorecendo a ocorrência de constantes acidentes como perda de membros do próprio corpo. Assim, percebemos que as olarias funcionam como uma via de mão dupla para comunidade, afetando positivamente, mas também negativamente os diferentes aspectos analisados. Devemos considerar o papel de extrema importância que as olarias exercem, contudo, identificamos que para permanecer em atividade é necessário também a participação mais efetiva de órgãos que regulamentem, fiscalize e organize o funcionamento destas, diminuição dos riscos de insalubridade para a comunidade e assegurar melhores benefícios aos empregados que dependem deste meio para obtenção de renda e dos demais pontos positivos citados pelos sujeitos.

Palavras-chave: Olaria, Ambiente, Sociedade, Discurso do Sujeito Coletivo

ABSTRACT

The brickworks, brickworks sector, or ceramic industry, are companies that are dedicated to the production of raw materials originated from the handling of soil clay, constituting an important activity present throughout the national territory. Thus, this work has as main objective to investigate the influences, causes and socioenvironmental consequences caused by the activity of brickworks in the municipality of Turilândia in the state of Maranhão from the report of the local community. The research is of a qualitative nature in which we seek to understand, through the vision of the residents of the community themselves, how brickworks influence aspects related to the environment, economy and also in the quality of life. The research was carried out with eight subjects residing in two neighborhoods, namely, in the city Center and in the São Pedro neighborhood, which are located very close where the brickworks are located. For data collection, we used semi-structured interviews and then analyzed the data obtained through the Collective Subject Discourse (CSD). Through the key expressions and central ideas it was possible to build two opposing CSDs in each block (socioeconomic, environmental and quality of life) revealing the main perceptions about the influences of brickworks linked to positive and negative aspects. We realized that brickworks favored not only the benefit of a job to obtain income, but also provided the community and the municipality as a whole, a new perspective on life with ease for civil construction and development of the houses themselves susceptible to the rapid effects of the weather, mainly in the period known in the region as rainy. The activities of these brickworks are responsible for supplying their products, including to other municipalities and surrounding cities, showing the extent and growth of this sector in the region. It was also verified the impacts that the brickworks sector has caused on the environment as they extend their pits without any method of replanting or recovering areas devastated by their work, which contributed a lot to the decrease of fauna and flora in the region. In addition, it has decisively damaged the lives of residents who live in its surroundings, as the smoke resulting from the burning of wood in the process of heating materials has caused serious damage to the health of residents. We emphasize the situation of vulnerability suffered by brickworks workers, since many of them live under precarious service conditions, favoring the occurrence of constant accidents such as the loss of members of their own bodies. Thus, we realize that brickworks work as a two-way street for the community, affecting positively, but also negatively the different aspects analyzed. We must consider the extremely important role that brickworks play, however, we identified that in order to remain in activity it is also necessary to have more effective participation by bodies that regulate, supervise and organize their functioning, reduce the risks of unhealthy conditions for the community and ensure better benefits to employees who depend on this means to obtain income and the other positive points mentioned by the subjects.

Keywords: Brickworks, Environment, Society, Collective Subject Discourse

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Perfil dos entrevistados na pesquisa	32
Quadro 2- Descrição dos códigos utilizados na pesquisa	35
Quadro 3- Exemplo do ilustrativo de análise do discurso (IAD) coletivo	37
Quadro 4- Ancoragens referentes aos blocos da pesquisa	39

LISTA DE SIGLAS

ABCERAM - Associação Brasileira de Cerâmica

AC - Ancoragem

ANICER - Associação Nacional da Indústria Cerâmica

APL - Arranjos Produtivos Locais

CLT - Consolidação Das Leis Trabalhistas

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

DORT - Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho

DSC - Discurso do sujeito coletivo

ECH (EC) - Expressões-chave

EPI - Equipamento De Proteção Individual

GTP-APL - Grupo de Trabalho Permanente dos Arranjos Produtivos Locais

IAD - Ilustrativo de Análise do Discurso

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC - Ideias Centrais

INMETRO - Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia

LER - Lesão por Esforço Repetitivo

MA - Maranhão

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

ONGs - Organizações Não Governamentais

PA - Pará

PIB - Produto Interno Bruto

SISNAMA - Sistema Nacional do Meio Ambiente

SP - São Paulo

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A RELAÇÃO HOMEM-MEIO AMBIENTE E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL	16
3. DA ORIGEM À PRÁTICA DAS OLARIAS: ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS	24
4. PERCURSO METODOLÓGICO	31
4.1.Coleta de dados.....	33
4.2.Análise dos dados	35
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
APÊNDICE A	79
APÊNDICE B	80
APÊNDICE C	82
APÊNDICE D	114

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios a humanidade sempre se tem utilizado da natureza e de seus recursos para a sua sobrevivência no meio em que habita. A história da cerâmica e sua utilização pelo homem é também tão antiga quanto a aparição das primeiras civilizações já descobertas e estudadas atualmente, mostrando assim a tamanha importância que desempenhou em tempos passados. Achados arqueológicos mostram que o desenvolvimento da cerâmica foi favorecido pelo surgimento da agricultura e o manejo do solo, na qual seriam usados principalmente no transporte e acondicionamento de alimentos e produtos agrícolas; tais fatores também favoreceram, o contato com outras matérias-primas como a porcelana de Antrin, as quais permitiram a confecção de peças com grau alto de sofisticação artística até para os dias atuais (NAVARRO, 2006).

Atualmente as atividades envolvendo cerâmicas ainda continuam a ser muito utilizadas para a fabricação dos mais variados tipos de objetos sendo os principais: tijolos, blocos e telhas cerâmicas (GRIGOLETTI; SATTLER, 2003), que correspondem a uma grande ajuda na econômica para as pessoas que dependem diretamente ou indiretamente de tal atividade, que comumente se apresenta sob a forma de olarias por todo o nosso país. Contudo, a atividade das olarias, embora, possua sua importância econômica, também traz consigo várias problemáticas de origem ambiental e social. Na maioria das vezes são levantadas como problemáticas abrangendo inúmeras visões e argumentos a respeito da sua real utilização, sendo defendida por uns e acusada por outros. Assim, caracteriza-se como um assunto bem mais amplo do que realmente imaginamos, pois acaba por envolver inúmeros fatores com alto grau de complexidade, no qual podemos destacar três principais, como: fatores econômicos, sociais e ambientais.

Podemos citar alguns trabalhos relacionados com as olarias, como o que fora realizado por Landim *et al.* (2019), identificando como as atividades das olarias influenciam na qualidade e deterioração do solo e da água, alterações de ecossistemas aquáticos e terrestres, impactos sobre a saúde humana, além de outros impactos sociais gerados com a atividade das olarias. Outro trabalho sumamente importante dentro da problemática foi o realizado por Kemerich *et al.* (2011) em um estudo sobre impactos ambientais provenientes a partir de atividades de olarias, no qual perceberam uma gama de aspectos que envolviam a degradação visível do solo, o armazenamento de resíduos sólidos, alteração da topografia, e geração de empregos na comunidade.

Percebemos diante dos tais trabalhos citados, a associação que existe entre os fatores já mencionados anteriormente (sociais, econômicos e ambientais), e de como estão interrelacionados com a problemática, sendo difícil compreender a ação e consequência do trabalho das olarias, sem entendermos tais fatores que a rodeiam. O fator econômico está associado aos recursos financeiros adquiridos com a prática da atividade de extração da argila e fabricação de peças, gerando assim um lucro final. De certa forma o fator econômico está ligado ao fator social, visto que contribui para a manutenção da economia local. O fator social além de abranger a questão da economia também está associado com a qualidade de vida dos moradores ante a atividade desempenhada pelas olarias. E por último, mas não menos importante, o fator ambiental, que tanto está associado com a economia (pois todo o lucro proveniente da atividade das olarias depende exclusivamente do recurso ambiental), quanto com a qualidade de vida.

A Baixada Maranhense é conhecida e reconhecida pela sua importância, como uma região que comporta uma grande variedade de fauna e flora, sabendo desta importância, o Governo do Estado do Maranhão estabeleceu a Área de Proteção Ambiental da Baixada Maranhense. Nestas áreas predominam tanto riquezas animais e vegetais como também na própria geologia do solo, apresentando terras planas, baixas e inundáveis com vegetação de manguezais, campos aluviais e flúvio-marinhas além de uma variedade de matas de galeria. Ela possui o maior conjunto de bacias lacustres do Nordeste brasileiro, bem exploradas por meio das atividades de pesca, que se constitui na principal fonte de renda e subsistência das famílias que habitam essas áreas. A região também apresenta três principais acidentes geográficos, são eles: a) O Sistema lacustre de Viana/Cajari. b) Os lagos temporários e lagos perenes da bacia do rio Pericumã. c) e lagos temporários e marginais da bacia do rio Turiaçu (COSTA NETO *et al.*, 2001).

Algumas das cidades que compreendem a região são: Bequimão, Alcântara, Apicum-Açu, Bacuri, Bacurituba, Bequimão, Cajapió, Cedral, Central do Maranhão, Cururupu, Guimarães, Icatu, Mirinzal, Palmeirândia, Penalva, Peri Mirim, Pinheiro, Porto Rico do Maranhão, Presidente Sarney, Santa Helena, São Bento, Serrano do Maranhão, Turiaçu, Turilândia e Viana (COELHO; SILVA, 2017).

A região é caracterizada por possuir algumas olarias, contudo, em termos de pesquisa científica temos pouco conteúdo de estudo referente a esse assunto na Baixada Maranhense e a situação aumenta significativamente quando comparamos com o município de Turilândia. Dessa maneira, a pergunta que norteou essa pesquisa é: Quais as influências das olarias em uma comunidade de Turilândia que vive aos arredores das oficinas? E é neste contexto que

focaremos nossas atenções imersos em uma determinada comunidade, entendendo o papel de tal prática a partir do relato dos moradores locais.

Assim, o objetivo geral da nossa pesquisa é investigar as influências, causas e consequências socioambientais provocadas pelas olarias no município de Turilândia no estado do Maranhão a partir do relato de comunidade local. E como objetivos específicos buscamos investigar as influências socioeconômicas das olarias no cotidiano da comunidade, identificar na perspectiva dos moradores se e quais os impactos que as olarias podem ocasionar no ambiente local e analisar as consequências das olarias na qualidade de vida da comunidade.

A pesquisa realizada estuda uma determinada comunidade onde estão inseridas inúmeras olarias (muitas delas clandestinas) e entender na visão dos próprios moradores os impactos que elas possam ocasionar seja na qualidade de vida, no meio ambiente e na economia local, é de suma importância. Além de trazer inúmeras contribuições, no sentido de proporcionar respostas aos problemas propostos trazendo informações e sensibilização sobre o que de fato está acontecendo e qual a percepções dos sujeitos sobre isso.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo versa sobre relação do Homem-Meio Ambiente e a Degradação, um apanhado bibliográfico do que é considerado o meio ambiente e de como as ações antrópicas (do homem) podem afetar tanto positiva quanto negativamente o lugar onde se encontra. No capítulo dois abordamos a questão das olarias, mediante trabalhos publicados que vem embasar as datas do seu surgimento, o modo como se desenvolveu e sua importância tanto nos primórdios das civilizações quanto nos dias atuais. O capítulo três trata do percurso metodológico, ou seja, a forma como, onde e quando a pesquisa foi realizada e todas as suas características, bem como explicamos a forma de análise dos dados. No capítulo quatro apresentamos os resultados e discussão, no qual discutimos o Discurso do Sujeito Coletivo obtido para cada bloco de análise. E por fim, no último capítulo, tratamos as considerações finais, onde abordaremos as especificidades desta pesquisa bem como suas possibilidades e prospecções futuras.

2. A RELAÇÃO HOMEM-MEIO AMBIENTE E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Diariamente nos deparamos com o termo meio ambiente, seja em bancas de jornais, em rodas de conversas, por meio de revistas e principalmente através dos mais diversos meios de comunicação, incluindo redes sociais e na mídia em geral, sendo este, tema em diversos debates e discussões, que, muitas vezes perduram por horas quase que intermináveis, tendo a sua menção até mesmo entre as maiores reuniões das nações todos os anos. No decorrer dos anos sempre foi assim, as discussões e os estudos sobre o meio ambiente sempre estiveram presentes, e, com o avanço da globalização e o surgimento de tecnologias que nos permitem aproximar de toda e qualquer informação, o meio ambiente jamais esteve tão em foco como nos dias atuais. A sua importância, o seu papel e a utilização correta de seus recursos, sempre despertaram a atenção de diversos estudiosos, para entenderem de fato o que realmente é o meio ambiente.

Antes de tudo, nos deparamos com a palavra *meio* do termo meio ambiente e percebemos que, além de ser muito falada em disciplinas como Biologia, Geografia, História e Sociologia, não há um conceito próprio para cada uma de tais áreas do conhecimento, nem tampouco um conceito geral que una características das mesmas e apresente um significado científico comum, devido sua pluralidade, afinal, seu emprego em contexto ambiental constitui-se atualmente numa derivação, ou mesmo numa apropriação geral, do conceito de meio geográfico (MENDONÇA, 2001).

Outros autores consideram a palavra *meio* como sendo um termo que designa algo muito extenso e genérico, que acaba compondo mais de uma dezena de acepções na língua portuguesa:

A palavra meio caracteriza-se pela sua ampla e diferenciada extensão - isso mesmo quando excluída suas formas como adjetivo e advérbio, considerando-a apenas como substantivo - chegando às marcas de mais de uma dezena de acepções possíveis - dentre a língua culta, técnica, chula e neologismos regionalistas - segundo as edições mais recentes dos principais dicionários da Língua Portuguesa. (GERALDINO, 2010, p. 15).

Conseguimos entender por intermédio do autor que o termo *meio* é bem mais abrangente do que realmente pensamos, e que o seu significado dependerá de muitos fatores. Já o termo meio ambiente, o seu conceito tem sido muito debatido, principalmente após a segunda guerra mundial, estendendo-se até aos dias atuais e despertando ainda a atenção de inúmeros estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento a fim de compreendê-lo melhor.

A reunião das Nações Unidas sediada em Estocolmo no ano de 1972, sendo uma das primeiras conferências para tratar sobre as questões ambientais, definiu o meio ambiente como um aglomerado de fatores físicos, químicos, biológicos e sociais com a capacidade de influenciar tanto de forma positiva quanto negativa na vida e atividade dos seres humanos (CAMOZZATO, 2013). Tal conferência chamou a atenção do mundo inteiro ante os representantes de vários países sobre a relevância da discussão sobre a questão ambiental e das consequências das ações humanas realizadas direta ou indiretamente sobre o meio ambiente.

Outros autores conceituam o termo meio ambiente e o definem como o conjunto de meios naturais (*milieux naturels*) ou representantes da chamada ecosfera onde o ser humano conseguiu se instalar no decorrer do tempo, retirando dele o meio necessário para sua sobrevivência; o meio ambiente também pode ser dito como o conjunto destes meios porém que não passaram pelo processo de exploração antrópica, o que não significa que não é essencial para a sua sobrevivência, e tem como suas principais características: seus componentes, importância e processos (JOLLIVET; PAVÉ, 1997). Desta forma Jollivet e Pavé (1997) associam as atividades humanas como forma de interdependência com o meio ambiente em todo o seu processo de manutenção, contribuindo desta forma para a sua sobrevivência. Para Melo (2007) o próprio Meio Ambiente é ainda mais complexo, associando e compreendendo toda a vida no nosso planeta, quando explica:

Os vocábulos meio ambiente indicam algo periférico, ou seja, algo que está ao redor ou em torno de um centro. Entretanto não há como conceituar meio ambiente sem compreender o que o constitui. O meio ambiente é formado por terra, luz, água etc. e, sem dúvidas, pelo ser humano. O homem, assim como qualquer espécie viva de que se tem conhecimento, não existe fora do meio ambiente. Toda a vida de que se tem notícia hospeda-se na Terra, na natureza, no que se pode chamar de meio ambiente. (MELO, 2007, p. 43).

Segundo Melo (2007), podemos observar que o próprio meio ambiente é também dependente de alguns fatores para que o mesmo possa se manter de forma equilibrada, favorecendo assim, não somente a si próprio mas também a todos quantos dependem direta ou indiretamente dele, incluindo nós seres humanos, uma vez que somos dependentes de tal meio e de seus recursos aos quais estão mesmo que temporariamente disponíveis a todos.

A Política Nacional do Meio Ambiente de nosso país também tem um conceito próprio sobre o Meio Ambiente, previstos na Lei de nº 6.938/81, no seu artigo 3º e inciso I classifica o meio ambiente da seguinte forma: a reunião de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que abrange, a vida de todos os seres vivos lhes proporcionando condições necessárias para tanto (BRASIL, 1981). Segundo vemos na mesma

lei, ela considera o meio ambiente o lar e ao mesmo tempo mantenedor da vida como um todo, sendo ele diversificado, caracterizado por uma gama de fatores e/ou condições.

Não se chegou ainda em um consenso sobre tal conceituação, especialmente porque na maioria delas o homem com todo o seu contexto social e cultural aparece excluído dessa perspectiva ou apenas como explorador desse meio. Não simplesmente estamos no meio, mas somos parte deste dele e para isso devemos considerar-nos como sujeitos do mesmo:

Ainda que tendo sido ampliado e se tornado mais abrangente, o termo meio ambiente, ou ambiente (estes sim podendo ser tomados como sinônimos), parece não conseguir desprender-se de uma gênese e uma história fortemente marcadas por princípios naturalistas, o que leva a crer que tenha sido gerada uma concepção cultural do meio ambiente que exclui a sociedade da condição de componente/sujeito, mas a inclui como agente/ fator. **Inserir na abordagem ambiental a perspectiva humana – portanto social, econômica, política e cultural – parece ser um desafio para toda uma geração de intelectuais, cientistas e ambientalistas que se encontram vinculados a tais discussões no presente, e certamente também no futuro próximo.** (MENDONÇA, 2001, p. 117, grifo nosso).

Todos os conceitos trazem algo em comum, uma vez que o caracterizam como um lar, composto de vários fatores e que abriga a todos os seres vivos (fatores bióticos) como também os seres não vivos (fatores abióticos), abrangendo com grande magnitude toda esta diversidade juntamente com todos os processos físicos e químicos necessários para a sua estabilidade e equilíbrio, sendo assim, dizemos então que o meio ambiente pertence unicamente, e, por si só, a todos. Nesse contexto, o ser humano não é um intruso na natureza, tão pouco um mero espectador, por outro lado, o homem é um produto do meio ao qual vive e dele depende como todos os seres vivos dos seus subsídios para a sua sobrevivência, na qual inclui aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

O século 20 foi marcado por inúmeros acontecimentos, muitos desses jamais visto antes, as mudanças estavam em todo lugar, na sociedade, em meio as ciências, ou até mesmo na própria economia; a maioria dos países viviam um de seus períodos de maior crescimento e apogeu em todos os âmbitos. O mundo estava vivendo uma verdadeira explosão econômica e científica, principalmente depois das guerras que colocaram o mundo à beira do fim. Jatobá, Cidade e Vargas (2009) explicam que a grande produção para a massa, guiados pelo uso intensivo do petróleo e seus derivados, além da eletricidade, proporcionaram drásticas e significativas mudanças no uso dos recursos naturais e nos seus efeitos para o meio ambiente. A utilização da energia atômica principalmente pelos militares foi o princípio de uma série de muitos outros desastres que colocaram não só o meio ambiente em risco, mas também a vida de todos os seres vivos e isso em um curto espaço de tempo, desastres estes tais como os do Dust Bowl nos anos de 1930, nos Estados Unidos; Donora na Pensilvânia-USA (1948); o *smog*

londrino de 1952; a contaminação da Baía de Minamata, no Japão (1956) e outros, alertavam para os grandes riscos que tais práticas poderiam resultar (JATOBÁ; CIDADE; VARGAS, 2009). Estava claro que tais imprevistos não eram ao acaso, tratava-se de consequências, logo havia a necessidade de uma atitude urgente.

Além de tudo isso, ainda havia o pensamento de milhares de pessoas que consideravam a preocupação com o meio ambiente um enalço para o real desenvolvimento dos países considerados em progresso no início do movimento a favor do meio ambiente, inclusive no Brasil entre as décadas de 1930 a 1970. Conforme nos diz Borges *et al.* (2009) a política brasileira via o meio ambiente como um obstáculo ao repentino crescimento econômico ou como uma restrição ao direito da população brasileira de alcançar o apogeu por meio do desenvolvimento.

A Conferência realizada em Estocolmo na Suécia no ano de 1972 demonstrou ser um marco para todos aqueles que aspiravam pelo reconhecimento da importância, melhorias, propostas e um maior comprometimento principalmente por parte dos países já desenvolvidos até então e daqueles que caminhavam para o mesmo percurso. Tal evento marcou de forma internacional a todos para a utilização de práticas que suavizassem os impactos exercidos principalmente pelo homem sobre o meio ambiente e contou com a participação de vários membros de estados das organizações governamentais além de diversas Organizações Não Governamentais (ONGs) (MARTINS, 2008).

Com relação à data de “explosão” do conhecimento das causas ambientais, diversos autores a exemplo de Oliveira (1982) e Camozzato (2013), concordam que a preocupação com o meio ambiente se mostrou algo efetivado, se manifestando por meio das pessoas engajadas nesse movimento, sendo este sentimento algo simultâneo que ocorreu abrangendo todo o mundo. Observamos claramente tal ocorrência nas palavras de Jollivet e Pavé (1997, p. 56) quando dizem:

A origem social da questão do meio ambiente data, aproximadamente dos anos 60, através da tomada de consciência de um certo número de problemas colocados pelo desenvolvimento de nossas sociedades: poluições, deterioração dos ambientes naturais, limitação de recursos naturais, urbanização acelerada mal concebida e mesmo caótica, caráter global das perturbações de origem antrópicas.

É o conhecimento por parte da sociedade que fez a maior diferença para a consolidação da luta pró-meio ambiente, uma vez cientes que praticamente todos os fatores que contribuem para a má administração e manutenção do meio ambiente e de seus recursos (ações que conhecemos hoje como degradação ambiental), são de nossa responsabilidade.

E é justamente no pressuposto da preocupação, cuidado e zelo pelo meio ambiente ainda como lar, o lar de todos os seres vivos e não vivos, que a Constituição Federal de nosso país no âmbito de suas disposições, manifesta-se considerando o papel essencial do ser humano como agente responsável pelo passado, presente e futuro do mesmo, e diz mais:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2011, p. 143).

Assim, além de ele ser um direito de todos, todos, sem exceção, devem lutar para a sua manutenção e preservação, pois o fim desta ação é o bem comum de todos e uma melhor qualidade de vida. Quando isso não acontece, ou seja, não se tem o cuidado de preservar e cuidar daquilo que é o nosso maior bem, acontece o que chamamos de desequilíbrio ecológico, caracterizado pela degradação do meio ambiente. Na luta pró meio-ambiente encontramos inúmeros termos os quais vem significar um comprometimento de um dado grupo, comunidade, setor e etc., para com a causa; dentre eles destacamos os termos: proteção, preservação, conservação e proteção ambiental, ambientalistas, além de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

No Brasil a luta pelas causas ambientais somente se fortaleceu nos anos que se seguiam, uma vez que no mundo inteiro já se aceitava a real importância e a urgência de se tratar das causas que envolviam o meio ambiente. E foi na promulgação da Constituição Federal no ano de 1988, em que estava presente a questão do meio ambiente, recebendo artigos e incisos que tratavam da questão, que, mais uma vez se tornou notória a significância que tem este tema, agora manifesto na forma da lei. A Constituição Federal de 1988 mostrou seu imprescindível valor, principalmente para mudar a visão distorcida de órgãos nacionais, indústrias e empresas com respeito a preservação do ambiente natural e a utilização sustentável de seus recursos. Porém, antes da promulgação da Constituição Federal, leis já haviam sido implementadas em anos anteriores, os quais demonstravam fortes mudanças que já estavam acontecendo no âmbito nacional, a citar por exemplo, a lei de número 6.938 de 1981, que serviu dentre muitas coisas para modificar a Política Nacional do Meio Ambiente com as suas disposições, além de incorporar o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), juntamente com outros órgãos, instituições e fundações criadas pelo governo ao Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), o qual estava responsável por controlar, preservar e fiscalizar o meio ambiente na utilização de todos os seus recursos (BRASIL, 1981).

E é sobre a utilização destes recursos do meio ambiente (mais especificadamente sobre a sua má administração e manutenção), que a Política Nacional do Meio Ambiente no Art 3º e

inciso I se manifesta ao dizer que o desaparecimento da qualidade ambiental é caracterizada por alterações das mais adversas possíveis, das características do meio ambiente (BRASIL, 1981), ou seja, toda ação que tem a capacidade de causar impacto no meio de modo a alterar a sua normalidade, como consta na Resolução do CONAMA nº 001 de 1986 ao falar sobre o tema:

Art. 1º Para efeito desta Resolução, considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam:

I - a saúde, a segurança e o bem-estar da população;

II - as atividades sociais e econômicas;

III - a biota;

IV - as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;

V - a qualidade dos recursos ambientais. (CONAMA, 1986, p. 636)

O certo é que sempre existiram ações promovidas por nós seres humanos que causassem danos ao ambiente onde vivemos, porém com o acelerado crescimento populacional mundial e o grande surgimento das indústrias e suas atividades, apenas intensificaram ainda mais tais impactos, o que explica a condição nestes últimos anos da real situação em que vive o Brasil, o qual vem sofrendo com relação a certas atividades de indústrias, estas por sua vez são responsáveis por causarem grandes danos ecológico ao meio ambiente, que, em sua maioria se constituem em desastres ambientais de grandes proporções.

Estamos falando de desastres tais quais como os que foram produzidos pela Samarco no ano de 2015 e pela Vale em Mariana no ano de 2019 em Brumadinho, tais desastres foram de grandes magnitudes, tirando a vida de várias pessoas e haja vista serem de incalculável dano ao meio ambiente, sendo as mesmas por isso responsáveis civil e criminalmente. Freitas *et al.* (2019) em um estudo sobre os desastres ambientais promovidos pelas mineradoras já citadas e a saúde coletiva, pontua:

Assim, esses desastres não podem ter seus impactos reduzidos aos municípios de ocorrência e os atingidos ao número imediato de óbitos (mesmo que seja alto, como no caso de Brumadinho que ultrapassa 300) e feridos (mesmo que seja baixo como os 6 contabilizados em cada um dos desastres) ou mesmo de desabrigados (504 no primeiro e 138 no segundo). Seus impactos vão além e incluem a contaminação e alterações ambientais que produzem nas áreas (impactos sobre a biodiversidade e alterações dos ciclos de vetores, hospedeiros e reservatórios de doenças) e rios atingidos, como também a alteração abrupta da organização social e dos modos de viver e trabalhar historicamente constituídos nos territórios, com efeitos sobre a saúde. Para além dos números de “afetados” tradicionalmente definidos pelas defesas civis (desalojados, desabrigados, mortos, feridos e doentes) e registrados durante o período de resgate e socorro, deve-se considerar todos os que tiveram suas condições de vida e trabalho atingidas nos diferentes territórios. (FREITAS *et al.*, 2019, p. 2)

Eis então nas palavras acima um resumo das consequências desastrosas que ocorreram naquela região por meio daquele desastre que sobreveio de forma repentina, porém agora vem sendo rigorosamente sofrida tanto pelo meio ambiente como pelas pessoas habitantes daquela cidade. Entendermos o porquê de ser incalculável o tamanho do prejuízo por conta do impacto que causaram, seja para as famílias que perderam seus entes queridos e ao mesmo tempo ficaram sem seus lares, seja para o meio ambiente que demorará um longo tempo para se recuperar.

Outros impactos ambientais presentes em nosso país tem sido notórios nestes últimos anos, mas não significa dizer que os mesmos são recentes. Estes por sua vez tomam proporções não somente a nível estadual da federação, mas sim, a nível nacional (por esse motivo não é um problema apenas de um estado mas sim de toda a nação), assistido por todos internacionalmente, como por exemplo o que vem acontecendo com a floresta amazônica nestes últimos anos e de como tem sofrido veementemente com relação às queimadas e ao desmatamento sem precedentes. Com relação ao primeiro, no ano de 2019 se notou algo jamais visto, pois enquanto se tornava agravante as constantes queimadas na Amazônia, no dia 19 de agosto do mesmo ano, o céu da cidade de São Paulo se tornou escurecido com uma grande quantidade de fumaça na atmosfera, sendo constatado posteriormente que tal acontecimento era resultado do transporte de material particulado (originado pelas queimadas) que se deslocou do norte do Brasil para a região Sudeste do país, atingindo ao estado de São Paulo (LEMES; REBOITA; CAPUCIN, 2020). Assim, este problema que estava concentrado apenas em uma região, tornou outras participantes de situação igual ou parecida da qual enfrenta.

Um outro acontecimento que gerou uma grande repercussão nacional e até mesmo mundial no que diz respeito às causas ambientais no Brasil, foi o que aconteceu na segunda metade deste ano em se tratando ainda das queimadas no país, agora sobre um outro bioma, o Pantanal; fotos da proporção que as queimadas tomaram, juntamente com a perda animal e vegetal que se seguiam dia após dia por conta da fumaça e do fogo, trouxeram com extrema exatidão o quanto tal prática pode ser prejudicial aos ecossistemas, e este prejuízo não é apenas enquanto há as queimadas (como que cessando o fogo, tudo se normalizou), mas também depois que acabam, conforme podemos observar nas palavras de Chaves, Souza e Freitas (2020):

Talvez, por desconhecimento dos impactos causados pelas queimadas, é bastante comum a quietude e tranquilidade das pessoas quando o fogo finalmente é apagado. Mas infelizmente, os problemas pós-queimada são contínuos para a fauna e flora. Quando uma área é queimada, além da perda direta de animais e plantas ali presentes, ocorre a liberação de gases que contribuem para o aumento do efeito estufa, favorecendo, inclusive, a ocorrência de doenças respiratórias em seres humanos.

Após o fim das queimadas, ocorre um grande desequilíbrio ecológico, mudança que afeta diretamente todo o Bioma. O solo se torna pobre em nutrientes, o que dificulta o desenvolvimento da flora nativa, impactando diretamente na sobrevivência de animais herbívoros, como por exemplo, os veados e capivaras, que além de perder o seu habitat, sofrerão com a falta de alimento e água. (CHAVES; SOUZA; FREITAS, 2020, p. 602-603)

Dessa forma, como podemos observar, as consequências são desastrosas tanto para a flora quanto para a fauna que dela depende direta ou indiretamente, e tais resultados não se limitam após cessarem as chamas, pois levará tempos para que o ambiente se recupere de tal ação destrutiva. Tanto o Pantanal quanto a Amazônia e todos os demais biomas do nosso país estão suscetíveis a tais ações destrutivas principalmente às de ordem humana, por conta disso se constituem em uma questão que precisam da atenção e cuidado de todos em particular, mas principalmente dos órgãos responsáveis por essa finalidade. Sabendo então que a má administração da natureza e seus recursos, ou a degradação destes biomas nativos do nosso país (e porque não dizer a degradação do meio ambiente), influência não apenas a eles próprios, mas também a aspectos ligados à economia e a sociedade.

Desta mesma forma, temos abordado neste trabalho sobre a questão das olarias, as quais designam o papel de uma atividade extremamente importante no que tange à exploração dos recursos naturais para fins econômicos do nosso país, mas que também se constitui em um grande influenciador na qualidade de vida das pessoas que delas dependem direta ou indiretamente e aspectos que precisam ser discutidos por meio principalmente de políticas públicas, sociais e ambientais que tratem deste assunto.

3. DA ORIGEM À PRÁTICA DAS OLARIAS: ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

Há aproximadamente doze mil anos os seres humanos começaram a viver um novo período em sua história. Com o fim do período paleolítico e o início do período da pedra polida ou período neolítico, a humanidade começava a descobrir inúmeras técnicas que o fariam não somente sobreviver, mas também povoar a terra de tal forma como vemos nos dias atuais. Tais técnicas revolucionariam o mundo até então conhecido por meio da visão dos recém-chegados *Homo sapiens sapiens* que, ao mesmo tempo, sofreram transformações tanto biológicas quanto culturais no que se conhece atualmente como hominização (MAZOYER; ROUDART, 2010).

O surgimento da agricultura foi um dos fatores principais para o êxito da raça humana, uma vez que antes, viviam exclusivamente da caça e da coleta por isso eram chamados de caçadores-coletores, além disso suas habitações nunca estavam fixas em um lugar, pois constantemente migravam para lugares onde a disponibilidade de alimento era maior, assim, também eram considerados como nômades. Porém, o aparecimento da agricultura favoreceu aos seres humanos viverem um novo momento de transformação em sua história, e, podemos observar isso nas palavras de Mazoyer e Roudart (2010, p. 70) quando tratam sobre a importância do surgimento da mesma:

Entre 10.000 e 5.000 anos antes de nossa Era, algumas dessas sociedades neolíticas tinham, com efeito, começado a semear plantas e manter animais em cativeiro, com vistas a multiplicá-los e utilizar-se de seus produtos. Nessa mesma época, após algum tempo, essas plantas e esses animais especialmente escolhidos e explorados foram domesticados e, dessa forma, essas sociedades de predadores se transformaram por si mesmas, paulatinamente, em sociedades de cultivadores.

Como podemos observar, o aparecimento da agricultura proporcionou dentre outras coisas o estabelecer-se em um lugar definitivo, uma vez que agora possuíam alternativas que lhes proporcionava sobreviver por meio do cultivo da terra e da domesticação de animais para o consumo próprio e não mais sair em busca de alimento na incerteza de encontrá-lo. Assim, os seres humanos tornaram-se sedentários e fixos dando origem assim a grandes civilizações por onde se estabeleciam.

O período neolítico teria uma prolongação indo até o aparecimento de fatores que aceleraram o desenvolvimento dos seres humanos nos lugares onde se instalaram, fatores estes que incluem o surgimento da escrita e da metalurgia. Este período caracterizado inclusive pelo desenvolvimento da agricultura, também seria marcado pelo conhecimento, manejo e polimento de todos os tipos de pedras duras e passíveis de serem afiadas várias vezes, além de

outras inovações as quais incluem: a construção de moradias duráveis, e a origem da cerâmica de argila cozida (MAZOYER; ROUDART, 2010). E é justamente sobre esta última inovação revolucionária ocorrida neste mesmo período, sobre a origem, importância e utilização das cerâmicas, que encaminharemos a nossa atenção, para compreendermos a sua evolução e de como ainda persistiu ao longo do tempo, chegando até mesmo nos dias atuais com estimável valor.

Alguns autores discordam quanto à época exata do surgimento da cerâmica e sua utilização por parte do ser humano, atribuindo ao paleolítico superior à sua origem, no entanto, a cerâmica só se revela uma realidade palpável no período neolítico, aparecendo paralelamente às atividades agrícolas (cereais e domesticação de animais) como já falamos anteriormente. E é no Oriente Médio, o local do nascimento da nossa cultura, inaugurada com vista nestas tantas descobertas tal como observamos nos dias de hoje, que também será a origem do surgimento da cerâmica, conforme os achados na região e os estudos de datação mais recentes (CANOTILHO, 2003).

Surgindo então no Oriente Médio, e vendo quão necessária era a sua utilização nos mais diversos serviços, não demorou muito até que rápido se espalhasse o conhecimento das cerâmicas e sua fabricação por todo o mundo conhecido. A prova disso são os inúmeros achados arqueológicos na Ásia, bem como também em diversos países da África, todos datando de épocas próximas ao seu surgimento.

Desde os tempos mais longínquos, grandes civilizações se utilizavam da cerâmica para as suas mais diversas finalidades, haja vista as suas múltiplas finalidades para os mais diversos tipos de serviços, mas uma de suas mais importantes era também a arte. Segundo Rocha, Suarez e Guimarães (2014), povos imponentes e acontecimentos da antiguidade nos mais variados momentos da história demonstraram suas expressões de arte nas cerâmicas, dentre eles estão o Egito Antigo, Babilônia, Grécia, o Império Romano e a China, assim como durante a Idade Média e o Renascimento. A arte de produzir artefatos cerâmicos se desenvolveu de grande maneira que muitas destas expressões ainda continuam de pé, preservados mesmo depois de tanto tempo servindo de deslumbramento aos olhos de todos. Desde a porcelana mais delicada para a confecção de xícaras até a cerâmica rústica usada para produzir telhas, uma variedade de objetos foram produzidos durante séculos e milênios a partir da queima de diferentes tipos de barro (ROCHA; SUAREZ; GUIMARÃES, 2014).

No continente americano a utilização da cerâmica se desenvolveu entre os muitos povos da era pré-colombiana. Ainda há registros de belas peças produzidas pelos Maias, Astecas e Toltecas. No atual México, os Incas e outros povos que lhes antecederam eram hábeis

na fabricação peças de cerâmica. No nosso país o registro mais antigo de cerâmica encontra-se na Ilha de Marajó, onde também foi reconhecido um estilo particular de fabricação de cerâmica: o estilo denominado de marajoara. Essas peças eram bastante elaboradas e comumente representadas por figuras antropomórficas (NASCIMENTO, 2007).

As cerâmicas dos povos marajoaras encontradas em sítios arqueológicos como vasos, tangas e diversas urnas funerárias revelam algo muito mais além do que o simples uso e produção de peças de cerâmicas por parte deste povo, mas sim, transparecem também uma expressão artística, que, de uma forma bem mais ampla, exprimiam dentre muitas coisas, toda sua cultura. Tal povo encontrou na confecção das cerâmicas uma maneira de explicar e representar suas crenças e valores, ou seja, sua realidade.

Como visto, a prática das cerâmicas é tão antiga quanto a história das primeiras civilizações, e na maior parte da nossa história ela esteve e continua estando presente. Porém, à medida que o tempo passava, o trabalho sobre as cerâmicas se diferenciava por meio de técnicas inovadoras que nos dias atuais vão desde a fabricação de telhas, tijolos, elegantes vasos de decoração, além da fabricação dos eficientes e minuciosos supercondutores. Comumente utilizamos da palavra olarias para nos referirmos às fábricas que se dedicam à retirada de argila diretamente do solo, seguido de todos os processos que resultam à fabricação de peças (cerâmica) que possuem um certo valor econômico agregado. O setor de cerâmicas é tão importante nos dias atuais como foi nos primórdios de nossas civilizações, e ainda continua movendo a nossa economia de tal forma a ser imprescindível todo seu trabalho, bem como para todos aqueles que dele dependem.

Os processos para a confecção de peças de cerâmica não se iniciam na queima do material, mas sim muito antes, indo desde a escolha do lugar ao qual apresente um solo argiloso com todas as suas propriedades necessárias, sendo este propício para produção de um bom objeto cerâmico, até a sua retirada e modelagem, só então irá para as etapas finais onde a queima está inclusa. Assim, em todo este processo para produção final de objetos de cerâmica, o mesmo sofre toda uma transformação, mas é na etapa da queima que as suas características físico-químicas são alteradas para chegar na etapa final do processo. Canotilho (2003) explica sobre esta etapa do processo da confecção de cerâmicas:

A ação do calor sobre os corpos cerâmicos vai revelar-se através de alterações físicas e químicas. No primeiro caso, a alteração física manifesta-se através de uma aglomeração de partículas que estão em contato, diminuindo a sua superfície e porosidade do agregado. Em termos empíricos, designa-se este processo físico de contração. As transformações químicas consistem na identificação das suas fases cristalinas de cada um dos componentes da pasta cerâmica, assim como a respectiva microestrutura. (CANOTILHO, 2003, p. 24).

A relação do calor sobre o material cerâmico é de total importância no processo de confecção das peças, sendo esta parte que torna bem evidente as transformações físicas e químicas sofridas pelo material. A ação do calor sobre o material cerâmico possibilita uma maior resistência e durabilidade, não sendo por acaso a sua utilização no decorrer do tempo, e, por conta deste processo seja possível até aos dias de hoje encontrarmos achados arqueológicos que perduraram por séculos na história.

No Brasil existem políticas nacionais que apoiam a questão da cerâmica/olarias como fator para o desenvolvimento de uma determinada área ou estado, uma delas é conhecida como Arranjos Produtivos Locais (APL), que foi criada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), cuja finalidade é a união de diversos membros de empresas e atividades para trabalharem ombreados, conforme explica:

Os Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic) é o coordenador do Grupo de Trabalho Permanente para APLs (GTP-APL), integrado por 33 instituições públicas e privadas, entre elas o Inmetro. Desde a instalação do GTP-APL, em 2004, foram identificados mais de mil Arranjos Produtivos Locais em todo o País, que abrigam aproximadamente 295 mil empreendimentos responsáveis pela geração de quase três mil empregos. (INMETRO, 2019, [s.p.]

Desta maneira, além das empresas trabalharem em parceria, sendo apoiadas e monitoradas pelo Observatório, é necessário ter conhecimento de como está a situação presente das mesmas, além de aprimorá-las para que exerçam toda sua potencialidade na economia nacional. Como visto acima, era preciso uma intermediação entre as empresas e o governo federal, então foi criado o Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais - GTP APL, que assume esta finalidade, para que assim consigam identificá-las, definir metas, e traçar objetivos de modo a propiciarem o crescimento e desenvolvimento dos arranjos produtivos locais.

As indústrias de cerâmicas no país também desempenham um papel sumamente importante na questão social, principalmente no que diz respeito à contratação de pessoas. Como são tantas as indústrias dispersas por todo o país, é de se imaginar que também é grande a quantidade de mão de obra para o exercício de suas atividades, o resultado é uma série de empregos que são gerados para o setor, que são cerca de duzentos e noventa e três mil empregos diretos e novecentos mil empregos indiretos (ANICER, 2020).

De todas as regiões do país onde as indústrias cerâmicas estão instaladas e desempenhando suas atividades de produção e venda de suas matérias-primas, as que

apresentam um número mais elevado de indústrias no setor cerâmico são as regiões localizadas na parte Sul e Sudeste do país, pois há uma maior densidade populacional, uma maior e mais acelerada atividade industrial e agropecuária, melhor infraestrutura, melhor distribuição de renda, tudo isto associado as facilidades de matérias-primas, energia, centros de pesquisa, além de universidades e escolas técnicas. Todo este conjunto de fatores acaba por contribuir para uma grande afluência de indústrias em vários segmentos do setor ceramista. Convém salientar que as outras regiões do país têm apresentado um certo grau de desenvolvimento, principalmente a região Nordeste, onde, o aumento da demanda de materiais cerâmicos para suprir as necessidades na construção civil, tem levado ao crescimento e criação de novas fábricas cerâmicas em toda a região, favorecendo ainda mais a estabilidade do setor cerâmico no Brasil (ABCERAM, 2016).

As legislações estaduais e municipais fazem menção com clareza sobre a questão das olarias em suas localidades, especialmente por ser um dos setores mais produtivos e bem-sucedidos do país. Então é de suma importância que as mesmas se manifestem com suas devidas legislações locais, apoiadas e embasadas na Constituição Federal. O Código de Posturas do município de São Luís do Maranhão no capítulo X que trata sobre a exploração de pedreiras, cascalheiras, olarias e depósitos de areia e barro no Art. 140 garante que a exploração de pedreiras, cascalheiras, olarias e depósitos de areia e barro depende de autorização para que seja concedida tal atividade, observando os preceitos no referido artigo. Licença esta que será concebida por meio de um requerimento que conterá todas as informações consideradas pertinentes mediante a lei municipal (SÃO LUÍS, 1968).

Algo que também precisa de atenção é não somente a autorização que é devida para se construir as olarias, mas também o lugar aonde será construído, neste caso, para a exploração em áreas urbanas (como é o caso de nossa pesquisa), precisa-se de um pouco mais de precaução, uma vez que toda aquela localidade conviverá diariamente com tal atividade. Acerca desta relevante preocupação, o Código de Postura do município de São Luís do Maranhão esclarece:

Art. 148 - A instalação de olarias nas zonas urbanas e suburbanas do Município deve obedecer às seguintes prescrições:

I - As chaminés serão construídas de modo a não incomodar os vizinhos, pela fumaça ou emanações nocivas;

II - Quando as escavações facilitarem a formação de depósitos de águas, será o explorador obrigado a fazer o devido escoamento ou aterrar as cavidades à medida que for retirado o barro. (SÃO LUÍS, 1968, [s.p.])

Como se pode observar não tivemos acesso a documentos específicos da região estudada. Contudo, é importante destacar que ao menos existe uma preocupação do governo quanto a exploração do solo por parte de empresas como olarias que se utilizam da argila do

solo para suas atividades, principalmente por considerarem que certos produtos das olarias trazem emanções tóxicas, sendo elas mesmas nocivas para nós seres humanos.

Outra questão bastante pertinente é sobre a segurança e cuidados neste tipo de trabalho, pois há a presença de maquinários aos quais são extremamente perigosos, a contar também a exposição diária ao calor de fornos em que são submetidos os trabalhadores que segundo Maciel, Valle e Maciel (2013), a temperatura média dos fornos de uma olaria pode chegar até 1500 °C, ou seja, deve-se ter um grande e minucioso cuidado. A respeito disso, as empresas devem por obrigação disponibilizar Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs), para evitar qualquer eventual situação, conforme vemos na Lei de Nº 6.514, de dezembro de 1977, capítulo V da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), tratando acerca da concretização de segurança e medicina do trabalho:

Art. 166 - A empresa é obrigada a fornecer aos empregados, gratuitamente, equipamento de proteção individual adequado ao risco e em perfeito estado de conservação e funcionamento, sempre que as medidas de ordem geral não ofereçam completa proteção contra os riscos de acidentes e danos à saúde dos empregados.

Art. 167 - O equipamento de proteção só poderá ser posto à venda ou utilizado com a indicação do Certificado de Aprovação do Ministério do Trabalho (BRASIL, 1977, p. 117-118).

Se faz necessário a empresas seguir à risca as determinações manifestadas na forma da lei para minimizar os riscos de acidentes dentro do ambiente de trabalho, principalmente neste caso do setor oleiro, em que os trabalhadores de olarias e cerâmicas vermelhas podem enfrentar diversos problemas de saúde, tais como descritos:

Deformidades nos dedos das mãos pelo carregamento manual de tijolos; Varizes devido ao tempo prolongado de permanência na posição de pé e pelo excesso de peso carregado; Problemas respiratórios causados pela inalação e exposição direta à fumaça emitida no processo de queima; também pela inalação de poeira de argila durante o transporte e do mesmo para o misturador, bem como no manuseio dos tijolos acabados; Irritação nos olhos causados pela exposição direta à fumaça; Problemas de coluna (lombalgias, escolioses, sífões, lordoses e outras) devido ao carregamento manual de tijolos e madeiras; Desconforto físico, fadiga muscular, câimbras, exaustão e desidratação por exposição direta ao calor emitido pelos fornos; Perda auditiva em função da exposição ao ruído emitido pelos maquinários acima do limite de tolerância; Dermatoses por contato direto com os diversos materiais manuseados (madeira, pó de serra etc); Problemas de pele por exposição prolongada ao sol. Lesão por esforço repetitivo/ distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho LER/DORT. (GOMES, 2010, p. 28)

Com tantos perigos circundando este ambiente de trabalho do setor oleiro, se faz necessário não somente leis aplicadas, mas também fiscalizações das mesmas que garantam o mínimo de riscos possíveis aos empregados. Sendo observados os problemas situados neste setor, é provável a ocorrência de acidentes e estes, podem ocorrer nos diferentes níveis de

gravidade, para tal, a legislação nacional na sob a responsabilidade da Previdência Social é bem clara ao tratar sobre este ponto:

Art. 338. A empresa é responsável pela adoção e uso de medidas coletivas e individuais de proteção à segurança e saúde do trabalhador sujeito aos riscos ocupacionais por ela gerados.

Art. 339. O Ministério do Trabalho e Emprego fiscalizará e os sindicatos e entidades representativas de classe acompanharão o fiel cumprimento do disposto nos arts. 338 e 343.

Art. 341. O INSS ajuizará ação regressiva contra os responsáveis nas hipóteses de:
I - negligência quanto às normas-padrão de segurança e higiene do trabalho indicadas para proteção individual e coletiva [...] (BRASIL, 1999, [s.p.]

Entende-se, assim, que mediante a lei não há exclusão da responsabilidade da empresa pelo acidente ocorrido com quaisquer de seus funcionários dela dependente, ou seja, a mesma empresa responderá perante a lei, mediante qualquer evento que cause danos aos seus trabalhadores, e, como prova do cumprimento das medidas de segurança há a fiscalização do próprio órgão público competente.

Todo o trabalho possui seus riscos, uns mais, outros menos, porém ante a lei os trabalhadores são respaldados com seus direitos em qualquer eventual insalubridade que possa colocar em risco tanto a sua saúde como a sua integridade física. É responsabilidade das mesmas empresas garantir a exposição ao menor dos riscos aos seus empregados para que possam executar com segurança todo o seu trabalho.

Entendemos que a atividade das olarias se constitui de grande forma, em uma atividade da qual muitas pessoas inseridas neste contexto dependem, retirando dela mesma os subsídios necessários para a sua sobrevivência. As olarias devem estar asseguradas por lei para assim respaldar a todos quantos dependem direta ou indiretamente dela como fonte de renda.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa faz uso de uma abordagem qualitativa. Segundo Flick (2009, p. 23) as características da pesquisa qualitativa são:

[...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento e na variedade de abordagens e métodos.

A pesquisa de cunho qualitativo envolve uma gama de processos que a norteiam e devem ser seguidos para a melhor compreensão de uma determinada problemática. Tal abordagem de pesquisa torna o pesquisador o mais próximo possível da questão a ser pesquisada, tendo como resultado final a produção do próprio conhecimento como falou o autor anteriormente.

Alguns autores ao especificar a abrangência da pesquisa qualitativa a definem como tendo cinco principais características nela observadas, a saber: 1. A origem direta de todos os dados é o ambiente natural onde se situa a pesquisa, sendo o instrumento principal o investigador. 2. A investigação qualitativa é descritiva, ou seja, os dados que são obtidos são em palavras ou imagens visuais e não em dados numéricos. 3. O objetivo maior dos investigadores em pesquisas de cunho qualitativo, está mais voltada para o processo da pesquisa do que simplesmente na obtenção dos resultados. 4. Os dados encontrados na pesquisa serão analisados de maneira indutiva pelos investigadores qualitativos, sendo assim, os mesmos não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou negar hipóteses construídas seja por suas próprias pesquisas ou em pesquisas alheias. 5. O significado assume um papel de extrema importância, sendo vital na abordagem qualitativa, tal significância é primeiramente identificada pelos sujeitos investigados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A pesquisa qualitativa na sua execução surge como uma quebra de paradigma, uma vez que não é preestabelecida, como uma norma em que se deve seguir à risca de maneira rígida, ao invés, concede que a criatividade e a fecundidade transportem os pesquisadores lhes possibilitando sugerir trabalhos, levantar questões e a indagar para que novos enfoques sejam explorados (GODOY, 1995).

O contexto da pesquisa é o município de Turilândia no estado do Maranhão, que conta com uma população estimada de 25.619 habitantes segundo os dados mais recentes do IBGE (2019). A cidade está localizada na parte norte do estado em uma região denominada de Baixada Maranhense, com as seguintes coordenadas: 2°13'53" Latitude/Sul e 45°18'35" Longitude/Oeste.

O âmbito de nossa pesquisa se dará mais especificadamente na parte costeira do município, próxima ao principal acidente geográfico da região, o rio Turiacu (Figura 1). Neste local é onde se encontra uma grande quantidade de Olarias, que se estendem por quase toda a extensão costeira da cidade (circuladas em amarelo no mapa), abrangendo dois bairros: o Centro da cidade e o bairro São Pedro, cobrindo assim uma distância equivalente a 1.705 metros, onde as olarias se utilizam da argila para fabricação de cerâmicas em geral.

Figura - Localização das olarias na parte costeira do município de Turilândia – MA.



Fonte: Google Earth, 2020.

Os sujeitos da pesquisa são os próprios moradores locais da comunidade nas proximidades das olarias, ou seja, são testemunhas oculares das influências oleiras na região. Os critérios utilizados para seleção dos participantes incluíram os sujeitos morarem nas proximidades onde há a ocorrência das atividades das olarias e se dispuserem voluntariamente a participar da mesma, uma vez que muitos moradores não se sentem à vontade de conversar sobre as olarias com pessoas de fora da comunidade. Ao todo aceitaram participar oito sujeitos. Abaixo é possível observar no quadro 1 informações coletadas durante a entrevista sobre seus perfis:

Quadro 1- Perfil dos entrevistados na pesquisa

Entrevistados	Sexo	Idade	Atividade remunerada	Bairro em que reside
---------------	------	-------	----------------------	----------------------

E1	Feminino	38 anos	Professora	Centro
E2	Feminino	46 anos	Pescadora	Centro
E3	Feminino	44 anos	Pescadora	Centro
E4	Masculino	27 anos	Pedreiro	São Pedro
E5	Feminino	19 anos	Não informado	São Pedro
E6	Masculino	Não informado	Não informado	São Pedro
E7	Feminino	37 anos	Não informado	São Pedro
E8	Masculino	57 anos	Pescador	Centro

Fonte: elaborado pelo autor.

Para preservar as identidades dos entrevistados foram atribuídos códigos de identificação. A letra “E” para designar o indivíduo entrevistado seguido de um número, ficando da seguinte maneira: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7 e E8. O entrevistado E5 e E8 no momento da entrevista não souberam e/ou não se sentiram à vontade para responder algumas perguntas, sendo ajudados a respondê-las por um ente de suas famílias. No caso do entrevistado E2 um ente de sua família próximo de onde foi realizada a entrevista se manifestou veementemente com suas próprias opiniões, intervindo na entrevista ainda que não solicitado.

4.1. Coleta de dados

Para coleta dos dados utilizamos a entrevista, sendo ela importante para o processo de obtenção de informações como descreve Ribeiro (2012, p. 13):

A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito de seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

A entrevista também é composta por algumas divisões, a saber, três modalidades principais: a entrevista semiestruturada, a entrevista não-estruturada e a entrevista estruturada. A modalidade de entrevista utilizada neste trabalho, se deu por meio da entrevista semiestruturada que tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Nesta modalidade de entrevista há a versatilidade na ordem em que se realiza as perguntas perante o entrevistado, neste caso o entrevistador é livre para poder realizar perguntas adicionais para melhor entendimento do estudo em questão (MANZINI, 2012). Também nas entrevistas semiestruturadas pode haver a comparação entre os dados que foram encontrados, esta relação de comparação pode ser feita entre os vários objetos do sujeito

(BOGDAN; BIKLEN, 1994). Boni e Quaresma (2005, p. 75) vem acrescentar ainda mais ao conceito e a importância da entrevista semiestruturada afirmando:

O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Desta maneira, se percebe nas palavras dos autores que existe na entrevista semiestruturada uma maior adequação da entrevista para com o seu público alvo, retirando perguntas e acrescentando outras de forma a direcionar para o tema que se quer tratar, o que possibilita um estreitamento na relação entrevistador-entrevistado, resultando em maior obtenção de dados.

As entrevistas aconteceram no período do mês de julho, ainda no auge da pandemia pelo novo Coronavírus. Nesta ocasião as cidades (inclusive a cidade de Turilândia onde ocorreu o estudo) ainda adotavam medidas de precaução contra a pandemia, por este motivo tomamos todos os cuidados preventivos utilizando as medidas de proteção como o uso de máscaras, luvas e álcool em gel. A utilização das medidas de precaução contra o novo Coronavírus se intensificou ainda mais com relação à pesquisa devido ao fato de que as entrevistas ocorreram de forma presencial para com os entrevistados do município. Não foi possível no contexto dessa pesquisa realizar entrevista online, especialmente pela dificuldade de acesso à internet e a aparelhos necessários tanto pelo lado do entrevistador como dos entrevistados. Antes de cada entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APENDICE A) foi entregue e lido para os sujeitos.

A entrevista se dividiu em perguntas relacionadas ao ambiente em que vivem os sujeitos, ao aspecto econômico ligado às olarias e também à qualidade de vida. Buscamos a percepção dos sujeitos que habitam nas proximidades das olarias acerca dos impactos que existem ou não para o meio ambiente, ou seja, procuramos entender o que a comunidade acredita sobre a construção e trabalho das olarias, e se este favorece ou não ao meio ambiente, estimulando a preservação e a conservação da fauna e da flora, outros fatores como entender se o trabalho produzido pelas olarias possui considerável importância econômica e a existência ou não de fatores que podem trazer prejuízos para a saúde e o bem-estar da comunidade, ou seja, casos de doenças, complicações ou insatisfações ou mesmo satisfações provocadas direta ou indiretamente por parte das olarias e seu trabalho. O roteiro semiestruturados da entrevista pode ser encontrado no apêndice B.

As entrevistas foram gravadas com o aparelho celular, utilizando o gravador de voz padrão do próprio aparelho, que era ativado logo após o preenchimento do TCLE, e encerrado após a resposta da última pergunta. Todas foram transcritas tal como foram faladas, mantendo a fidelidade das falas, expressões, gírias e afins (APÊNDICE C). Abaixo segue os códigos utilizados na transcrição, conforme propostos por Preti (2009):

Quadro 2- Descrição dos códigos utilizados na pesquisa

Descrição	Código
Significado de uma palavra ou frase devido incompreensão de palavras ou de alguma frase	()
Prolongamento de vogal ou consoante. O uso deste símbolo pode aumentar em quantidade caso o prolongamento seja mais longo.	:: :::
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Fáticos	ah, aham, éh, oh, tá, uhum

Fonte: Adaptado de Preti (2009).

Muitas falas podem ser consideradas de difícil compreensão por conta de suas expressões culturais da linguagem local. Contudo, ao longo da apresentação dos resultados elaboramos notas de rodapé para melhor compressão das palavras.

4.2. Análise dos dados

A análise dos dados se deu por meio do referencial metodológico do discurso do sujeito coletivo (DSC) proposto por Lefevre e Lefevre (2006). Este possui seus fundamentos teóricos nas Representações Sociais, e vêm sendo amplamente usado e difundido em pesquisas científicas, revelando em detalhes as representações, as crenças, os valores e as opiniões a respeito de um tema específico (ALVÂNTARA; VESCE, 2008). A questão das representações sociais é uma proposta clara da reconstituição de um ser ou entidade empírica coletiva, participante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular. Esta mesma coletividade exemplifica tanto a funcionalidade de como também uma maneira de tornar acessível o papel desempenhado pela coletividade tanto na quantidade de discursos como a participação particular de cada indivíduo (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

O DSC traz falas retiradas do próprio discurso dos sujeitos, ou seja, detalhes tais como foram ditos, e que não sofreram nenhuma alteração nos vocabulários dos entrevistados, este é

capaz de revelar a coletividade das opiniões ou representações sociais de um grupo (DUARTE; MAMEDE; ANDRADE, 2009).

A elaboração do DSC apresenta três principais etapas em sua metodologia: as expressões-chave (EC), ideias centrais (IC) e as ancoragens (AC). As EC são fragmentos das falas dos sujeitos que são retirados pelo pesquisador, que contêm a natureza das ideias, opiniões e pensamentos que estão relacionados diretamente com a cultura de cada sujeito. Cada expressão-chave revela significados e sentidos emitidos, denominados de ideias centrais, representada por palavras ou pequenos trechos ditos pelo sujeito naquela expressão. As ICs ao contrário do que muitos pensam não são (ou não devem ser) a perspectiva do pesquisador, mas sim, a apresentação do entendimento presente em cada fala. Uma mesma EC pode apresentar mais de uma IC.

E por fim a ancoragem (AC) que vem designar linguisticamente os pensamentos, as crenças, ideologias, teorias e valores dos indivíduos como reflexo do ambiente onde está inserido, ou seja, é um pensamento de ordem individual, porém manifestado em todos daqueles lugares (MARINHO *et al.*, 2015). Cabe ressaltar que nem todos os trabalhos, nem todas as falas e nem todas as pesquisas trazem consigo ancoragens, pois é uma afirmação categórica de um pensamento que revela uma perspectiva única.

Assim, após a identificação dos elementos anteriores, se elabora os discursos coletivos, com os fragmentos das expressões-chaves. Normalmente as EC que possuem ideias centrais semelhantes e/ou complementares são agrupadas para elaborar o DSC. Existe a possibilidade de serem encontrados pensamentos opostos relacionados à mesma questão, neste caso é feito um DSC para as falas que se opõem. É importante ressaltar, que no DSC as falas não são dispostas na ordem que foram entrevistas ou ditas, mas na ordem que transmita coerência e coesão das ideias apresentadas.

Se faz necessário dizer que cada pesquisa é singular na sua forma de investigar, sendo utilizado pelo pesquisador as mais variadas formas de aplicar o método, que lhe possibilite obter respostas de que precise para seu trabalho. Para iniciar a análise dos nossos dados tivemos primeiramente que agrupar as perguntas com as suas respectivas respostas nos blocos relacionados nesta pesquisa, a saber: o bloco que trata sobre as questões econômicas, o bloco sobre as questões ambientais e o bloco relacionado às questões da qualidade de vida.

Após agrupadas as respostas, selecionamos as expressões-chave de cada uma delas, em seguida indicamos as ideias centrais correspondentes às expressões-chave, ou seja, o que revela de indicativo naquela expressão. Após esse momento sentimos necessidade de elaborar o que chamamos de uma síntese de cada ideia central, que revelasse de forma mais sucinta a

ideia abordada pelo sujeito. É importante lembrar que nem a ideia central e nem a síntese da ideia central são interpretações do autor, sendo a ideia central aquela as exatas ditas pelo sujeito e síntese da ideia central (propostas no nosso trabalho) uma descrição mais geral do que ele disse. Foi observado nas falas dos sujeitos um certo grau de similaridade em suas maneiras de pensar relacionadas a uma mesma pergunta, como pode ser percebido na tabela abaixo:

Quadro 3- Exemplo do ilustrativo de análise do discurso (IAD) coletivo

Entrevistado	Expressão -chave	Ideia central	Síntese da ideia central
E2	é uma cidade ruim de emprego, é uma cidade ruim de dinheiro	É uma cidade ruim de emprego	Trabalham na olaria para sustento/subsistência
	eles não quer pagar salário, eles quer dá mixaria	Eles não querem pagar salário	
	“os pessoal daqui faço de tudo um pouco...às veze eles trabalho na oleiria...”	Fazem de tudo um pouco e as vezes trabalham na olaria	
	“porque ganha um dinheirinho mais avurtado...”	Ganha um pouco mais de dinheiro nas olarias	
	a vez querem (querem) trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo”	As vezes querem trabalhar e não tem vaga	Trabalham nas olarias para ter acesso aos materiais
	“...a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo...”	Vontade de fazer uma casa	
	“assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção...”	As vezes trabalham porque ganham por produção	
E4	“...para construção civil, comprar material nas olarias... tijolos e telhas”	Para construção civil na compra de matérias das olarias	Trabalho indireto: construção civil
E7	“realmente é da onde a gente tira o sustento da gente...”	De onde tira o sustento	Trabalham na olaria para sustento/subsistência

Fonte: elaborado pelo autor.

Vale ressaltar também que uma única resposta (a depender da quantidade de informações nela presente) pode apresentar mais de uma expressão-chave e conseqüentemente mais de uma ideia central, isso se deve ao fato do entrevistado sentir-se a vontade para falar livremente acerca da pergunta a ele feita, como pode ser identificado no quadro acima. Também houve a necessidade de se fazer recortes na fala dos sujeitos, de modo que não alterasse o sentido da informação prestada pelo mesmo. Isso se deu, devido em alguns momentos em que o sujeito acabou respondendo tanto à pergunta elaborada quanto outra que ainda lhe seria feita posteriormente, desta forma houve-se a necessidade do recorte da fala do sujeito para o bloco correspondente à resposta daquela questão.

Por fim, ao começar o processo de agrupamento de ideias centrais semelhantes para elaboração do DSC identificamos, em cada bloco marcas das percepções e valores embutidos nas falas do grupo sobre as olarias, revelados em ancoragens.

Essas marcas ideológicas estavam sempre atreladas às percepções opostas da influência das olarias para o sujeito coletivo, como por exemplo: *não há condição de trabalho, não ajuda na economia, prejudica pela extração, afeta negativamente, não prejudica, não causam incômodos na saúde, não houve mudança. Ajuda pela geração de emprego, afetam positivamente*, entre outros.

Ao identificar essas ancoragens elaboramos os DSCs para cada uma delas. Cabe destacar que para construir um discurso claro e lógico buscamos não repetir expressões-chaves muito parecidas, os discursos apresentam uma organização lógica, com início, meio e fim, sempre agrupando ideias centrais semelhantes e seguindo as ideias complementares. Além disso, em algum momento da elaboração do DSC foi preciso incluir palavras, como “*mas, assim, porque, etc*”, que não foram ditas pelos sujeitos, a fim de dar coesão ao texto, para tal usamos colchetes para identificas as palavras acrescentadas A análise de todas as entrevistas pode ser encontrada no Ilustrativo de Análise do Discurso (IAD) do Sujeito Coletivo presente no Apêndice D deste trabalho.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão discutidos os resultados deste trabalho com vista nos seus três blocos temáticos relacionados à problemática das olarias na comunidade, sendo eles: o bloco socioeconômico, socioambiental e a qualidade de vida. Para cada bloco discutiremos a visão do sujeito coletivo, buscando destacar percepções tanto complementares quanto opostas ligadas a situação das olarias. Isso se deve ao fato de que alguns sujeitos investigados trouxeram opiniões semelhantes e complementares, que foram analisadas e construídas em um único discurso coletivo de acordo com a temática, tendo em vista que trazem ideias encadeadas, enquanto que sujeitos com ideias opostas a eles foram analisados e construídos discursos separados produzindo assim, sempre dois discursos do sujeito coletivo dentro do mesmo bloco relacionado.

Assim construímos os discursos coletivos com base nas ancoragens identificadas, sendo elas:

Quadro 4- Ancoragens referentes aos blocos da pesquisa

Ancoragens- bloco socioeconômico
1- As olarias são fontes de renda e moradia para a população e ajudam a economia da cidade 2- As olarias não são positivas e não ajudam a economia da cidade
Ancoragens- bloco socioambiental
1. As olarias provocam mudanças e ou prejudicam o ambiente 2. As olarias não provocam mudanças e não prejudicam o ambiente
Ancoragens- bloco qualidade de vida
1. As olarias não afetam e não prejudicam a saúde 2. As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas

Fonte: elaborado pelo autor.

Após montado o discurso dentro dos blocos, destacaremos as principais questões que nos propiciam entender e os aspectos socioambientais a partir da visão da comunidade.

A perspectiva Socioeconômica

Todas as falas neste bloco estão intrinsecamente relacionadas com a questão socioeconômica das olarias dentro da comunidade em questão. Ao montarmos o discurso percebemos que existem duas vertentes recorrentes entre os moradores da comunidade, uns que acreditam que *as olarias são fontes de renda e moradia para a população e ajudam a economia da cidade* e outros que discordam desse pensamento afirmando que as mesmas *não são positivas e não ajudam a economia da cidade*. A seguir discutiremos cada DSC:

1. As olarias são fontes de renda e moradia para a população e ajudam a economia da cidade

Falar sobre oleria de fazimento [...]se trabalhando é com barro...ali tem que se sujar, [mas] eu acho bom o serviço deles, no incomoda nós, ninguém aqui. Qu'elas¹ são muito importante, eu acho bom porque tá perto pra gente comprar o tijolo. Depois que começou cerâmica pra nós aqui foi melhor que tem os material pra gente comprar [...]aí não tendo olaria, pra gente compra pra longe é mais difícil e sai mais caro, não falta o tijolo pra vender, não falta as vez material, a gente compra os material e levanta as casa, tem umas oleria² que a gente vê que os tijolo são bonito, coisa boa é o tijolo, constrói as casa né. Agora só que eu disconcordo³ realmente é a venda e o preço que tá fora de jeito, todo trabalho ele dá trabalho, gente tem que fucijar⁴, gente tem que suar, tem que lutar. O pobrema é que na hora de vender eles querem tirar um absurdo...os tijolo a gente sabe que é feito é dos barro, o cimento também eles faço aqui mesmo, aqui por perto, [...] um objeto que as pessoas mesmo produz, tirar um absurdo daqueles que não tem, tem gente aqui que mora em casa de taipi⁵. [Mas] o importante que fornece a população e não para de dar vez pro pai de família, [e] tem trabalho pros necessitado, que precisam de trabalhar, eu acho o trabalho deles bom porque de qualquer maneira é dali que eles tiro os rango, tem [...] que trabalhar pra poder sobreviver, eles dependem disso... o sustento deles vem do trabalho, é um trabalho de cada um, é o único meio de renda que os pessoal tem, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda. A cidade não tem todo serviço, o trabalho aqui é fraco mermo, não tem uma indústria não tem nada né, o cara tem que resolver botando mermo essas, trabalha nessas olarias mermo. Tem muita gente aqui no bairro que querem acabar -- eu não concordo -- porque se acabar, aonde muitas família vai tirar seu sustento? Não tem como. É um trabalho digno[...]trabalhar na oleria, você tá tirando o seu sustento. Os pessoal daqui faço de tudo um pouco...às veze eles trabalho na oleiria⁶ porque ganha um dinheirinho mais avurtado⁷, realmente é da onde a gente tira o sustento da gente, [mas] a vez querem⁸ trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo. É uma cidade ruim de emprego, é uma cidade ruim de dinheiro, eles não quere pagar salário, eles quere dá mixaria, [por isso trabalham] para construção civil, comprar material nas olarias, tijolos telhas. [E] a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo, assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção. [E Ajuda a economia da cidade] por causa dos tijolos, por causa do serviço deles [...] se a pessoa não tiver o serviço é difícil, se acaba uma olaria dessa, pessoa fica sem ter serviço... pra sobreviver né. A geração de emprego beneficia muita gente [...] da comunidade, dá serviço pra muita gente, ajuda, pagando imposto, nem todo mundo tem acesso a comprar uma coisinha, quem trabalha compra a comida, calçado a roupa, qu'ele ganha o dinheiro e taca dentro da cidade. [Ajuda] no preço dos materiais, tijolo e teia, na quantidade do preço, é muito tijolo, como eles coloco uma fornada de tijolo dar d'eles tirá⁹ o luco¹⁰ do serviço deles, é o meio de compra e venda

¹ Qu'elas. É que elas.

² oleria. Olaria.

³ disconcordo. Não concordar, discordar de algo.

⁴ fucijar. Exercer ou aplicar força sobre algo.

⁵ taipi. Taipa, designa moradias cuja matéria prima para sua construção é o barro.

⁶ oleiria. Olaria.

⁷ avurtado. Maneira coloquial de se falar a palavra avultado e aqui se traduz por algo cheio e/ou numeroso.

⁸ querem. Pode ser traduzido por querem.

⁹ tirá. Tirar ou retirar.

¹⁰ luco. Lucro.

né, no caso eu trabalho de compra com [...] material dele, vende pra outras pessoas, então eu acho que isso aí vai gerando... [...] meio de economias, e aí lucro e tudo.

Como se pode observar as olarias desempenham um papel de grande importância para os moradores desta comunidade segundo a fala do sujeito quando nos diz: *“Qu’elas são muito importante, eu acho bom porque tá perto pra gente comprar o tijolo...”*. A própria população entende o significado que as mesmas prestam, uma vez que estão próximas deles, minimizando a compra em outras cidades e/ou regiões, reduzindo os gastos de transportes em longas distâncias no traslado do produto para sua obtenção. A facilidade que se tem dos objetos para a construção e a redução dos gastos envolvidos na compra em outros lugares é bem notória quando o sujeito fala que *“...pra gente compra pra longe é mais difícil e sai mais caro...”*, então é preferencial o fato de se ter olarias inseridas no contexto da comunidade.

Se por um lado há a preferência do sujeito quanto a presença das olarias por conta da facilidade de acesso, que parece de fato ter mudado a conjuntura das casas na região, por outro lado é mostrado um notório descontentamento no que tange a compra dos materiais em vários trechos da fala observada que ainda parece ser expansivo para determinadas famílias: *“...Agora só que eu disconcordo realmente é a venda e o preço que tá fora de jeito...”*, e principalmente em: *“...O problema é que na hora de vender eles querem tirar um absurdo...os tijolo a gente sabe que é feito é dos barro, o cimento também eles faço aqui mesmo, aqui por perto, [...] um objeto que as pessoas mesmo produz, tirar um absurdo daqueles que não tem, tem gente aqui que mora em casa de taipi...”*. Nestes trechos são mostrados o descontentamento dos moradores com vista no preço abusivo da venda dos materiais produzidos pelas olarias, além da revolta em não saber o porquê do aumento dos preços, uma vez que os materiais são todos tirados e produzidos ali mesmo na localidade onde se encontram, o que aumenta ainda mais o descontentamento dos moradores. A insuficiência do recurso financeiro para a compra dos materiais que, conforme o sujeito diz, que está um tanto caro, se mostra na condição de moradia de alguns dos próprios moradores da comunidade, aos quais ainda vivem em casas de *“taipi”* (taipa).

A situação vivenciada pela comunidade com respeito ao preço abusivo dos materiais vendidos pelas olarias se mostra contrária aos resultados obtidos por Schettino (2016) ao tratar sobre esta mesma questão do preço dos materiais vendidos nas olarias, e, segundo os seus entrevistados o preço era muito abaixo do que o normal, sendo a concorrência da venda com outros estados o principal motivo dos baixos preços dos produtos das olarias, o que resultava em muito trabalho, pouca arrecadação e conseqüentemente, salários baixos. Mesmo que o

resultado obtido por Schettino (2016) tenha sido diferente, ao mesmo tempo traz uma possível resposta para esta situação vivenciada na comunidade do município de Turilândia, que é a falta de concorrência com outros estados ou regiões na venda dos materiais provenientes das olarias, o que favoreceria o aumento local do preço da venda dos materiais como é o que de fato tem ocorrido.

Fora a questão do preço, o sujeito coletivo é enfático em concordar no fato de que as olarias tem a sua importância, e justifica essa questão ao longo de toda a fala, demonstrando a significância de existirem no seu contexto, principalmente quando observado, por exemplo, os trechos: “...[Mas] o importante que fornece a população e não para de dar vez pro pai de família...”, “tem trabalho pros necessitado, que precisam de trabalhar, eu acho o trabalho deles bom porque de qualquer maneira é dali que eles tiro os rango” ou então: “tem [...] que trabalhar pra poder sobreviver, eles dependem disso...”. Os trechos nos mostram sobre outros aspectos das olarias que surgem como uma opção de trabalho para aqueles que se dispõem a trabalhar nelas, servindo como fonte de renda na economia de muitas famílias que dependem e precisam deste recurso para sobreviver.

Segundo Vargas (2016) o setor oleiro tem um impacto muito relevante na sociedade devido ao consumo de recursos tais como: comprada de produtos presentes na própria localidade, produtos manufaturados, combustível e etc., ocasionando assim em mudanças significativas nos aspectos sociais devido à geração de empregos e um aumento na demanda de bens e serviços.

Ao mesmo tempo, esse pensamento abre espaço para uma certa apreensão, que é a de este trabalho vir a acabar, como pode ser visto: “se a pessoa não tiver o serviço é difícil, se acaba uma olaria dessa, pessoa fica sem ter serviço... pra sobreviver né...”, e de uma forma ainda mais intensa é observado no trecho: “Tem muita gente aqui no bairro que querem acabar -- eu não concordo -- porque se acabar, aonde muitas família vai tirar seu sustento?...”. Este último vem mostrar que algumas das propostas de se acabarem as olarias surgem de alguns dos próprios moradores, o que mostra que nem todos são a favor do seu trabalho neste contexto.

Porém, existe uma ressalva que é a não generalização da fala do sujeito quanto aqueles que se dedicam a esse tipo de trabalho, ou seja, não se trata de todas as famílias da cidade que precisam e se dispõem a trabalhar em olarias; e isto é bem notado quando o sujeito diz: “é um trabalho de cada um, é o único meio de renda que os pessoal tem, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre...”, aqui então percebemos que a palavra “bairrozinho” é uma expressão empregada pelo sujeito para descrever uma certa parcela ou

neste caso, uma certa localidade da cidade, em que segundo os moradores é composta por pessoas de baixa renda.

Inferimos pelo trecho que o sujeito não salienta um lugar equidistante de si, como se estivesse se referindo a um suposto lugar ou a possibilidade de uma realidade, mas sim está se tratando do próprio lugar em que se situa como bem pode ser observado: “*desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre*” (grifo nosso). Desta maneira entende-se que o local onde se situa aquele bairro é uma extensão da cidade (comumente circunvizinhas às olarias) e se caracteriza pela concentração de pessoas de baixa renda, que encontram nas olarias um meio de subsistência para garantir a renda de suas famílias.

Esta situação de vulnerabilidade socioeconômica por parte de alguns dos moradores desta localidade aos quais trabalham ou dependem das olarias é bem descrita nos estudos de Zanelatto e Salib (2020) cujos resultados acabaram revelando situações inconsistentes de vida, por parte dos trabalhadores das olarias em seu estudo, sendo os mesmos desprovidas até de expectativas de vida. Eles podem até serem incluídos na situação de vulnerabilidade social principalmente ante o cenário brasileiro contemporâneo, e, mesmo que estejam em situação de formalidade, com suportes trabalhistas assegurados por lei, ainda assim, vivenciam muitas dificuldades para reprodução material de suas vidas e de suas famílias, tendo de conviver rotineiramente com os baixos índices salariais sendo até mesmo impedidos da garantia do mínimo existencial (PINHEIRO, 2016).

Um ponto agora extremamente interessante para entender a real importância econômica que tem as olarias para a comunidade é a questão da disponibilidade de emprego na cidade. Esse é um ponto crucial para a compreensão da visão do sujeito coletivo, e ele ressalta: “*A cidade não tem todo serviço, o trabalho aqui é fraco mermo, não tem uma indústria não tem nada né, o cara tem que resolver botando mermo essas, trabalha nessas olarias mermo*”, então a questão da disponibilidade ou indisponibilidade de emprego na cidade não deve ser desconsiderada, como é o caso da realidade em questão, que acaba por tornar o trabalho ainda mais escasso, fazendo com que muitos moradores destas localidades encontrem nas olarias a única possibilidade de obtenção de renda o que acaba leva-las a ingressar neste tipo de trabalho, como pode ser visto neste outro trecho: *eles não quiere pagar salário, eles quiere dá mixaria, [por isso trabalham] para construção civil, comprar material nas olarias, tijolos telhas. [E] a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo, assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção.*

Algo a destacar aqui é um outro problema que tem surgido a partir da forte demanda de emprego nas olarias por parte dos moradores, que tem acarretado na disponibilidade de vagas nas mesmas, e, é justamente o que podemos identificar no trecho: *“realmente é da onde a gente tira o sustento da gente, [mas] a vez querum (querem) trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo”*, então o efeito da baixa disponibilidade de emprego na cidade acaba sobrecarregando a todos os setores, tornando ainda mais crescente o índice de desemprego sendo este uma de tantas causas para a ocorrência do fenômeno migratório em nosso país (FUSCO, 2012). Boa parte dos moradores reconhecem a significância que tem as olarias no seu contexto, isso, pelos mais diversos motivos que os beneficiam, seja de forma direta (com relação àqueles que trabalham nas olarias para obtenção de renda), como de forma indireta (aqueles que serão beneficiados com a rotatividade da economia local), como concordam Santos, Vieira e Pinto (2009, p. 73) e dizem:

Além dos empregos diretos a presença das olarias proporciona também empregos indiretos, como por exemplo, mecânicos (que prestam serviço as máquinas), lenhadores (que fornecem a madeira para que o tijolo seja assado), os empregados do comércio da construção civil, entre outros. Os empregos criados possibilitam a geração de renda que movimenta o comércio local e contribui para o desenvolvimento da cidade.

O autor cita a geração de emprego não somente de forma direta como aqueles que trabalham nas olarias, mas também àqueles que trabalham e dependem indiretamente dela para obtenção do sustento necessário para a subsistência, nos mais diversos serviços e, segundo ele, toda essa geração de emprego acaba resultando no crescimento da economia local e desenvolvimento da cidade. É perceptível na própria fala do sujeito coletivo a distinção dos trabalhos diretos e indiretos proporcionados pelas olarias, beneficiando quem depende delas como por exemplo: *“A geração de emprego beneficia muita gente...”*, *“... dá serviço pra muita gente, ajuda, pagando imposto...”*, *“...às vez eles vão trabalho e ganho por produção...”* esses trechos do DSC são exemplos do trabalho direto proporcionado pelas olarias na visão do sujeito coletivo. Por conseguinte, o mesmo descreve o trabalho indireto quando diz: *“...no caso eu trabalho de compra com [...] material dele, vende pra outras pessoas, então eu acho que isso aí vai gerando... [...] meio de economias, e aí lucro e tudo.”*, o sujeito aqui é bem específico de que não trabalha nas olarias, mas depende dos materiais produzidos por ela, que será revendido, garantindo assim o seu *“lucro”*.

Os trabalhadores das indústrias cerâmicas exercem atividades consideradas de baixa posição socioeconômica, na grande maioria das vezes, são pessoas que tiveram poucos anos na escola e apresentam pequena qualificação profissional. Na sua maioria, se sujeitam aos ambientes insalubres, perigosos e aos baixos salários, justamente pela falta de melhores

oportunidades para obtenção de renda para o sustento de suas famílias. O motivo de procurarem nas indústrias cerâmicas um emprego é porque o setor é um dos raros que ainda aceita trabalhadores com pouca ou nenhuma formação educacional. E assim acaba sendo a única opção de trabalho para muitos destes (PINHEIRO, 2013), seja pela renda direta ou indireta.

2. As olarias não são positivas e não ajudam a economia da cidade

“Eu acho que não [é positivo], porque não... tem aquele...: acabamento adequado pra eles trabalhar. [Na economia] ajudar ela num¹¹, eu acho que não pode, no meu modo de vida né, só no caso... se a olaria fosse registrada [...] aí eu não sei se essa daí é registrada ou não, aí eu não posso dizer que sim e nem que não -- porque essa aí é meio baçado¹².”

Esta opinião se mostra contrária às ideias anteriores, por dois principais motivos: 1) o fato de as olarias não possuírem um acabamento adequado para se trabalhar, e 2) a incerteza de que algumas dessas olarias não são registradas, apontando ser um serviço “baçado”, ou seja, embaçado, na linguagem local, remetendo a algo complicado. Sobre essa falta de acabamento do qual fala o sujeito coletivo, é uma forma de falar sobre as olarias mais especificadamente sobre sua parte estrutural, que, em muitos casos não tem a mínima condição de comportar um trabalho adequado. Nos estudos de Salib (2018) ao investigar a vida, e a condição de trabalho, bem como o que leva tais pessoas a trabalharem no setor oleiro na cidade de Sangão, município de Santa Catarina, explicou que isso acontece devido a diferentes fatores:

Podemos considerar esta condição de satisfação com um trabalho precário e que fornece poucas condições de subsistência como uma conformação com a situação existente. A pouca qualificação profissional, as escassas possibilidades de empregos existentes na cidade fora do segmento cerâmico e a necessidade de prover o sustento da família são fatores que influenciam nesta situação, levando o trabalhador a se conformar com o emprego de que dispõe. (SALIB, 2018, p. 103)

Em seu estudo a autora encontra alguns dos motivos que influenciam certas pessoas a ingressarem nesta modalidade de trabalho e ainda o classifica como precário pela real situação de insalubridade vivenciada dia após dia pelos trabalhadores que se sujeitam tal condição. Esta visão da autora justifica o entendimento do sujeito nos pontos citados, ao discordar das influências positivas colocadas pelas olarias da região, uma vez que destaca a precariedade vivenciada pelos trabalhadores da mesma. Todavia, cabe destacar que em nossa pesquisa não fomos confirmar e/ou confrontar diretamente tal situação pela observação direta do local, seja

¹¹ num. negação de algo, também podendo ser traduzido por não.

¹² baçado. Termo que pode ser traduzido por embaçado, uma gíria que significa algo complicado.

neste trabalho ou em trabalhos de outrem, sendo que todas as informações aqui discutidas partem exclusivamente da percepção dos moradores locais.

É importante pontuar, que tal posicionamento do sujeito coletivo apontado nesse discurso, não é totalmente antagônica ao discurso anterior, tendo em vista que é visivelmente observado na fala do sujeito que moradores da própria localidade, além de não concordarem com a atividade das olarias, ainda se manifestam para fecharem as mesmas.

A perspectiva socioambiental

Ao montar o Discurso do Sujeito Coletivo para o bloco socioambiental, percebemos a existência de duas vertentes, assim como aconteceu anteriormente na visão socioeconômica. Neste bloco a primeira perspectiva é a que discorre que *as olarias provocam mudanças e/ou prejudicam o ambiente* e segunda de que *as olarias não provocam mudanças e não prejudicam o ambiente*

1. *Olarias provocam mudanças e/ou prejudicam o ambiente*

Não deixa de não ser um pouco ... é um certo local de tiração¹³ de material, no barro, através do material que eles tiram pra fazer os tijolos. Pra tirá¹⁴ o barro também, faz os buraco, que dizer que aí a pessoa, o município e a natureza também sai prodigicado¹⁵ por causa disso, principalmente nos buraco que eles faz, porque fico cavando em alguns lugar, primeiro não tinha esses buraco agora... eles cada vez mais fazendo pior né. E também ...a fumaça que ela... polui o ar, aquela fumaça também ... pra mim tem muita contaminação [...] poluição, fica muito sujeira, principalmente a fumaça é que empata mais. Com certeza, na fumaça, ficou bem diferente, é porque o sol [...] fica todo tempo assim alguma coisa que tá:: nem quente nem normal, porque parece que tá doente, só por causada fumaça, tem muitos, muitas coisas que prejudica aí por causa das oleria. Tem essa parte também que é prodigicado... das arve¹⁶ qu'eles¹⁷ tiro pra queimar o tijolo, os material, na floresta é que acaba com a mata na derrubação ...de madeira pra encher forno pra botar pra queimar os tijolos, pela por forestamento¹⁸ eu acredito que prejudica bastante, mas eu não discordo também porque é o trabalho deles e tem nem onde trabalhar, tem que ser é aí.... Lembro que quando a gente chegamos aqui nesta beira de rio [...] era diferente... agora acabada... acredito que prejudica bastante. [...] não tem mais mata pror¹⁹ bicho se esconder, porque eles se afastam, porque eles preciso mais da floresta pra sobreviver e eles [as olarias] preciso da madeira pra queimarem, e aonde eles vão desmatando os animais vão se mudando, vão morreno²⁰. [...] Primeiro tinha muita arve²¹, aí, com as olaria

¹³ tiração. Que remonta a retirada ou exploração de algo.

¹⁴ tirá. Tirar ou retirar.

¹⁵ prodigicado. Prejudicado.

¹⁶ arve. Árvore

¹⁷ qu'eles. É que eles.

¹⁸ forestamento. Termo usado pelo sujeito coletivo para falar reflorestamento.

¹⁹ pror. Para os.

²⁰ morreno. Morrendo

²¹ arve. Árvore.

fore²² derribando pra queimar forno, aí foi acabando...tinha cutia aqui quando nós chegemo²³... nós chegamo aí era mata vigi...nós chegamos aqui...era um gapozal²⁴ medonho, as olaria foram acabando tudinho pra queimar forno. [Também] logo quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás... quar²⁵ não tinha casa, que dizer que era só um tucunzal, era tucunzal era um tipo sim uma capoeira... e tinha mais pássaro, as vez aqui eles caço, eles mato os pássaro [...] tinha bastante socó, tinha bastante galça²⁶, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta, [...]...tinha leva-riba, tinha uns coisa, mas com esse negó²⁷ depois queles²⁸ encheró²⁹ de casa dentro da cidade, os bichinho se afasta...queles não vão ficar no meio da cidade né. Nunca vi [ação ecológica]... não tem esse benefício... eu digo que não, não existe nada de bom, aqui na área não. Não tem nenhum, porque realmente, eles preciso da madeira e é desmatando ...acabando com a floresta com tudo que eles preciso da madeira pra queimar tijolo, e aí não tem como eles recomperar³⁰, que devasto, devasto, éh, não é nada recuperado. [Na verdade] nem é ele mermo que desmato, os dono das olaria não... os dono das olaria que desmata não. As terra que vem a madeira pra eles fazer o serviço não é deles, éh eles compra... vem de todo canto, quem tem algum pedaço de terra, eles cortam muitas arve na beira do rio pra queimar forno né. Porque hoje, quem acaba com a maioria das floresta é os fazendeiro, eles já compram do fazendeiro, se os fazendeiro não vendesse a madeira eles³¹ num tinha acendio³² o forno. A oleria depende da lenha se não, não faz... Eles compro essa lenha daí vem ar lenha de lá, aí trago pa oleria, mas aí quem já pode assim explicar é onde há essas pessoa de mora perto do desmatamento, que tá vendo aquele movimento. Tem pessoas que acaba com a floresta, as floresta não pode acabar, porque a floresta é uma coisa também que traz recurso pra gente.”

Nas palavras contidas no DSC que acredita de que as olarias provocam mudança e/ou prejudica o ambiente, são evidentes as especificidades empregadas pelo sujeito coletivo para caracterizar a problemática das olarias, assim como o reconhecimento por sua parte a respeito dos impactos que as olarias podem causar no meio aonde se encontra.

Muitos desses impactos são visíveis no ambiente, aos quais podem ser observados nos seguintes trechos: “...é um certo local de tiração de material, no barro, através do material que eles tiram pra fazer os tijolos...”, “Pra tirá o barro também, faz os buraco, que dizer que aí a pessoa, o município e a natureza também sai prodigicado por causa disso...”, “...fico cavando em alguns lugar”. Como se pode ver, os trechos da fala do sujeito mostram que a retirada da argila do solo, como matéria-prima para a fabricação dos materiais, é um ponto prejudicial para o meio ambiente. Assim a extração de argila tem provocado o aparecimento de várias cavas,

²² fore. Foram.

²³ chegemo. Chegamos.

²⁴ gapozal. Termo utilizado pelo sujeito coletivo para designar uma área composta densamente por floresta, sendo esta geralmente inundada durante o longo período das chuvas na região que acarreta na cheia dos rios e consequentemente na inundação de áreas próximas às suas margens.

²⁵ quar. Quase.

²⁶ galça. Garça.

²⁷ negó. Negócio.

²⁸ queles. Que eles.

²⁹ encheró. Encheram.

³⁰ recomperar. Recuperar.

³¹ num tinha. Não tinham.

³² acendio. Acendiam.

que acabam acumulando água no período das chuvas, sendo um potencial ambiente para o desenvolvimento e proliferação de mosquitos causadores de doenças (SANTOS; VIEIRA; PINTO, 2009).

De uma forma geral, a exploração da argila pode apresentar inúmeros efeitos ambientais nas diversas fases de sua exploração, a começar com a abertura de cavas no solo para extração do material por meio da utilização de maquinário para escavação, seguido da movimentação da terra que a princípio causa mudanças drásticas na paisagem local e por conseguinte, outros impactos no andamento do processo relacionados às cavas, como as alterações dos níveis dos cursos d'água, o aumento da quantidade do material sedimentado em suspensão, a promoção do assoreamento, desmatamento, descaracterização do relevo e alteração do meio atmosférico, mais precisamente na qualidade do ar (SANTOS, 2015).

O impacto significativo com o aumento do número de covas anda lado a lado com a perda da fertilidade do solo por conta da sua descaracterização, sendo um dos tantos resultados de tal atividade de exploração. O fim disto é a diminuição da biodiversidade e do potencial de sustentabilidade dos sistemas, e, caso não haja uma intervenção a tempo, a perda total da mesma, constituindo-se um dano ecológico incalculável para essas áreas, que são ricas em matéria orgânica e nutrientes disponíveis para as plantas (RODRIGUES, 2017).

Ao longo do discurso o sujeito coletivo é bem enfático quando diz que os buracos causados pela retirada da argila estão sem controle e que a situação tem se agravado ao longo do tempo como visto nesta parte: “...primeiro não tinha esses buraco agora... eles cada vez mais fazendo pior né...”. Baseado nesta afirmativa podemos fazer inferências sobre duas possibilidades da ocorrência dessa problemática: a primeira é a de que as olarias sempre retiraram a argila do solo, porém não era notório aos olhos dos moradores locais e que ao longo do tempo se tem tornado um grande agravo ao meio ambiente, e a segunda é a de que as olarias não retiravam a argila da localidade, assim não seria mesmo vista pelos moradores e que ao longo do tempo começaram a retirar de lá, sendo visível tal ação no que tange a formação de buracos na camada do solo. De qualquer maneira é entendido claramente que a formação de buracos é considerada pelo sujeito como algo negativo, sendo causada pelas olarias na região.

Segundo os estudos de Ribeiro e Manzione (2012) as cavas sempre existiram nestes locais, porém não ficam tão perceptíveis, uma vez que estão em lugares de difícil trânsito devido à proximidade com o rio (que fica distante da cidade onde se baseou a pesquisa dos mesmos) e das estradas de acesso que, em sua totalidade são de terra e em relevo acidentado, dificultando ainda mais a movimentação por estas áreas. Mas no decorrer de alguns anos o próprio autor observou que alguns locais muito próximos das cavas foram loteados e posteriormente serviram

de áreas para construção de residências, o que explicaria a então notoriedade da fala do sujeito coletivo e o seu descontentamento ante as muitas cavas que foram feitas.

Outra questão que causa atenção por parte dos próprios moradores é a fumaça proveniente a partir da queima dos materiais nos fornos, onde, os próprios moradores entendem os prejuízos incomparáveis que trazem para o meio ambiente através do alto grau de contaminação que existe na fumaça das olarias como se percebe na fala do sujeito: “*E também ...a fumaça que ela... polui o ar, aquela fumaça também ... pra mim tem muita contaminação*”, “*poluição, fica muito sujeira, principalmente a fumaça é que empata mais*”. A opinião do sujeito coletivo é imperativo comum em trabalhos sobre as olarias, e afeta diferentes áreas seja ambientais e/ou sociais. Galvão Filho (2013, p. 11- 12) explica que a poluição atmosférica causa grande impacto sobre o meio ambiente, como por exemplo as plantas:

Várias plantas são sensíveis para os poluentes do ar. Algumas são usadas como indicadores de poluentes do ar porque elas demonstram um tipo característico de dano para um poluente específico. Os poluentes do ar entram nas folhas das plantas principalmente através dos seus poros ou estômatos. A extensão dos danos varia devido a vários fatores: as características dos poluentes (concentração, duração, propriedades físicas e químicas etc.); condições climáticas (temperatura, intensidade de luz, precipitação etc.); condições do solo (umidade, nutrientes etc.) e fatores biológicos (estágio de desenvolvimento, composição genética, insetos, doenças etc.). Os poluentes do ar afetam vários tipos de vegetação, incluindo as plantações na agricultura. Eles também afetam a agricultura através da diminuição do valor do produto (a qualidade pode ser afetada e a época de venda pode ser adiantada ou atrasada), ou aumenta o custo da produção (decréscimo do valor da plantação, pela necessidade de uso de fertilizantes e irrigação etc.).

O autor destaca os impactos que a poluição é capaz de causar sobre a vegetação, e pontua que as consequências são as mais adversas possíveis afetando até mesmo a própria economia pela baixa qualidade do produto comercializado, diminuição da venda, atraso da colheita. Essa observação sobre vegetação é importante, pois muitas comunidades ainda vivem da agricultura familiar. Além disso a fuligem que sai junto com a fumaça da queima dos tijolos, contamina o solo e cai nos rios próximos, locais também de subsistência de comunidades ribeirinhas.

Analisando um outro trecho referente a poluição causada pela fumaça, o sujeito coletivo diz: “*Com certeza, na fumaça, ficou bem diferente, é porque o sol [...] fica todo tempo assim alguma coisa que tá:: nem quente nem normal, porque parece que tá doente, só por causa da fumaça*”, o sujeito faz uma associação entre a questão da fumaça e o sol, afirmando que *tá doente, só por causa da fumaça*, essa expressão é corroborado por meio de inúmeras pesquisas que associaram as poluições à níveis atmosféricos relacionadas ao aumento da temperatura, também conhecido como efeito estufa, uma vez que, com o aumento da emissão de gases geradores do efeito estufa, provenientes de queimadas, unidos ao desmatamento, a

formação de ilhas urbanas de calor, etc., tem como resultado, mudanças significativas no clima, mais especificadamente no seu aumento, por conta de ações antropogênicas, ou seja, vindas do próprio homem (NOBRE; SAMPAIO; SALAZAR, 2007).

A retirada da madeira também é um ponto crucial a ser destacado no discurso, sendo um deles este: “*Primeiro tinha muita arve, aí, com as olaria fore derribando pra queimar forno, aí foi acabando...*”, “*Tem essa parte também que é prodigado... das arve qu’eles tiro pra queimar o tijolo[...] de madeira pra encher forno pra botar pra queimar os tijolos...*”, tais trechos trazem o tamanho agravo que a flora vem sofrendo ao longo dos anos com o desmatamento para suprir a demanda da atividade das olarias, segundo Fearnside (2005) as consequências para o desmatamento são as mais severas possíveis e vão desde a perda da fertilidade e produtividade do solo por meio da erosão, compactação e exaustão dos nutrientes, até as mudanças no regime hidrológico e perda da biodiversidade local. O processo que resulta dessa retirada desenfreada e sem controle da vegetação nativa é bem explicado na fala de Portela e Gomes (2005, p. 4) em seu estudo sobre os danos ambientais resultantes da extração de argila no bairro Olarias em Teresina-PI:

A denudação do solo, por causa da falta de vegetação, provoca maior energia cinética das gotas de água oriundas da chuva, o que pode induzir o processo de compactação do solo e a conseqüente degradação. Isso acontece porque a água solta partículas do solo que ficam desagregadas; o resultado é que as partículas, ao voltarem à superfície do solo, entram em contato com a água, aumentando a quantidade de transporte dos sedimentos. O aumento do transporte dos sedimentos provoca o processo de assoreamento.

A fala dos autores a respeito da questão das olarias mostra que as consequências no ambiente em que se encontram são resultados da intensa ação das mesmas. Não é por menos que tais ações deixam preocupados aqueles que sabem as proporções que elas podem atingir, principalmente quando se trata de sua localização. As chegadas das olarias na região tiveram impactos significativos na vegetação próximo do rio presente ali, como apontado pelo sujeito coletivo: “*eles cortam muitas arve na beira do rio pra queimar forno*”, e os locais onde acontece a retirada das árvores se mostra em um perigo ainda maior, ou seja, na *beira do rio*, aqui o sujeito se refere às margens do Rio Turiaçu, principal acidente geográfico da região, além de ser o principal meio de subsistência para muitas famílias se utilizando dele por meio da pesca. Os impactos na retirada da vegetação das margens se mostram de muitas maneiras um perigo pelo alto risco de assoreamento como Portela e Gomes (2005) citaram anteriormente.

No entanto, se por um lado o sujeito coletivo cita que as olarias desmatam a flora local, principalmente nos lugares onde não se deveria retirá-las como acontece às margens do Rio Turiaçu, por outro lado o sujeito aponta que:

“[Na verdade] nem é ele mermo que desmato, [...] Os dono das olaria que desmata não. As terra que vem a madeira pra eles fazer o serviço não é deles, éh eles compra... Vem de todo canto... [...] Porque hoje, quem acaba com a maioria das floresta é os fazendeiro, eles já compram do fazendeiro, se os fazendeiro não vendesse a madeira eles num tinha acendio o forno. [...] Eles compro essa lenha daí vem ar lenha de lá, aí trago pa oleria”. (Trecho do DSC “As olarias provocam mudanças e/ou prejudica o ambiente”). (Trecho do DSC “Olarias provocam mudanças e/ou prejudica o ambiente”)

Nestes trechos em destaque há a existência de um outro responsável, que são os donos de terras (fazendeiros) que desmatam as árvores de suas propriedades e vendem-nas para as olarias que irão utilizá-las em suas atividades. Segundo os estudos de Silva (2013) pertinente a essa questão, que trata do diagnóstico situacional e ambiental de uma olaria no município de Conceição do Araguaia-PA, vem falar que as madeiras utilizadas nas olarias obtidas da compra com fazendeiros da região (como o próprio sujeito coletivo descreve) vem das sobras de madeiras provenientes de áreas rurais, ou seja, da derrubada de árvores para posterior formação de pastagens para gado. Por isso que, de todos os setores em atividade no país, o agropecuário tem o maior impacto sobre o desmatamento devido a sua necessidade por espaço. Especificamente sobre o setor agropecuário, o estado com maior importância do Produto Interno Bruto (PIB) em 2005 foi o estado de Mato Grosso, seguido pelo Maranhão, Pará e Rondônia (PRATES; BACHA, 2011).

A necessidade das olarias pela madeira, ocasiona ainda mais desmatamento do que o previsto, e essa prática sem o devido controle acaba por ocasionar uma série de consequências para o meio ambiente, e uma delas é a retirada dos animais pela devastação da mata conforme pode ser visto:

“...não tem mais mata pror bicho se esconder, porque eles se afastam, porque eles preciso mais da floresta pra sobreviver... [...] e aonde eles vão desmatando os animais vão se mudando, vão morreno. [...] nós chegamos aqui...era um gapozal medonho, logo quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás... quar não tinha casa, que dizer que era só um tucunzal, era tucunzal era um tipo sim uma capoeira... e tinha mais pássaro, as vez aqui eles caço, eles mato os pássaro [...] tinha bastante socó, tinha bastante galça, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta, [...]...tinha leva-riba, tinha uns coisa, mas com esse negó depois queles encheru de casa dentro da cidade, os bichinho se afasta...queles não vão ficar no meio da cidade né”. (Trecho do DSC “As olarias provocam mudanças e/ou prejudica o ambiente”). (Trecho do DSC “Olarias provocam mudanças e/ou prejudica o ambiente”)

O que se percebe é que na localidade existia uma rica diversidade vegetal e animal, que acabou sendo alterada pela chegada das olarias. Na fala do sujeito coletivo também se percebe a caracterização do local “*das ruas daqui detrás*” como repletas de *tucunzal*, aqui se entende o *tucunzal* como um aglomerado da planta do tucum, uma palmeira (*Bactris inundata*

Martius) com troncos, geralmente, em touceiras ou algumas vezes solitários, eretos, com 3 a 8 m de altura e 8 a 12 cm de diâmetro, armados com espinhos negros, cujas folhas pinadas são densamente armadas de espinhos negros, em número de 5 a 9 (PEREIRA *et al.*, 2002), este tipo de planta é típico desta região.

Mas, não foram apenas as olarias na região que alteraram a abundância da fauna e da flora, pois no trecho citado anteriormente “*quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás... quar não tinha casa*”, podemos inferir que a chegada das casas na localidade foi um forte fator que intensificou ainda mais a degradação que se iniciava ali e que de certa forma também pode ser influenciado pelas olarias, ainda que indiretamente, pela facilidade e acessibilidade da construção de mais casas de tijolos, e pelo crescimento da população em torno das olarias, como foi citado pelo sujeito coletivo em outros discurso, que ainda será explorado.

Além da caça de diversos animais dentre eles várias espécies de aves, para o próprio consumo como fala em certo momento “*...e tinha mais pássaro, as vez aqui eles caço, eles mato os pássaro [...] tinha bastante socó, tinha bastante galça, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta*”. Ao analisar este trecho consegue-se entender que, mesmo com a caça, tais animais ainda podem ser vistos, porém em quantidade significativamente menor em relação aos anos passados. Os exemplos que o sujeito coletivo traz de pássaros que vivem na região como *socó* e *galça* (garça) são dois exemplares de pássaros que correspondem à mesma Ordem que é a Pelecaniformes, e à mesma Família, a Ardeidae. Fazem parte desta classificação as garças, os socós e as savacus (FAVORETTI; BATALLA, 2017).

Tanto as garças quanto os socós têm uma ampla distribuição podendo ser encontrados em quase todos os estados do país. Um outro fator citado na fala é a questão da caça destes animais para o consumo quando diz “*é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta*” e, segundo os estudos de Barbosa *et al.* (2010) um dos maiores estímulos a essa prática está na facilidade com que os animais são retirados da natureza para posteriormente serem comercializados ou preparados para consumo, e, ligada a essa facilidade está a obrigação urgente de incrementar a alimentação e a renda média mensal para suprir as necessidades básicas das famílias que, na maioria das vezes são compostas por um número relativamente elevado de membros.

Ante a palavra do sujeito coletivo, há a descrição de dois fatores importantes como causa do desaparecimento e/ou diminuição de certas espécies de animais na região, a primeira é a intensificação da caça de animais silvestres para os fins diversos, e a segunda é o crescente número populacional que resulta na invasão do habitat destes animais. Com relação à caça de animais silvestres de maneira desenfreada, ela é uma das principais causas da extinção de animais nativos de uma determinada área. Mendes *et al.* (2005) em seu estudo sobre os

mamíferos do município de Fênix no Paraná, chegou a conclusão pela visão dos seus próprios entrevistados que 100% dos mesmos envolvidos na pesquisa associaram a diminuição da quantidade de animais presentes na região, bem como o decréscimo de sua riqueza e abundância, principalmente à caça predatória.

E, diante da percepção do aumento populacional que resulta na invasão do habitat destes animais, contribuindo ainda mais para a diminuição e conseqüente perda da fauna, não se deve culpabilizar somente a população de baixa renda pela ocupação de áreas ambientais, mas também considerar a dificuldade que tem o Poder Público em atender simultaneamente os direitos à moradia e ao meio ambiente assim como os agentes e instituições que controlam a terra urbana e asseguram o seu uso para benefício apenas individual, levando à ocupação de áreas impróprias para fins residenciais, por se localizarem especialmente nas áreas de preservação ambiental (GONDIM, 2012).

Assim os principais impactos ambientais encontrados foram os mesmos obtidos por Silva (2013) ao indagar sobre quais os impactos ocasionados pela atividade do setor oleiro em uma determinada localidade, a saber: a questão do desmatamento das áreas de extração cuja madeira é legalmente proibida, pois não possui autorização de nenhum órgão ambiental do município para sua utilização, as cavas no solo, além da poluição do ar decorrente da queima dos tijolos que é liberada livremente na atmosfera. Todos esses fatores acabam afetando a vida de todos os moradores, bem como de todo ecossistema envolvido; assim também os fatores secundários encontrados na nossa pesquisa, como o aumento da população (seja por conta das olarias ou não) e aumento da caça, diretamente associado ao fator anterior ou mesmo associado a uma questão já levantada pelo sujeito coletivo e a falta de emprego e baixa renda.

Assim não é apenas a questão monetária que importa, mas também o olhar atento de todos, que se torna extremamente necessário, tendo a percepção que a expansão e evolução deste setor requer mais do que simples mudanças no perfil de suas empresas e nos processos produtivo e extrativo. Se faz necessário mudanças que envolvam recursos financeiros para ampliação e modernização de suas instalações, união de todos os integrantes do setor, abandono de tecnologias rudimentares, de mão-de-obra desqualificada e da clandestinidade. A expansão e evolução do setor oleiro propõe que as questões socioeconômicas e ambientais sejam tratadas como inter-relacionadas e por isso são indissociáveis, para que os aspectos negativos presentes na paisagem pela atividade oleira sejam prevenidos e/ou minimizados (CUNHA, 2002).

O discurso do sujeito coletivo é bem enfático quando trata das ações ecológicas advindas das olarias na região, e especifica não haver nenhuma ação em benefício do meio ambiente quando diz “*Nunca vi [ação ecológica]... não tem esse benefício*”, tal ação diz respeito

ao reflorestamento de áreas desmatadas e recuperação de áreas degradadas pela atividade local das olarias. Geralmente esses locais sob exploração apresentam como principais marcas da sua degradação pelo trabalho oleiro, baixa quantidade de vegetação, uma vegetação arbustiva com pouco desenvolvimento e características de pequeno a médio porte, além do alto nível de compactação do solo (ALMEIDA *et al.*, 2015).

As primeiras medidas para manutenção das mesmas áreas da qual depende o trabalho das olarias, deve partir de seus representantes, conforme observou Lemos e Ferreira (2014) em seu trabalho sobre a viabilidade de utilização das técnicas para a reabilitação da área minerada em Corumbataí, São Paulo, em que constataram dentre outros aspectos, alterações no próprio relevo oriundas da extração de argila, e ressaltaram que cabe aos empreendedores do ramo da mineração a responsabilidade de cumprir as exigências na forma da lei, devendo entregar ao órgão competente as primeiras medidas para a recuperação das áreas degradadas.

Embora, o sujeito coletivo demonstre em seu discurso entender a importância que desempenha o trabalho das olarias, o mesmo também entende a importância que a natureza tem como fonte de recursos e subsistência da vida, quando se vê o trecho *“Tem pessoas que acaba com a floresta, as floresta não pode acabar, porque a floresta é uma coisa também que traz recurso pra gente.”*, externando sua opinião pró-conservação da natureza, o sujeito coletivo destaca que são as próprias pessoas as responsáveis pelo fim da natureza, e que o seu fim também significa dizer o fim dos recursos presentes na mesma.

2. As olarias não provocam mudanças e não prejudicam o ambiente

“Pelas olarias não, eu num³³ acho que prodigica³⁴ assim a natureza... porque, porque não prodigica, poque é uma coisa assim o que eu acho que prodigica mais a natureza é um lixo que coloca ali:: a vez contramina água, já contramina uma pessoa, mas sobre a oleria eu não acho prodigicar sobre esse lado poque a oleria³⁵ ele depende da água, ele depende um monte³⁶ de coisa pa³⁷ poder fazer aquele tijolo, ele num prodigico, por enquanto não, a água é muito é boa aqui oh, [os animais] acho que num prodigica não, continua a mesma, [na verdade] aumentaram... com a o correr do tempo elas não prejudiraro³⁸.”

Este sujeito coletivo afirma que as olarias não provocam mudanças e não prejudicam o ambiente. Segundo ele existem outros fatores que podem ser prejudiciais ao meio ambiente como se pode ver: *“poque é uma coisa assim o que eu acho que prodigica mais a natureza é*

³³ num. negação de algo, também podendo ser traduzido por não.

³⁴ prodigica. Prejudica.

³⁵ oleria. Olaria.

³⁶ um monte. Vários (as), algo numeroso.

³⁷ pa. Para.

³⁸ prejudiraro. Prejudicaram.

um lixo que coloca ali:: a vez contramina água, já contramina uma pessoa, mas sobre a oleria eu não acho prodigicar sobre esse lado”. Para o sujeito a questão do lixo deve ser levado mais em conta do que outras questões, inclusive a das olarias.

Nesse discurso o sujeito coletivo ainda afirma que não há mudanças nem prejuízos no meio em que vive, e que até mesmo espécies de animais ao invés de diminuir, aumentaram no decorrer do tempo. Podemos inferir que uma das possibilidades para essa visão pode ser pelo motivo de que esse sujeito coletivo não tenha vivido tempo suficiente na localidade para perceber as mudanças sofridas no ambiente pelas olarias, ou seja, mora pouco tempo na região, dessa forma, não há mudanças no seu ponto de vista uma vez que não presenciou o início da atividade oleira na localidade; Ou caso more há muito tempo lá e ainda assim não tenha notado mudanças, há também uma outra possibilidade que é a de não residir tão próximo das olarias, neste caso seria difícil apontar o que mudou, pois é incapaz de acompanhar a realização de suas atividades e consequentemente os impactos que exercem ali.

Existe um ponto que precisa ser visto no discurso que é o não prejuízo a partir da utilização dos bens naturais para o trabalho das olarias como é bem descrito na parte: “...*eu não acho prodigicar sobre esse lado porque a oleria ele depende da água, ele depende um monte de coisa pa poder fazer aquele tijolo...*”, nas palavras do sujeito notamos que parece haver um equilíbrio entre aquilo que é retirado da natureza e o que é fornecido por ela, ou ainda que as olarias não iriam prejudicar aquilo que usam como matéria prima, não havendo nenhum prejuízo para a natureza, o que é antagônico na visão de muitos autores que pesquisaram sobre esta questão quando se trata da modalidade do trabalho das olarias, sendo um deles Santos, Vieira e Pinto (2009, p. 74) que diz que:

Mas, cada vez mais a vegetação original, ou primária, vem cedendo lugar a áreas abertas, com algumas árvores secundárias nos locais onde já ocorreu há algum tempo a retirada da argila[...] A eliminação dos cursos de água e a compactação do solo (que reduz ou elimina a infiltração da água no subsolo) têm comprometido o nível da água subterrânea. Os níveis de água dos poços, próximos dos locais desmatados, têm rebaixado lentamente ao longo dos anos o que representa uma grande preocupação em virtude das comunidades situadas próximas as olarias se abastecerem exclusivamente da água de poço.

Tanto o autor como o sujeito coletivo destacam a necessidade das olarias pelos recursos naturais. Todavia o autor acima contrapõe a ideia de que há um equilíbrio de ambas as partes, e especifica ser algo preocupante, uma vez que as pessoas das comunidades próximas serão prejudicadas por também necessitarem destes recursos. Nesta perspectiva, o sujeito coletivo ainda afirma que essas consequências não são vistas por ele ao afirmar: “*ele num prodigico, por enquanto não, a água é muito é boa aqui oh*”, destaca-se então a locução

adverbial *por enquanto*, mostrando a temporalidade do discurso, dando a entender que há uma possibilidade do acontecimento, mas que no presente momento não é visível ou perceptível. O que leva a crer que tais impactos ao meio ambiente podem se desenvolver tanto a curto como a longo prazo, e parece ao menos fazer parte da percepção do sujeito como possibilidade.

A perspectiva da qualidade de vida

Este Discurso do Sujeito Coletivo traz como tema central a perspectiva da qualidade de vida tendo em vista como a atividade das olarias afetam o modo de vida e bem-estar dos moradores da localidade. Ao elaborar o Discurso do sujeito coletivo se percebeu a existência de duas perspectivas distintas entre si, assim como aconteceu anteriormente no bloco socioeconômico e socioambiental. A primeira visão é que as *olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas*, sejam elas de maneiras positivas ou negativas e a segunda que *as olarias não afetam e não prejudicam a saúde*.

1. As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas

Eu concordo que elas afetam e muito. Ela afeta de algumas maneiras, na saúde, problema³⁹ de fumaça [...] às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço. Vários vizinhos reclamo disso, eu não, mas já teve muitos ... que já procuraram [hospitais] [...] já, perde as vez a mão, um dedo, adoece pelo problema da fumaça e do calor. Causa [impacto a saúde] sim... até porque eu não tomo essa água mesmo daqui, a água que eu tomo é mineral, [então] na água e na comida não, mas no ar que a gente respira, aquele cheiro da fumaça que sai do material... ela é uma fumaça assim um pouco pesada sabe. Falta de ar, já aconteceu comigo...por causa da fumaça [...], toda vez que eles tão queimando eu fico gripada, espirrando, um pouco de falta de ar, eu fico incomodada demais, o mau cheiro da fumaça, porque quando tão queimando eu fico bastante espirrano⁴⁰ e gripada. Sai aquele aquela fumaça muito forte deixa as criança mesmo... reclama muito aqui [...] que elas fico sem ter o ar, faz mal mesmo, tem pessoa que causa, pessoa quem tem cansaço, não pode sentir cheiro de fumaça. A fumaça sempre prejudica mermo⁴¹, alguns sim, que nem todos tem problema⁴² raramente, mas alguns tem, principalmente criança recém nascida, no caso da fumaça, tanto quem trabalha, como aos moradores que mora perto... morador porque tá lá e ele vai todo tempo permanecer na fumaça junto com quem queima forno. É porque tem umas olarias [...] não foi elas, mas foi a população que foram encostando pra elas [...] lá onde elas foram localizada, é aproximado delas não tinha casas, quer dizer agora com o correr do tempo aí o pessoal vão aumentando, vai tomano⁴³, fazendo casa, e vai chegando pra onde elas tão...isso aí vai daqui a um tempo, até agora não, mas não se sabe a daqui a uns anos que elas podem no caso prejudicar, daqui a pouco vai crescendo, aí já tem umas casa ali, daqui a pouco vai indo, vai prodigicar⁴⁴ gente, porque se ficar muito em cima da gente, não pode [...]

³⁹ problema. Problema.

⁴⁰ espirrano. Espirrando.

⁴¹ mermo. Mesmo.

⁴² problema. Problema.

⁴³ tomano. Tomando.

⁴⁴ prodigicar. Prejudicar.

assim muito em cima também den⁴⁵ da cidade é ruim pra gente, que as veze maltrata mer⁴⁶, tem gente que maltrata por fumaça pra quem sofre de problema de cansaço. Mas é como se diz, é obrigado, porque a fumaça prejudica muito, mas se a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que precisa, necessita [...] desse servicinho porque hoje em dia não tem emprego, emprego é muito difícil, e principalmente pra quem não estudou. [E] antes deles fundar essa oleria⁴⁷... era difícil pra gente [...] as vez a gente não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa [...] fazia aquela casa de barro, a vez água batia aquele barro caía a gente tinha que levantar de novo, quer dizer que aquilo não durava [...] então duma⁴⁸ dessa pra nós tivemo⁴⁹ uma facilidade porque a gente quando levanta uma casa de tijolo, a gente quase esquece porque custa⁵⁰ cair, custa se bagunçar. Hoje em dia já é bem diferente, mas se as oleria não existisse não existia essas casa que é hoje[...]de tijolo, era tudo no barro normal... mudança das casas, muro, várias coisa porque a maioria precisa de tijolo. [Para melhorar as olarias] era do preço, da coisa quele vende [e] o negócio da fumaça né pra não vim pra cá [...]se melhorasse:: continuaria ali mesmo, se por acaso tivesse um...jeito de colocarem um chaminés, né, pra qu'ela⁵¹ fumaça soltar mais alto, aí seria melhor. No meu termo eu achava que eu deixava funcionar, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda, muitas família precisa [...] inclusive a minha aqui mermo⁵² [...] ela num⁵³ pode para, porque se parar, muitas família vão passar fome.

O sujeito especifica as consequências da ação das olarias sobre a qualidade de vida tanto de quem habita e/ou depende do trabalho nas olarias para obtenção de uma renda. A questão da qualidade de vida do sujeito coletivo surge como um resultado do que já fora discutido nos blocos que envolveram a economia e o ganho de renda que ajuda no sustento de suas famílias e os impactos que tais atividades exercem ao meio ambiente que os cerca. O resultado dessas perspectivas anteriores recai também sobre a vida e a qualidade da mesma, dos que vivem sob esta realidade e por isso pontua alguns pontos negativos que podem afetar como “[...]na saúde, poblema de fumaça [...] às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço [...] adocece pelo problema da fumaça e do calor.”, demonstrando que a insalubridade causada pelas olarias são de diferentes origens.

A primeira que gostaríamos de discutir, já foi abordado não apenas neste bloco, mas também em outros, é a questão da fumaça que é liberada no momento da queima dos materiais nos fornos aquecidos em altas temperaturas. Observamos em muitos trechos que o sujeito coletivo é bem enfático ao descrever que ela se constitui em um sério risco para quem a inala quando diz: “na água e na comida não, mas no ar que a gente respira, aquele cheiro da fumaça

⁴⁵ den. Dentro.

⁴⁶ mer. Mesmo.

⁴⁷ oleria. Olaria.

⁴⁸ duma. De uma.

⁴⁹ tivemo. Tivemos ou obtivemos.

⁵⁰ custa. Aqui esta palavra remete ao verbo custar como sinônimo de demorar.

⁵¹ qu'ela. Que ela.

⁵² mermo. Mesmo.

⁵³ num. negação de algo, também podendo ser traduzido por não.

que sai do material...ela é uma fumaça assim um pouco pesada sabe. Falta de ar, já aconteceu comigo [...] A fumaça sempre prejudica mermo”. Neste e em todos os trechos de sua fala que aborda sobre a fumaça é notório que o produto da queima dos materiais se constitui em riscos que precisam de enfrentar e pior, conviver e que isso afeta drasticamente a qualidade de vida.

Por diversas vezes neste e nos discursos anteriores, o sujeito deixa claro que o calor mais exacerbado, a sujeira da fumaça dentro das casas e o cheiro forte são consequências que afetam seu dia a dia. Identificando os adjetivos e características empregados pelo sujeito apenas nestes exemplos de trechos já elencados da sua fala sobre a fumaça, se observa: *poblema, pesada, mau cheiro, sempre prejudica*, tais características trazem uma amostra simplificada de tal incomodo em seu cotidiano.

As consequências da exposição maciça a este tipo de poluição são devastadoras e se manifestam na saúde de muitos moradores locais à medida que se torna frequente tal exposição no cotidiano de cada um, sendo perceptível em muitos momentos da fala do sujeito coletivo, por exemplo: “...quando tão queimando eu fico bastante espirrano e gripada...[...] que nem todos tem pobrema raramente, mas alguns tem, principalmente criança recém nascida”, “Sai aquele aquela fumaça muito forte deixa as criança mesmo [...] elas fico sem ter o ar...”. As reações do organismo em contato com a emissão de tais poluentes é risco à saúde desta comunidade, ainda mais perigoso é o fato de que crianças estão sujeitas a este tipo de ambiente, sendo constatada em sua própria fala que em muitas delas desde cedo já se manifestam os resultados desta exposição: “elas fico sem ter o ar”.

Diante dessa questão se entende em sua fala a causa de que além das constantes reclamações advindas dos próprios moradores das proximidades, a incidência de alguns irem até ao hospital sendo dito em sua fala: “Vários vizinhos reclamo disso, eu não, mas já teve muitos ... que já procuraram [hospitais] [...], tem pessoa que causa, pessoa quem tem cansaço, não pode sentir cheiro de fumaça. As falas do sujeito coletivo concordam com os resultados de Amancio e Nascimento (2012) em seu trabalho sobre asma e poluentes ambientais, foi constatado que a exposição e consequente inalação de poluentes estavam diretamente associadas às constantes internações hospitalares, sendo as crianças o grupo mais vulnerável e com o maior número de internações em relação aos outros grupos de pessoas.

Deve-se lembrar que comparando com outras necessidades da vida, o ar tem um consumo diário, contínuo e obrigatório, sendo essencialmente importante para a vida de todo ser vivo, aonde, havendo alterações de sua qualidade podem acarretar em diversos problemas. Estudos realizados mostram que a poluição é um forte fator causador de doenças crônicas do aparelho respiratório, tais como câncer do pulmão, bronquite, enfisema e asma. Percebe-se

então a importância de técnicas e de meios necessários que venham proporcionar a redução, inibição ou mesmo a interrupção (se for o caso) dos seus causadores (VELOSO, 2011).

Entendendo a perspectiva do sujeito coletivo e a sua compreensão sobre a situação de risco que corre a população em contato direto com os constantes resíduos provenientes da queima dos materiais, ele destaca que o principal agente responsável por todos estes malefícios causados à população se dá pelo crescimento da mesma nestes últimos anos, e vêm falar:

“É porque tem umas olarias [...] não foi elas, mas foi a população que foram encostando pra elas [...] lá onde elas foram localizada, é aproximado delas não tinha casas, quer dizer agora com o correr do tempo aí o pessoal vão aumentando, vai tomando, fazendo casa, e vai chegando pra onde elas tão [...] porque se ficar muito em cima da gente, não pode[...] assim muito em cima também den da cidade é ruim pra gente, que as veze maltrata mer, tem gente que maltrata por fumaça pra quem sofre de problema de cansaço”. (Trecho do DSC “As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas”).

Além das tantas consequências negativas que o crescimento exacerbado da população tem causado para o meio ambiente (como vimos na perspectiva socioambiental que tal crescimento é um dos grandes causadores da degradação do meio ambiente pela invasão de áreas preservadas) por último acaba por trazer consequências para a própria população, manifestada na sua qualidade de vida.

O sujeito coletivo, após trazer os motivos que levam a população que habita nas redondezas onde estão localizadas as olarias a passar por toda esta situação deletéria, relaciona os impactos para a saúde tanto de quem trabalha nas olarias quanto de quem vive nas proximidades, e isto, na mesma proporção ao dizer: *“tanto quem trabalha, como aos moradores que mora perto... morador porque tá lá e ele vai todo tempo permanecer na fumaça junto com quem queima forno”*, ou seja, para o sujeito coletivo ambos compartilham da mesma situação e conseqüentemente dos mesmos resultados.

Entendendo todos esses riscos que enfrentam tanto aqueles que trabalham como os que habitam em moradias próximas das olarias, e não querendo que tal setor seja impedido de seu funcionamento, o sujeito coletivo elabora uma possibilidade de resolver esta situação: *“o negócio da fumaça né pra não vim pra cá [...]se melhorasse:: continuaria ali mesmo, se por acaso tivesse um...jeito de colocarem um chaminés, né, pra qu’ela fumaça soltar mais alto, aí seria melhor.”*. Para ele a criação de chaminés possibilitaria uma melhora significativa na qualidade de vida dos moradores, uma vez que as chaminés iriam *soltar mais alto* a fumaça, impedindo o contato direto com os moradores das proximidades. A visão do sujeito coletivo traz uma perspectiva baseada em suas próprias experiências e por acreditar que chaminés mais altas dissipam mais a fumaça. Contudo, Cunha (2002) explica que as olarias emitem alta quantidade de poluentes para a atmosfera e que se houvesse o emprego de receptores, ou seja,

avaliação dos locais onde são calculadas as concentrações ambientais dos poluentes, se verificaria que os eventos mais críticos quanto as concentrações ambientais de poluentes, predominantemente ocorrem em áreas com maior densidade de indústrias (CAMARA *et al.*, 2015).

Desta maneira, ainda que as chaminés fossem altas, a distribuição de poluentes seria quase a mesma e os moradores continuariam a sentir problemas respiratórios uma vez que, quanto mais indústrias oleiras houver em uma determinada localidade, maiores serão as emissões de poluentes próximas a elas, e, mesmo com a existência das chaminés o problema não seria de todo resolvido, pois com as longas distâncias percorridas pela fumaça através de sua emissão pelas chaminés, tornaria outras comunidades participantes deste mesmo problema, e assim, ao invés de minimizar os efeitos acabariam intensificando-os ainda mais.

Dessa forma, outras medidas mitigatórias deveriam ser tomadas como medidores da qualidade do ar distribuídos em vários pontos da cidade, para que assim possam avaliar se a quantidade de poluentes provenientes das olarias não está assumindo níveis críticos para a saúde, também se deve ter um controle da quantidade de fornadas em um único dia e propor outros tipos de combustíveis para os fornos que evitem as altas emissões de poluentes na atmosfera, estas são apenas algumas das tantas medidas que podem e devem ainda serem tomadas.

Além da fumaça outro fator de muito perigo, apontado no início dessa discussão, tem levado muitos para o leito dos hospitais por um fator interno das olarias: os constantes e graves acidentes de trabalho, elencando que trabalho nas olarias da região se constitui em um risco para o trabalhador que depende das mesmas. Alguns trechos dão a entender de maneira clara o que acontece: “[...] às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço.”, “já procuraram [hospitais] [...] já, perde as vez a mão, um dedo...”. É visível o alto grau de periculosidade que se constitui esta modalidade de trabalho, sendo a perda de membros do corpo algo a se considerar como uma questão também de qualidade de vida, especialmente porque a perda de um membro afeta tanto o trabalho do sujeito na olaria quanto poderá acarretar em dificuldades de emprego em outros ramos, dependendo do caso em questão. Para o sujeito coletivo da pesquisa fica claro que o emprego é uma questão crucial nessa qualidade de vida, pois como muitos pontuaram é preciso sobreviver e com a renda que possuem “*compra a comida, calçado a roupa, qu’ele ganha o dinheiro*”.

Muitos desses acidentes que envolvem a perda e/ou esmagamento de membros do corpo dos trabalhadores está associado habitualmente à operação de máquinas e equipamentos no setor de produção dos materiais (FAGUNDES; LOPES, 2017). Ao identificar os vários

riscos que circundam os trabalhadores do setor oleiro, Fagundes (2018b) faz um resumo de todas estas situações adversas em seu estudo sobre os riscos no trabalho em olarias e seu entendimento por parte dos trabalhadores, e descreve:

Foram verificados ainda a poeira e gases resultantes da queima da lenha e a poeira proveniente da movimentação de máquinas e materiais, sendo estes classificados como agentes de risco químico. No que tange ao risco ergonômico, destacam-se o levantamento e transporte manual de peso no carregamento de tijolos para fornos, secadores e caminhões, bem como a postura inadequada decorrente da operação da empilhadeira. Como riscos de acidentes podem ser elencados o risco de perda ou esmagamento de membros quando da operação de máquinas e equipamentos, risco de choques elétricos devido a instalações elétricas inadequadas, risco de atropelamento quando da máquina empilhadeira em movimento ou ainda o risco de queda de materiais, a depender do posto de trabalho. O processo de conformação das peças, etapa que apresenta risco de acidentes ao trabalhador. (FAGUNDES, 2018b, p. 5,6)

Quando observamos as palavras do autor acima podemos imaginar por um breve momento as condições de trabalho em que são submetidos aqueles que precisam desta atividade para obtenção da renda familiar. Assim, riscos para a saúde dos trabalhadores se destacam claramente e podem ser bem compreendidos à medida que se avança nas etapas da fabricação dos materiais. Há a obrigatoriedade da realização de medidas para controlar os riscos de acidentes no âmbito do trabalho, entre estas medidas se destacam: a utilização de equipamento de proteção individual, a manutenção constante das máquinas utilizadas, o controle/diminuição do tempo de exposição diário, medidas de proteção relacionadas à exposição ao calor e respeitar o período mínimo de descanso (FAGUNDES, 2018a). Estas são apenas algumas das medidas que devem ser tomadas para minimizar ao máximo os riscos de acidentes no setor oleiro.

Ainda sob tantos percalços, riscos à saúde e à própria vida o sujeito destaca a causa para continuar com tanta adversidade: “...a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que [...] necessita desse servicinho, porque hoje em dia não tem emprego, emprego é muito difícil, e principalmente pra quem não estudou”. A fala do sujeito coletivo mostra uma problemática de natureza social que demarca a situação de muitas pessoas no nosso país: se por um lado há um grande perigo circundando toda uma realidade em que vive, podendo comprometer até mesmo a sua qualidade de vida, por outro lado o sujeito destaca ser *obrigado* a viver desta forma, para encontrar nas olarias o meio necessário para subsistência sua e dos demais. As durezas das condições de trabalho na olaria não se restringem somente ao esforço físico realizado pelos trabalhadores, mas também pelo ambiente inóspito e deveras perigoso a que estão submetidos (SALIB, 2018).

As palavras do sujeito coletivo ressaltam as palavras de muitos pesquisadores ao abordarem a situação de trabalho, no qual chegam até mesmo a denunciar não somente as condições de precariedade que enfrentam, com a falta itens mais básicos para sobrevivência,

como o alimento diário. Assim o sujeito coletivo afirma “*muitas família precisa [...] inclusive a minha aqui mermo [...] ela num pode para, porque se parar, muitas família vão passar fome*”. Cabe destacar que, ao longo de todas as coletas foi pontuado pelos sujeitos envolvidos, a importância das olarias economicamente e conseqüentemente no impacto na vida de cada sujeito e como elas não poderiam parar.

Isso revela uma grande preocupação dos sujeitos dessa pesquisa, especialmente por acharem que a pesquisa estava sendo realizada para justificar um posterior fechamento das olarias presentes na localidade. E exatamente por esse motivo que essa fala e outras semelhantes aparecem em todos os discursos que construímos. Acreditamos que não existem características mais marcantes que essa para revelar os impactos na qualidade de vida dos sujeitos investigados.

Para finalizar, o sujeito coletivo reconhece não apenas impactos negativos para a comunidade, mas também os positivos. Além da questão de subsistência já pontuado, compartilha haver avanços depois da chegada das olarias naquela região, afirmando a princípio: “[E] antes deles fundar essa olaria... era difícil pra gente[...] as vez a gente não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa...”, este trecho destaca o quão difícil era a obtenção de tijolos na região *antes deles fundar essa olaria*, e depois do seu estabelecimento na região vários outros aspectos mudaram além da facilidade da compra:

“..fazia aquela casa de barro, a vez água batia aquele barro caia a gente tinha que levantar de novo, quer dizer que aquilo não durava [...] então duma dessa pra nós tivemos uma facilidade porque a gente quando levanta uma casa de tijolo, a gente quase esquece porque custa cair, custa se bagunçar. Hoje em dia já é bem diferente, mas se as olaria não existisse não existia essas casa que é hoje[...]de tijolo, era tudo no barro normal...” (Trecho do DSC “As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas”).

Assim, o sujeito coletivo destaca as fortes e intensas mudanças ocorridas na infraestrutura não apenas da comunidade, mas também de toda cidade com a construção de casas de alvenaria em lugar das casas de barro ou de taipas como também são conhecidas. A ênfase dada à criação das olarias na região que facilitou a construção de casas de tijolos o que para o sujeito coletivo se constituiu em um marco para o progresso dos moradores, pois especifica que antes havia uma preocupação com as casas de taipa, principalmente quando chegava a época das chuvas, pois o barro seco em contato com a água das chuvas cedia das paredes, tendo que ser reparada constantemente corroborando com as palavras de Pisani (2004) afirmando que o barro usado na construção de casas de taipa não é um material de construção padronizado: pois a sua composição é regida pelas características geológicas e climáticas da região em que for construída, ou seja, tal moradia se torna fragilizada na época chuvosa, por

isso se percebe um alívio no discurso quando o sujeito coletivo vem dizer: “*levanta uma casa de tijolo, a gente quase esquece porque custa cair*” mostrando a durabilidade das casas de alvenaria em comparação a suas antigas habitações feitas de taipa.

Parece algo tão simples nos dias atuais, falar de uma casa de tijolo que não parece ser relevante a se descartar. Contudo, para algumas pessoas significa mudança de vida, bem-estar social, emocional e de saúde. A realidade do estado do Maranhão está longe de ser igualitária em questões de acesso e condições econômicas e sociais, ter a oportunidade de mudar essa realidade significa mais para essas pessoas que possamos imaginar. Por exemplo, algo que chama a atenção na construção de casas de taipa é a suscetibilidade para com certos tipos de vetores transmissores de doenças endêmicas. Nos estudos de Gomes (2017) foi constatado uma vulnerabilidade à infestação por vetores da doença de Chagas no fato de persistir uma proporção considerável de casas de taipa.

Essa realidade traz consigo uma questão de saúde pública que afeta diretamente a qualidade de vida destas pessoas. Além disso, são moradias frias no período da noite e quentes no período do dia, sem falar que como o próprio sujeito coletivo afirmou a preocupação diária da casa desabar, especialmente no período chuvoso. Agora entende-se o porquê de o sujeito coletivo falar com tanta propriedade da importância das casas de tijolos como sendo uma melhoria na sua qualidade de vida, pois as mesmas significaram casas mais resistentes e com maior durabilidade, além de evitar o contato com agentes transmissores de doenças dentro da própria habitação.

2. As olarias não afetam e não prejudicam a saúde

Na saúde não, não, através da oleria⁵⁴ não porque esse pessoal daqui eles são uns pessoal⁵⁵ cuidadoso. A fumaça da oleiria⁵⁶ não incomoda a gente, pa⁵⁷ dentro da cidade, sempre vai assim pro lado camp⁵⁸, mar num⁵⁹ num campo não tem mermo⁶⁰ casa, só mesmo água, tá entendendo, aí não dá de prodigicar⁶¹ as pessoas, só invenção mesmo, é as oleria ela:: constroe ela dá um porto de renda pas⁶² pessoa né que não tem a renda. Nunca houve nada, se já teve, mas eu inda não vi não. Não ne oleria não, porque a fumaça na rente tá⁶³ n'oleria trabalhando as vezes incomoda, mas⁶⁴ rente tá no serviço da gente, no saiu de lá tudo bem. A fumaça não atinge muito

⁵⁴ oleria. Olaria.

⁵⁵ coidadoso. Cuidadoso, que tem cuidado.

⁵⁶ oleiria. Olaria.

⁵⁷ pa. Para.

⁵⁸ camp. Campo.

⁵⁹ mar num. Mas não.

⁶⁰ mermo. Mesmo.

⁶¹ prodigicar. Prejudicar.

⁶² pas. Para as.

⁶³ n'oleria. Na olaria.

⁶⁴ rente. Gente.

não, elas pra lá incomodar, todo mundo mora afastado. Se, por acaso, chegar acontecer o povo também ele não pode aceitar tudo tem que fazer uma reclamaçãozinha.

Neste discurso o sujeito é contrário em relação ao discurso do sujeito coletivo anterior que acreditam de que as olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas, sejam moradores circunvizinhos das olarias ou mesmo os próprios trabalhadores das olarias da comunidade. No princípio do discurso há uma generalização feita pelo sujeito quando afirma que as olarias não afetam a saúde e justifica sua fala quando os caracteriza como “*são uns pessoal coidadoso*”. Assim, por meio deste trecho o sujeito coletivo põe as ações efetuadas pelas olarias sob a responsabilidade desse *pessoal*, levando a inferir que essas pessoas do qual fala são os próprios responsáveis pelas olarias, que segundo ele tomam as medidas necessárias para manter a segurança da população. Contrapondo percepções já apresentadas em discursos anteriores de que as olarias não tomam medidas preventivas e/ou mitigadoras de possíveis problemas.

Há outros pontos na fala do sujeito que precisam ser entendidas melhor, ainda mais que se constitui em um contra-argumento à afirmação de que as olarias prejudicam a qualidade de vida. O primeiro ponto a se observar é quando trata da questão da fumaça e descreve: “*A fumaça da oleiria não incomoda a gente, pa dentro da cidade, sempre vai assim pro lado camp, mar num num campo não tem mermo casa*”, “*...todo mundo mora afastado.*”. O que é totalmente contraditório com a fala do sujeito anterior, que se pronunciou não somente contra a emissão da fumaça da qual estão em contato diariamente, mas também concorda do quão prejudicial se constitui para a saúde, além de apontar diversos moradores que precisaram ir ao hospital devido problemas ocasionados pela fumaça, resultante das olarias.

Indo mais além, pensando nas possíveis indignações surgidas por alguns moradores com relação a isso responde em seguida dizendo: “*, aí não dá de prodigicar as pessoas, só invenção mesmo*”, ou seja, a sua posição a partir do argumento e incômodo de muitos moradores locais é de que se trata de algo imaginário, pois tal produto do trabalho das olarias não se constitui em um risco e ou prejuízo para a saúde, mesmo que esta palavra seja contestada por inúmeras pesquisas atuais, algumas delas já citadas aqui como Amancio e Nascimento (2012), Veloso (2011), Fagundes (2018b), entre outros. E completa, “*as olaria, ela:: constroe ela dá um porto de renda pas pessoa né que não tem a renda*”, é inegável a importância que as olarias tem na localidade e também na região, isto vêm sendo dito há vários discursos, todavia, perceber pontos negativos também se faz importante, pois é por meio deles que se pode pensar medidas mitigadoras e que possam vir a agregar em melhoria para todos no trabalho com as olarias.

O sujeito coletivo deste discurso se mostra disperso em suas opiniões, principalmente quando diz ser desinformado do descontentamento e das consequências para a saúde ao dizer: *“Nunca houve nada, se já teve, mas eu inda não vi não”*. Inferimos que o seu desconhecimento pode ter origens em várias vertentes, seja por não conhecer mesmo a situação das olarias, ou mesmo por não querer apontar as causas negativas em relação a elas, uma vez que há tantos moradores com falas contrárias às suas indicando que a situação de risco a qual estão expostos têm causado sérias consequências para suas saúdes. Sobre esse segundo aspecto cabe ressaltar que na coleta desta pesquisa muitas barreiras foram encontradas, e uma das principais foi o receio de vários moradores em falar sobre as olarias como já pontuado anteriormente no trabalho, o que acaba por contribuir ainda mais para a intensificação dos problemas envolvendo as olarias, dificultando a busca por melhores soluções envolvendo seu trabalho, o meio ambiente e a comunidade à qual está inserida.

E para este sujeito, muito semelhante ao discurso anterior, reconhecendo o grau de periculosidade da situação, mas disposto a aceitá-la como algo normal, como pode ser visto em sua fala: *“porque a fumaça na rente tá n’oleria trabalhando as vezes incomoda, mas rente tá no serviço da gente, no saiu de lá tudo bem.”*. O sujeito confia que após o expediente de serviço tudo estará bem, e não leva em conta que no dia seguinte estará novamente em contato direto com o mesmo ambiente nas mesmas condições, colocando em risco a própria saúde. Portanto, ainda que saiba que inala a fumaça, não acredita que isso venha a prejudicar de alguma maneira e destaca *“Se, por acaso, chegar acontecer o povo também ele não pode aceitar tudo tem que fazer uma reclamaçãozinha”*. Nas palavras de Santos *et al.* (2019, p. 14) ao estudar a relação entre poluentes atmosféricos e suas consequências para a saúde concluiu:

Poucas pessoas associam a má qualidade do ar com doenças como o Alzheimer, Parkinson ou outras doenças neurológicas, porém estudos modernos asseguram que esses males podem se desenvolver no organismo humano após anos de inalação de gases tóxicos e metais poluentes que estão presentes no ar. Já se sabe que a exposição crônica à poluentes atmosféricos está diretamente relacionadas a várias doenças Neurológicas/Neurodegenerativas[...].

Como bem concluiu Santos *et al.* (2019) as consequências para quem está sujeito constantemente a poluentes são devastadoras para o organismo humano, e, muitas dessas consequências se mostram tanto a curto quanto a longo prazo, ou seja, deixar o ambiente de trabalho depois de horas de exposição aos poluentes e voltar para casa estando tudo bem como nos diz o sujeito coletivo e voltar dia após dia, inalando constantemente os mesmos poluentes, se constitui em um dos maiores agravos à saúde e conseqüentemente a qualidade de vida.

Ao observarmos a visão do sujeito coletivo se percebe que as olarias estão presentes nos três âmbitos relacionados à sua vida como destacado neste trabalho, além de influenciar em algum momento dela, seja na questão da economia quanto na natureza e na qualidade de vida. A sua atuação na localidade e importância que desempenha é inegável nos discursos já apresentados, sendo as olarias até mesmo apresentadas como sinônimo da urbanização da cidade, mas não se deve ignorar os seus impactos negativos que também acrescentam para a população em geral e ao meio ambiente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho contamos com a visão do sujeito coletivo para traduzir a ação das olarias e o seu papel na vida dos moradores da localidade do Município de Turilândia no estado do Maranhão, e percebemos que as olarias se mostram com inúmeras facetas dentro da comunidade. A defesa em prol do meio ambiente, destacando que aqui nos referimos a meio ambiente como aquele que leva em consideração não o ambiente físico e natural, mas todos os seus condicionantes, políticos, éticos, sociais e econômicos, assume papéis cruciais na manutenção da mesma. É bem notório de que não existe apenas um tipo de impacto, pois existem impactos positivos e impactos negativos. Nosso trabalho mostrou uma relação direta que há entre esses pontos positivos e os negativos das olarias na vida comunidade. Ao passo que ela afeta a natureza e a qualidade de vida ela também é importante economicamente e fonte de renda, o que garante que ela continue em funcionamento e continue impactando o ambiente de diferentes maneiras e permaneça facilitando a vida dos moradores quanto a construção de casas, por exemplo. Ou seja, é um ciclo.

Devemos considerar o papel de extrema importância que as mesmas exercem na comunidade, disponibilizando empregos pois dependem da mão de obra, que encontram nos próprios moradores da localidade o que lhes possibilita uma renda para suas famílias, a facilidade que os moradores locais e de regiões circunvizinhas tem de comprar os materiais de uma forma que o custeio será bem mais acessível em relação à compra em lugares mais distantes, a grande mudança no paradigma estrutural da cidade através da construção de casas de alvenaria substituindo as antigas habitações de taipa, além da visão do sujeito em retratar a necessidade de mudanças que devem ocorrer nas olarias para o seu melhor desempenho dentro de suas atividades sem prejuízos para quaisquer indivíduos.

Mesmo com tantos pontos positivos retratados pelo sujeito coletivo, não se deve deixar de lado os impactos negativos que o setor oleiro tem proporcionado no ambiente onde realizam suas atividades, o que tem se tornado ainda mais crescente com o aumento do número populacional que tem acarretado em uma demanda maior no fornecimento dos materiais e conseqüentemente uma maior pressão sobre o meio ambiente de onde retiram a matéria-prima para a produção dos materiais que serão vendidos, sendo que, mesmo antes do crescimento da população local, as próprias olarias já desempenhavam um forte papel na exploração dos recursos encontrados no meio ambiente, o que apenas se intensificou ao longo do tempo. Não obstante, o mesmo crescimento populacional acarreta em sérios riscos para a saúde da própria

população à medida em que se aproximam das áreas onde se localizam as olarias, fazendo com que se tornem alvos das constantes emissões de gases nocivos para a nossa saúde.

É importante que o poder público realize medidas que visem minimizar os efeitos negativos que as olarias desempenham tanto para a qualidade de vida dos moradores da comunidade estudada como também de toda a cidade, pois à medida em que as olarias intensificam as suas atividades pode comprometer toda a cidade, mais especificadamente com os efeitos da fumaça. Além de corroborarem com medidas de recuperação de áreas suscetíveis ao trabalho das olarias, por meio do reflorestamento de áreas desmatadas (que, como visto, não é feito nem pelos responsáveis das olarias) e recuperação de áreas degradadas.

Contudo, nosso trabalho trouxe também um olhar, na qual imaginávamos encontrar, não de forma tão expressiva como foi, a respeito das influências positivas das olarias para com os moradores, e de como o seu aparecimento na região mudou inclusive os seus estilos de vida, ao construírem casas mais duradouras que não dependem das condições climáticas como a chuva, bem como ocorria quando suas casas eram ainda feitas de taipa, ou então de como as olarias influenciaram na construção civil da cidade, modificando a paisagem do município como um todo, e, além de tudo isso, há de se considerar o fato de não ser apenas os próprios moradores da comunidade e município de Turilândia os únicos favorecidos pela atividade deste setor, mas também as cidades aos seus arredores, beneficiadas por meio da compra de seus produtos originados dali.

Dessa maneira, acreditamos que as olarias são importantes em diferentes situações e concordamos que elas não podem ser fechadas, pois o impacto disso seria incontável para aquelas pessoas que delas dependem direta ou indiretamente. Não obstante, acreditamos que para permanecer em atividade é necessário também a participação mais efetiva do Ministério do Trabalho que garanta melhores condições de trabalho, diminuição dos riscos de insalubridade e constantes acidentes, carga horária que não ultrapasse o previsto na legislação trabalhista brasileira, além de assegurar melhores benefícios aos empregados que dependem deste meio para obtenção de renda.

Também se faz necessário a atuação dos órgãos responsáveis pelo meio ambiente, sejam eles a nível municipal, estadual ou federal, uma vez que segundo o próprio sujeito não há nenhuma intervenção de quaisquer órgãos a fim de fiscalizar e monitorar as atividades do setor oleiro na região. E por fim, assegurar plenamente que tais atividades do setor oleiro estarão sob constantes inspeções de maneira a não prejudicar em hipótese alguma, ou reduzir ao máximo possível os efeitos da atividade oleira sobre as famílias que vivem em suas proximidades.

Existem muitos trabalhos que abordam as olarias e seus impactos socioambientais, que inclui citar as situações que impõem aos trabalhadores, emissão de gases, desmatamento, assoreamento e etc. Todavia, nosso trabalho se mostrou com um diferencial de investigar todas essas questões por meio da visão do próprio sujeito, da forma que eles e elas enxergam essas influências em suas vidas. Essa perspectiva é de suma importância, pois identificar que alguns sujeitos não percebem impactos ou qualquer tipo de influência é também inferir que podem nunca se questionar, nunca perceber, o que leva as olarias a continuarem operando da forma como sempre fizeram. Sim, elas influenciam também positivamente, porém mesmo essa ideia de emprego, renda, trabalho, compra e circulação de materiais, podem melhorar significativamente quando analisamos suas influências de forma crítica.

Desse modo, acreditamos que esse trabalho serve de dados importantes para outras pesquisas com a problemática das olarias no contexto da Baixada Maranhense e que possa ajudar a conscientizar da importância que o setor oleiro desempenha na região em todos os seus fatores. Além disso, de que pode auxiliar trazendo dados para órgãos governamentais se basearem para elaboração de políticas públicas que levem em conta a opinião dos próprios moradores. Além das mudanças que podem provocar na realidade social do município, uma vez cientes do quanto é importante não simplesmente retirar os subsídios necessários para a sobrevivência, mas também o cuidado que se deve ter na manutenção dos recursos disponíveis no meio ambiente.

Além disso, este trabalho abre portas para outras pesquisas que possam se debruçar, com segurança e cuidado na observação *in loco* das olarias, buscar investigar como certas medidas preventivas, discussões em grupos, trabalhos de sensibilização na comunidade, podem auxiliar a resolução de algumas problemáticas elencadas no trabalho bem como permitir que a comunidade entenda seu funcionamento, papel, direitos e deveres, enfim atuando com pesquisas que permitam ações mais específicas sobre as pontuações colocadas aqui. Ainda há muito a ser discutido, principalmente na elaboração e implementação das medidas de preservação da natureza, segurança no trabalho, e melhor qualidade de vida dos que estão dentro e fora das olarias, que pode ser bem explorado em trabalhos futuros.

Em suma, esperamos que haja um equilíbrio tanto entre as ações quanto com o pensamento coletivo de toda a comunidade e autoridades governamentais, entre os fatores positivos encontrados na exploração das olarias sobre os recursos disponíveis na natureza e o cuidado consciente que se deve ter para a manutenção deste mesmo ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABCERAM. Associação Brasileira de Cerâmica. **Cerâmica no Brasil – Considerações Gerais**. 2016. Disponível em: <https://abceram.org.br/consideracoes-gerais/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- ALMEIDA, R. R. P. *et al.* Proposta de recuperação de uma área de empréstimo degradada pela atividade de olaria no município de Pombal-PB. **Informativo Técnico do Semiárido**, Paraíba, v. 9, n. 1, p. 19-22, 2015. Disponível em: <https://editoraverde.org/gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/3212/3422>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. **Congresso Nacional de Educação**, v. 8. p. 2208-2220, 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/724_599.pdf. Acesso em: 24 dez. 2020.
- AMANCIO, C. T.; NASCIMENTO, L. F. C. Asma e poluentes ambientais: um estudo de séries temporais. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 302-307, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302012000300009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302012000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Dec. 2020.
- ANICER. Associação Nacional de Indústria Cerâmica. **Dados do setor**. 2020. Disponível em: <https://www.anicer.com.br/anicer/setor/>. Acesso em: 21 nov. 2020
- BARBOSA, J. A. A. *et al.* Aspectos da Caça e Comércio Ilegal da Avifauna Silvestre por Populações Tradicionais do Semi-árido Paraibano. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Paraíba, v. 10, n. 2, p. 39-49, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/500/50016922004.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 21 Dez. 2020.
- BORGES, L. A. C. *et al.* Evolução da Legislação Ambiental no Brasil. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Minas Gerais, v. 2, n. 3, p. 447-466, 2009. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9168.2009v2n3p447-466>. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/1146/852>. Acesso em: 07 out. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei de nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977**. Altera o Capítulo V do Título II da Consolidação das Leis do Trabalho, relativo à segurança e medicina do trabalho e dá outras providências. Brasília, em 22 dez. 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6514.htm. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, em 31 de ago. 1981. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=313>. Acesso em: 11 mar. 2020.

BRASIL. Senado Federal. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2011.

BRASIL. Presidência da república. **Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999**. Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. Brasília, 6 de maio de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048compilado.htm. Acesso em: 23 dez. 2020.

CAMARA, V. F. *et al.* **Avaliação da efetividade dos limites de concentração de emissão de poluentes atmosféricos da indústria cerâmica na proteção da qualidade do ar**. 2015. Dissertação (Pós Graduação em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Santa Catarina, 2015.

CAMOZZATO, M. M. A importância individual do integrante da sociedade em rede na proteção do meio ambiente. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 1, p. 60-69, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/198136948218>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/revistadireito/article/view/8218>. Acesso em: 11 mar. 2020.

CANOTILHO, M. H. P. C. **Processos de cozedura em cerâmica**. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/203/1/60%20-%20Processos%20de%20cozedura%20em%20cer%20c3%a2mica.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CHAVES, T. P.; SOUZA, S. M.; FREITAS, A. C. de. Pantanal, tudo fica bem quando o fogo se apaga?. **Revista Sustinere**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 592 - 606, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2020.56009>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/56009>. Acesso em: 03 set. 2020.

COELHO, E. M. B.; SILVA, R. R. A luta pelo reconhecimento étnico e direito à terra: os Gamela. *In*: Encontro Internacional Políticas Públicas, 8., 2017, São Luís-MA. **Anais [...]**. São Luís-MA: UFMA, 2017, p. 1-14. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo12/alutapeloreconhecimentoeetnicoedireitoaterraosgamela.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA nº 001 de 1986. **DOU**, Brasília, [s.v.], n. 1, pag. 2548-2549, 1986. Disponível em: <http://www.ima.al.gov.br/wizard/docs/RESOLU%C3%87%C3%83O%20CONAMA%20N%C2%BA001.1986.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

COSTA NETO, J. P. *et al.* Limnologia de três ecossistemas aquáticos característicos da Baixada Maranhense. **Boletim do Laboratório de Hidrobiologia**, Maranhão, v. 14, n. 1, p. 19-38, 2001. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/blabohidro/article/view/2125/282#>. Acesso em: 12 mar. 2020.

CUNHA, Y. M. da. **Aspectos da paisagem oleira de Morro da Fumaça (SC)**. 2002. Dissertação (Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2002.

DUARTE, S. J. H.; MAMEDE, M. V.; ANDRADE, S. M. O. de. Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 620-626, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 dez. 2020.

FAGUNDES, J.; LOPES G. V. Análise de riscos ambientais em uma olaria no município de Caçapava do Sul/RS. *In*: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - SIEPE, 9., 2017, Santana do Livramento-RS. **Anais [...]**. Santana do Livramento-RS: Unipampa, 2017, p. 1-7. Disponível em: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/14073/seer_14073.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

FAGUNDES, J. P. B. **Análise dos riscos ocupacionais**: estudo de caso em uma olaria em Caçapava do Sul - RS. 2018a. Dissertação (Pós-Graduação em Tecnologia Mineral) - Universidade Federal do Pampa, Caçapava do Sul, 2018.

FAGUNDES, J. P. B. Riscos no trabalho em olarias e seu entendimento por parte dos trabalhadores. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 4, 2018b. ISSN 2525-7870. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v4i0.719>. Disponível em: <https://www.claec.org/periodicos/index.php/relacult/article/view/719>. Acesso em: 14 dez. 2020.

FAVORETTI, M. R.; BATALLA, J. F. Levantamento da avifauna no mangue do Rio Juqueriquerê, Caraguatatuba-SP. **Unisanta BioScience**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 272-285, 2017. Disponível em: <https://ojs.unisanta.br/index.php/bio/article/view/953/920>. Acesso em: 02 dez. 2020.

FEARNSIDE, P. M. Desmatamento na Amazônia brasileira: história, índices e consequências. Megadiversidade. Amazonas: **Editora do INPA**, v. 1, n. 1, p. 7-19, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2005.00697.x>. Disponível em: http://inct-servamb.inpa.gov.br/publ_restritas/2019/Destruicao-v1/Cap-1-Desmatamento_historia-prova.pdf. Acesso em: 09 dez. 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 3. ed., 2009.

FREITAS, C. M. de *et al.* Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 5, p. e00052519, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00052519. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csp/2019.v35n5/e00052519/pt>. Acesso em: 04 nov. 2020.

FUSCO, W. Regiões metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 20, n. 39, p. 101-116, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-85852012000200006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2020.

GALVÃO FILHO, J. B. Poluição do ar. **ECP–Engenharia, Consultoria e Planejamento**, [S.l.], v. 26, p. 1-25, 2013. Disponível em: <https://www.consultoriaambiental.com.br/pdf/pdf-35.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

GERALDINO, C. F. G. **O conceito de meio na Geografia**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/5785421.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.

GOMES, M. H. P. **Manual de prevenção de acidentes e doenças do trabalho nas olarias e cerâmicas vermelhas de Piracicaba e região**. Piracicaba - SP: [s.n.], 2010. Disponível em: http://www.cerest.piracicaba.sp.gov.br/site/images/Manual-olarias_2012comISBN-atualizado.pdf. Acesso em: 08 nov. 2020.

GOMES, T. F. **Renda, moradia e vulnerabilidade para a Doença de Chagas em área endêmica do Estado do Ceará**. 2017. Doutorado (Doutorado em Medicina Tropical) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

GONDIM, L. M. de P. Meio ambiente urbano e questão social: habitação popular em áreas de preservação ambiental. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 64, p. 115-130, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000100009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792012000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2020.

GOOGLE EARTH. 2020. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@-2.22895602,-45.30610821,6.10999028a,2159.84779939d,30y,342.87879254h,0t,0r>. Acesso em: 28 dez. 2020.

GRIGOLETTI, G. de C.; SATTler, M. A. Estratégias ambientais para indústrias de cerâmica vermelha do Estado do Rio Grande do Sul. **Ambiente construído**: revista da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Porto Alegre-RS. v. 3, n. 3, p. 19-32, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31647/000427832.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 dez. 2020.
<http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=23>. Acesso em: 20 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Turilândia. In: **Ibge**, [s.l.], [2019]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/turilandia/panorama>. Acesso em: 08 nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, QUALIDADE E TECNOLOGIA - INMETRO. Ministério da Economia. 5ª Conferência de Arranjos Produtivos Locais acontece em Brasília. **Notícias**. [s.l.], 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/assuntos/noticias/5-conferencia-de-arranjos-produtivos-locais-acontece-em-brasilia>. Acesso em: 15 nov. 2020.

JATOBÁ, S. U. S.; CIDADE, L. C. F.; VARGAS, G. M.. Ecologismo, ambientalismo e ecologia política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 47-87, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

JOLLIVET, M.; PAVÉ, A. O meio ambiente: questões e perspectivas para a pesquisa. In: VIEIRA, Paulo Freire; WEBER, Jacques (Org.). **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 53-112.

KEMERICH, P. D. da C. *et al.* Avaliação de Impactos Ambientais na Implantação e Operação de Olaria. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 1, p. 134-150, 2011. Disponível em: ferramentas.unipinhal.edu.br/engenhariaambiental/include/getdoc.php?id=... Acesso em: 21 nov. 2019.

LANDIM, A. A. *et al.* Impactos ambientais causados pela implantação e operação de olaria em Caçapava do Sul-RS. **Holos Environment**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 83-97, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14295/holos.v19i1.12216>. Disponível em: <https://www.cea-unesp.org.br/holos/article/view/12216/8234>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 10, n. 20, p. 517-524, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200017>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832006000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 dez. 2020.

LEMES, M. da C. R.; REBOITA, M. S.; CAPUCIN, B. C. Impactos das queimadas na Amazônia no tempo em São Paulo na tarde do dia 19 de agosto de 2019. **Revista Brasileira de Geografia Física**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 983-993, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Censo%20Escolar/Downloads/243158-170055-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

LEMO, C. M. G.; FERREIRA, G. C. Utilização de técnicas de nucleação para recuperação de áreas degradadas pela extração de argila vermelha. In: Congresso Brasileiro de Cerâmica, 58., 2014, Bento Gonçalves-RG. [Artigo] [...]. Bento Gonçalves-RG: ABCERAM, 2014, p. 959-967, 2014. Disponível em: https://abceram.org.br/wp-content/uploads/area_associado/58/PDF/03-024.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

MACIEL, C. F.; VALLE, M. I. de M.; MACIEL, J. M. B. de M. “Homens do barro” e estratégias empresariais: uma análise da relação capital-trabalho no polo oleiro-cerâmico de Iranduba-AM. **Plural - Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 9-30, 2013. DOI: [10.11606/issn.2176-8099.pcs.2013.69561](https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2013.69561). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/69561>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em Educação. **Revista Percursos**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114753/ISSN21773300-2012-04-02-149-171.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 dez. 2020.

MARINHO, M. L. C. *et al.* O Discurso do sujeito coletivo: uma abordagem qualiquantitativa para a pesquisa social. Trabalho Social Global. **Revista de Investigaciones en Intervención social**, [s.l.], v. 5, n. 8, p. 90-115, 2015. Disponível em: https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/36792/TSG%20V5_N8_5%20Costa%20Marinho.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 nov. 2020.

MARTINS, J. X. F. A importância dos princípios constitucionais ambientais na efetivação da proteção do meio ambiente. **Revista Científica ANAP Brasil**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 34-52, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17271/198432401120083>. Disponível em: http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/anap_brasil/article/view/3/4. Acesso em: 23 dez. 2020.

MAZOYER, M.; ROUDART, L.; **História da agricultura no mundo. Do Neolítico à crise contemporânea**, São Paulo: Unesp, 2010. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nxn8115>. Acesso em: 08 mar. 2020.

MELO, N. da S. **Os limites imanentes ao conceito de meio ambiente como bem de uso comum do povo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp067927.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MENDES, F. R. *et al.* Mamíferos do município de Fênix, Paraná, Brasil: etnozologia e conservação. **Rev. Bras. Zool.**, Curitiba, v. 22, n. 4, p. 991-1002, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-81752005000400027>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81752005000400027&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2020.

MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. **Terra Livre**, São Paulo, [s.v.], n. 16, p. 113-132, 2001. Disponível em: <http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/352/334>. Acesso em: 08 mar. 2020.

NASCIMENTO, W. S. dos A. do. **Avaliação dos impactos ambientais gerados por uma indústria cerâmica típica da Região do Seridó/RN**. 2007. 185 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia de Materiais; Projetos Mecânicos; Termociências) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/15735>. Acesso em: 21 nov. 2019.

NAVARRO, R. F. A Evolução dos Materiais. Parte1: da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Revista eletrônica de materiais e processos**, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2006. Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/32246.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2020.

- NOBRE, C. A.; SAMPAIO, G.; SALAZAR, L. Mudanças climáticas e Amazônia. **Cienc. Culto**, São Paulo, v. 59, n. 3, pág. 22-27, 2007. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de dez. 2020.
- OLIVEIRA, M. C. de. Discussões sobre o conceito de meio ambiente. **Revista do Instituto Geológico**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 53-60, 1982. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/0100-929X.19820007>. Disponível em: <http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/rig/article/view/8759>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- PEREIRA, S. de J. *et al.* Morfologia e densidade básica das folhas de tucum (*Bactris inundata* Martius) como fonte de fibras celulósicas para papel. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 39-48, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Censo%20Escolar/Downloads/1699-5969-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.
- PINHEIRO, H. A. O trabalho e a vida dos homens do barro na Amazônia: trabalho precário e vulnerabilidade social dos oleiros em Iranduba (AM). *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: o desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação*, 6., 2013, São Luís-Ma. [**Anais**] [...]. São Luís-MA: UFMA, 2013. p. 1-10. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo2-transformacoesnomundodotrabalho/PDF/otrabalhoeavidadoshomensdobaonaamazonia.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- PINHEIRO, H. A. Tramas e dramas do trabalho oleiro no Amazonas. *In: Encontro Internacional de Política Social*, 4; Encontro Nacional de Política Social, 11., 2016, Vitória-ES. [**Anais**] [...]. Vitória-ES, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Censo%20Escolar/Downloads/12968-Texto%20do%20artigo-35059-1-10-20160604%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Censo%20Escolar/Downloads/12968-Texto%20do%20artigo-35059-1-10-20160604%20(1).pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.
- PISANI, M. A. J. Taipas: a arquitetura de terra. **Revista Sinergia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 09-15, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria_Augusta_Pisani/publication/271829655_TAIPAS_A_ARQUITETURA_DE_TERRA/links/54d27cd10cf2b0c61469bf06/TAIPAS-A-ARQUITETURA-DE-TERRA.pdf. Acesso em: 08 mar. 2020.
- PORTELA, M. O. B.; GOMES, J. M. A. Os danos ambientais resultantes da extração de argila no bairro Olarias em Teresina-PI. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 2., 2005, São Luís-MA. **Anais** [...]. São Luís-MA: UFMA, 2005, p. 1-7. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/Trabalhos/EixoTematicoG/282Oliveira%20brito_Alcoba%20C3%A7a%20gomes.pdf. Acesso em: 03 mar. 2020.
- PRATES, R. C.; BACHA, C. J. C. Os processos de desenvolvimento e desmatamento da Amazônia. **Economia e Sociedade**, Campinas-SP, v. 20, n. 3, p. 601-636, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642342>. Acesso em: 06 mar. 2020.
- PRETI, D. (Org.) Oralidade em textos escritos. Projetos Paralelos – NURC/SP. **Humanitas**, São Paulo, v. 1, n 3, p. 176-179, 2009. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3382/2252>. Acesso em: 07 mar. 2020.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Revista Evidência**, Araxá, v. 4, n. 4, p. 129-148, 2012. Disponível em: <https://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/328/310>. Acesso em: 21 nov. 2019.

RIBEIRO, J. P. M.; MANZIONE, R. L. Identificação de áreas degradadas por extração de argila no município de Ourinhos (SP): recuperação do passivo ambiental e proteção dos recursos hídricos. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos-SP, v. 6, n. 2, p. 73-92, 2012. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/136/69>. Acesso em: 21 mar. 2020.

ROCHA, F. N.; SUAREZ, P. AZ; GUIMARÃES, E. M. Argilas e suas aplicações em utensílios e materiais cerâmicos. **Revista virtual de Química**, [s.l.], v. 6, n. 4, p. 1105-1120, 2014. DOI: 10.5935/1984-6835.20140070. Disponível em: <http://rvq-sub.s bq.org.br/index.php/rvq/article/view/736/479>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RODRIGUES, T. C. **Uso da terra na área de influência direta de extração de argila no município de Jataí-GO**. 2017. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, Goiás, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/164/o/Uso_da_terra_na_%C3%A1rea_de_influ%C3%A2ncia_direta_de_extra%C3%A7%C3%A3o_de_argila_no_munic%C3%ADpio_de_Jata%C3%AD-GO.pdf?1537989431. Acesso em: 09 dez. 2020.

SALIB, G. R. **Trabalho e migração: experiências dos trabalhadores das olarias do município de Sangão-SC**. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico) - Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma, 2018.

SANTOS, A. dos. EXTRAÇÃO MINERAL DE AREIAS E SEUS IMPACTOS NA TERRITORIALIDADE SOCIOAMBIENTAL: o caso de Feira de Santana-BA. Seminário Internacional Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental: “Terra em Transe”, 7., 2015, Bahia. [Artigos]. [...]. Bahia, 2015, p. 1-20. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0009/2488/extra-o-mineral-de-areias-e-seus-impactos-na-territorialidade-socioambiental.pdf>. Acesso em: 09 de dez. 2020.

SANTOS, H. L. *et al.* Relação entre poluentes atmosféricos e suas consequências para a saúde. **Intr@ciência**. [s.l., s.v., s.n.], p. 1-24, 2019. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20190312105045.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

SANTOS, H. M. da C.; VIEIRA, M.; PINTO, A. G. N. Identificação e análise dos principais impactos ambientais provocados por olarias no Município de Tabatinga-Amazonas. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 10, n. 29, p. 71-75, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15789/8926>. Acesso em: 12 maio 2020.

SÃO LUÍS. Código de Posturas do Município de São Luís. São Luís, 12 mai. 1968. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/codigo-de-posturas-sao-luis-ma>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SCHETTINO, G. C. Resistências à ideia de ilegalidade ambiental em olarias do povoado Rio das Pedras. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS*, 1.; 2016, Sergipe. **Anais** [...]. Sergipe, 2016, p. 925-239. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12866/2/ResistenciasIdeiaIlegalidadeAmbiental.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SILVA, G. O. da. Diagnóstico situacional e ambiental de uma olaria no município de conceição do Araguaia-PA. *In: Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental*, 4., 2013, Salvador-BA. **Poster** [...]. Salvador-BA, 2013, p. 1-4. Disponível em: <http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2013/XI-021.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

VARGAS, J. E. **Impactos ambientais causados pela implantação e operação de olaria na cidade de Caçapava do Sul–RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Mineração) - Universidade Federal do Pampa, Caçapava do Sul, 2016.

VELOSO, É. A. C. X-021-minimização da poluição atmosférica das olarias a partir do uso de manípueira na produção de tijolos. *In: Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, 26., 2011, Porto Alegre-RS. [**Artigos**] [...]. Porto Alegre-RS, 2011, p. 1-4. Disponível em: <http://abes.locaweb.com.br/XP/XP-EasyArtigos/Site/Uploads/Evento19/TrabalhosCompletoPDF/X-021.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ZANELATTO, J. H. Z. H.; SALIB, G. R. Precarização dos trabalhadores das cerâmicas/olarias. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 73-94, 2020. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da pesquisa intitulada influências socioambientais das olarias sob a ótica de moradores locais em uma comunidade do município de Turilândia no estado do Maranhão. Cujos objetivos e justificativas são: Investigar as influências, causas e consequências socioambientais provocados pelas olarias no município de Turilândia no estado do Maranhão a partir do relato de comunidade local. Seu envolvimento no referido estudo será no sentido de participar de uma entrevista cujas perguntas estarão voltadas para a problemática em questão, neste caso, a questão das olarias. O (a) Sr (a) também é livre para, a qualquer momento, recusar-se a participar se considerar que possam ocasionar constrangimento de qualquer natureza, e pode deixar de participar da pesquisa sem apresentar justificativas para tal, sem sofrer qualquer prejuízo, em qualquer fase da pesquisa. Além disso, você autoriza o uso das suas respostas da pesquisa a qual fará parte tendo ciência que os dados terão como única finalidade a pesquisa e produção científica e sua identidade não será divulgada. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da sua participação. O discente envolvido com o referido trabalho é Jonas Souza Sodré, graduando do Curso de Ciências Naturais - Biologia, na Universidade Federal do Maranh , Campus de Pinheiro, localizada na Estrada de Pacas, Enseada, Pinheiro – MA e poderá manter contato pelos telefones (XX) XXXXX - XXXX, e-mail: jonas.souza@discente.ufma.br

Consentimento pós-informa o:

Eu, _____, fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colabora o, e entendi a explica o. Por isso, eu concordo em particular projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Turilândia - Ma, ____/____/_____.

Nome/assinatura:

CPF: XXX.XXX.XXX-XX

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados individuais sobre o entrevistado:

1. Nome completo: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: F () M () Outros ()
4. Localidade: _____
5. Nível de escolaridade:
 - a) Ensino Fundamental incompleto ()
 - b) Ensino Fundamental completo ()
 - c) Ensino Médio incompleto ()
 - d) Ensino Médio completo ()
 - e) Outros ()
6. Atividade econômica: _____

Perguntas relacionadas com a problemática das olarias:

Há quanto tempo reside nesta localidade?

A(s) olaria(s) já está (ao) há bastante tempo nesta localidade aonde você mora?

Existe alguém de sua família que trabalha e depende direta ou indiretamente da atividade das olarias? Se sim, quantas?

Qual a sua opinião sobre o trabalho nas/das olarias?

Para você, existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? Se sim, quais?

Nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade? De que maneira?

Você acredita que se houvesse projetos e palestras que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, sua importância e seus impactos e como mantê-las com segurança, isso seria positivo? Você participaria?

Em sua opinião o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias? De que maneira você acredita que isso acontece?

Como era antes da chegada da (s) olaria (s) e como é agora depois dela (s)? Você percebe alguma mudança no ambiente antes e depois de sua (s) construção (ões)?

Existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias que você pode observar, como interesse pela recuperação de áreas degradadas e reflorestamento de áreas desmatadas pelo seu trabalho?

Você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros depois da construção de olarias? Eles aumentaram ou diminuíram?

Você percebe alguma diferença também no solo, na água e na qualidade do ar depois da chegada da (s) olaria (s)?

Sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção? Percebeu diferença na água que bebe ou na comida?

Você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? Se sim, então que tipo de sintomas você apresentava?

Você já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias (como por exemplo fumaça, barulho e etc.)?

De acordo com a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores desta localidade?

Em sua opinião e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente, pois não interfere na sua vida nem na qualidade dela?

Se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias, quais gostariam de pontuar e por quê?

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistador: éh:: a quanto tempo você reside nesta localidade?

E1: ah é acho que uns... mais de dez anos (sorrindo)

Entrevistador: mais de dez anos? tá.

Entrevistador: éh:: as olarias sempre:: a olaria ou as olarias, elas já estão há bastante tempo nesta localidade onde você mora?

E1: já

Entrevistador: bastante tempo?

E1: sim

Entrevistador: éh... existe alguém de sua família que trabalha, depende direta ou indiretamente da atividade das olarias?

E1: não

Entrevistador: ninguém?

E1: ninguém

Entrevistador: tá, éh:: qual a sua opinião sobre o trabalho nas olarias?

E1: ... se::i lá mas eu acho que é assim porquê... na a... eu vou te falar tipo da fumaça né éh éh éh éh ela:::... sai aquele aquela fumaça muito forte deixa as as criança mesmo reclama muito aqui né... sobre aquela fumaça e que elas fico sem ter o ar, faz mal mesmo oh

Entrevistador: tá... éh:::... para você existe fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? se sim, a resposta for sim, quais? ou se não... a senhora... fica à vontade

E1: não entendi

Entrevistador: oh, éh:: na sua opinião existem fatores positivos quanto ao trabalho das olarias?

E1: positivo?

Entrevistador: aham

E1: eu acho que não, porque não... tem aquele:::... acabamento adequado pra eles trabalhar

Entrevistador: tá... éh::... nesse entendimento sobre as olarias... você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade? de que maneira?

E1: é:: por causa dos:::... (sorrindo) dos::: como é? dos:::

Entrevistador: tijolos

E1: tijolos... eu acho que sim

Entrevistador: tá certo... éh:::... cadê:::... você acredita que se houvesse projetos, palestras, que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, a sua importância, os impactos e como manter elas, isso seria positivo?

E1: com certeza, ia melhorar e muito né

Entrevistador: você participaria?

E1: com certeza

Entrevistador: tá certo, éh::: em sua opinião, o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias? de que maneira isso acontece?

E1: muito, e muito, principalmente no::: nos buraco que eles faz (sorrindo) né

Entrevistador: certo, éh como era antes da chegada das olarias e como é agora depois dela? você percebe alguma mudança no ambiente antes e depois de sua construção?

E1: com certeza porquê... os primeiro não tinha esses buraco agora... eles cada vez mais fazendo pior né

Entrevistador: certo... já estamos terminando, falta só algumas pergunta algumas pouca. Existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias, que você pode observar como interesse pela recuperação de áreas degradadas, reflorestamento de áreas desmatadas pelo trabalho deles? existe alguma ação assim boa com relação a

E1: não! Não existe nada bom (sorrindo)

Entrevistador: certo, éh, você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros depois da construção das olarias? Eles aumentaram ou diminuíram?

E1: diminuíram, porque eles se afastam

Entrevistador: éh você percebe alguma diferença também no solo, na água, na qualidade do qualidade do ar, depois da chegada das olarias?

E1: com certeza!

Entrevistador: tem

E1: na na na fumaça... acaba com a:::... respiração das pessoas

Entrevistador: certo, éh, sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde, ou isso é apenas invenção? percebeu alguma diferença na água que bebe ou na comida?

E1: não, na água e na comida não, mas só:::... só no ar que a gente respira

Entrevistador: na questão do ar, certo, éh::: você já procurou atendimento médico, devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? se sim, então que tipo de sintomas você apresentava?

E1: falta de ar

Entrevistador: falta de ar?

E1: já aconteceu comigo

Entrevistador: certo... você já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias como por exemplo, fumaça, barulho e etc?

E1: já... vários vizinhos reclamo disso

Entrevistador: oh de acordo com você, você concorda ou discorda de que as olarias afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores daqui?... você concorda ou discorda de que elas afetam?

E1: disco eu concordo que elas:: afetam e muito

Entrevistador: éh:: em sua opinião e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente pois não interferem na vida de ninguém daqui?

E1: não, insterfere sim o problema é, eu num:: (não) por mim a:: continuaria né eu

Entrevistador: aham

E1: eu não pos que não posso fazer na(sorrindo) da né

Entrevistador: tá bom e:: a última pergunta é: se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias quais gostariam de pontuar? por que?

E1: eu é de melhorar a... o negócio da fumaça né pra não vim pra cá

Entrevistador: pras casas

E1: isso, se melhorasse:: continuaria ali mesmo

Entrevistador: e essa aqui é a nossa pesquisa a gente terminou ela com:: você

ENTREVISTA 2

Entrevistador: há quanto tempo você reside aqui? quanto tempo você mora aqui?

E2: irmão deixa eu lhe dizer, eu... quase nasci aqui

Entrevistador: aham

E2: porque assim, eu nasci na região do interior chamado Limoeiro

Entrevistador: Limoeiro

E2: mas o mais tempo que eu passei mesmo foi aqui

Entrevistador: aqui, então 46 anos praticamente aqui

E2: irmão eu acho que isso porque:: quando nós se mudamo do Limoeiro, eu me lembro que eu tava com 16 anos e eu já tenho 46, e é um punhado (pouco) de tempo irmão

Entrevistador: hum, então 30 anos mais ou menos aqui. Ah então tá certo, éh::... as olarias aqui, já estão há bastante tempo aqui aonde você mora?

E2: Irmão deixa eu lhe dizer, tem umas que que eu acho que já achei.

Esposo de E2: a o que?

E2: olaria.

Entrevistador: as olarias

E2: e tem outras que...

Esposo de E2: trinta ano

E2: é né

Esposo de E2: trinta ano de olaria aqui... começou olaria de tijolinho

Entrevistador: uhum

Esposo de E2: hoje é cerâmica motorizada, tá com trinta ano elas, todas elas

E2: isso, acho que é pra isso mesmo

Entrevistador: certo

Esposo de E2: porque elas são éh:: probie propriedade antiga

Entrevistador: ah sim, sim

Entrevistador: tendeu?

Entrevistador: tá certo, então éh::... existe alguém daqui, da sua família que trabalha ou depende diretamente ou indiretamente da atividade das olarias?

E2: irmão deixe eu lhe dizer, assim, os pessoal daqui es faço de tudo um pouco, às veze eles trabalho na oleiria...

Entrevistador: uhum

E2: às vez assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção, mas realmente que a gente faz mais é só comprar, porque os minino daqui eles gosto mais de trabalhar assim pra fora sabe...

Entrevistador: ah sim, no caso São Paulo

E2: isso é::

Entrevistador: Sair pra um outro estado

E2: porque, assim porque ganha um dinheirinho mais avurtado, a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo...

Entrevistador: uhum

E2: a vez querem:: trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo, que aqui é uma cidade irmão, que é ruim de emprego irmão...

Entrevistador: éh::

E2: aqui é uma cidade que a gente vive pela misericórdia de Deus, é uma cidade ruim de emprego, é uma cidade ruim de dinheiro, é uma cidade que umar (umas) mulhe (mulheres) domest (domésticas) trabalho eles não quere pagar salário, eles quere dá mixaria, mesmo porque às vez quer pagar mas tem uns que não pode e tem otos (outros) que pode mas que não quer ajudar...

Entrevistador: é verdade

E2: aí fica uma coisa muito difícil

Entrevistador: éh, certo, éh:: qual a sua opinião sobre o trabalho das olarias? nas olarias.

E2: assim porque:: todo trabalho ele dá trabalho, gente tem que fucijar, gente tem que suar, tem que lutar, mas até isso que dá de passar, agora só que o pobrema é que na hora de vender eles querem tirar um absurdo, porque o:: os tijolo a gente sabe que é feito é dos barro, o cimento também eles faço aqui mesmo aqui por perto aqui, coisa, que dizer que aí não tem como eles vender uma coisa dessa no absurdo, eles quero ne um objeto que a a pessoas mesmo produz, eles querem tirar um absurdo em cima daqueles que não tem, porque tem gente aqui irmão não não pode, mora debaixo de casa de taipi...

Entrevistador: tá certo

E2: inclusive tem um vizinho bem qui... de idade que não tem condição de fazer a casa...

Entrevistador: éh

E2: e isso aí tá te eles tem que fazer um baixa que esse negócio num... (não)

Entrevistador: uhum, éh pra você, pra você, éh, existem fatores positivos quanto ao trabalho das olarias?

E2: assim como?

Entrevistador: éh coisas boas? existem fatores bons...

E2: ... coisa boa porque não falta o tijolo pra vender, não falta as vez material, é raro faltar, agora que eles tão dizendo que o cimento tá em falta, mas é raro faltar... non deles vendo, agora -- o que eu acho assim é como eu tô lhe dizeno -- é no momento da venda

Entrevistador: uhum, então assim, na sua opinião, éh:: a senhora acredita, que:: éh:: o trabalho das olarias é bom assim?

E2: não assim...

Entrevistador: o trabalho que eles exercem?

E2: tem umas oleria que a gente vê que os tijolo são bonito

Entrevistador: uhum

E2: mas sempre tem umas que é mais ou meno, mas assim -- eu penso assim -- nim todos pode ser igual i i igual a outros o senhor está entendendo?

Entrevistador: uhum

E2: sempre até num (não) ne um ne um ne uma um comércio, uma coisa que arrente compra, sempre tem um lugar que é melhor do que o outro... que é melhor do que o outro...

Entrevistador: sim, sim

E2: porque é falar sobre ne oleria de fazimento, porque é uma coisa só porque sempre tá trabalhando então se trabalhando é com barro, qui mermo (mesmo) o tijolo é feito do barro né

Entrevistador: isso

E2: he he eí, qualquer maneira ali que a gente tem que se sujar, tem qui::... coisa mas tem que trabalhar pra poder sobreviver

Entrevistador: éh... então a senhora acredita que é bom, assim, o sentido de trabalho...

E2: isso, é bom, isso

Entrevistador: trabalho deles, é positivo... ou não?

E2: não, eu acho, assim sob o trabalho deles

Esposo de E2: eu acho não rapá, que é ve/ que é positivo.

E2: poisé, eu acho o trabalho deles bom...

Entrevistador: isso

E2: porquê de qualquer maneira é dali que eles tiro os rango (comida)

Entrevistador: certo

E2: é um coisa boa

Entrevistador: certo

E2: agora só que eu disconcordo (não concordo) mas realmente é a venda e o preço que:: que tá fora de jeito

Entrevistador: éh::... tá qui, no seu entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?

E2: pode

Entrevistador: pode?

E2: pode, agora eles é que não quiere ajudar

Entrevistador: de de que maneira assim?

E2: assim, porque como eles faço o tijolo...

Entrevistador: uhum

E2: é muito tijolo, como eles coloco uma fornada de ti tijolo dar d' eles tirar o luco (lucro) do serviço deles e dar d' eles ganha aquele lucro, agora só que eles como quiere ganhar mais, eles vão tiro o coro das pessoas, porque aí nesse caso é que eu acho uma coisa errado

Entrevistador: uhum

E2: porque assim, tudo que nós faz, nós gastemo, nós trabalhamo, nós tem que tirar o nosso trabalho, nós temo que ganhar o nosso “lucrinho”, mas num (não) é tanto assim como eles quere ganhar

Entrevistador: éh, oh, então você acredita que se houvessem projetos, palestras que envolvessem a comunidade, vocês, sobre o papel das olarias, a sua importância, os seus impactos, éh::: como manter elas com segurança, isso seria bom? isso seria positivo?

E2: não de qualquer maneira é positivo...

Entrevistador: é positivo, você participaria?

E2: assim porque o trabalho de oleria pá (para) mulher... de um lado, é um trabalho pesado, e na verdade eu já trabalhei também de oleria

Entrevistador: nã tipo assim, éh você participaria de palestras...

E2: claro que eu particie cie claro

Entrevistador: o o orientando a éh com com relação à segurança, com relação à à::: à importância, aos impactos à segurança você você participaria?

E2: eu participaria sim

Entrevistador: bo bom. Então na sua opinião, o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias?

E2: eu acho que sim, porque assim... como eu tô acabando de de dizer, eles tiro mais do lu eles ganho o luco (lucro) deles e tiro mais, ontão no case, a pessoa tem que... olhar... pra gente que tá fazendo, e tem que olhar pa (para) queelas po povo...

Entrevistador: uhum

E2: porque sabe que aqui é um lugar atrasado, é um lugar que não ganha dinheiro, ontão (então) a gente tem que se compadecer do do do do d da das pessoas, porque? porque a gente também, a gente as vez trabalha aqui, mas as vez gente as vez no momento que a gente não tem, as vez uma pessoa que facilita pra gente a gente gosta, ontão (então), se a gente gosta de um de uma coisa a gente também poderemo ajudar a outros pessoas

Entrevistador: éh, então você acha que, éh, o meio ambiente, a natureza, é prejudicado por meio do::: do trabalho das olarias?

E2: não assim... prodigicado (prejudicado) assim mesmo assim... de uma parte eu não acho porque:::... assim é poque a oleria ele depende da água, ele depende um monte de coisa pra poder fazer aquele tijolo, mas através que eles tão fazendo aqui aí ele num (não) prodigico (prejudicam) assim a água, ele não prodigico (prejudica) assim a as coisa...

Entrevistador: uhum

E2: tá entendendo, agora o que eu acho eles prodigicar (prejudicar) é a humanidade...

Entrevistador: a humanidade

E2: porque dis eles eles vendo fora... de preço

Entrevistador: tá bom, tô entendendo, éh:: como era antes da chegada das olarias e como é agora depois dela, você percebe alguma mudança no ambiente antes e depois da construção delas?

E2: não a assim porque antes deles fundar essa olaria... era difícil pra gente porquê? porque as vez a gente não pi não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa, as vez fazia aquela casa de barro, a vez água batia aquele barro caia a gente tinha que levantar de novo, quer dizer que aquilo não não durava, que dizer que a gente ficava todo tempo dentro mas lutano com aquilo, então de duma dessa pra nós tivemo uma facilidade porque, porque a gente quando levanta uma casa de tijolo, a gente:: quase esquece porque, poque custa cair, custa se bagunçar, só se tiver memo uma pessoa que bagunça, porque tudo que existe na terra tem que acabar um dia né

Entrevistador: éh.

E2: mas custa, éh, quer dizer que, seis ter os tijolo, sem le ter o tijolo aí fica difícil, aí prodigica (prejudica) assim, onde não ter os material

Entrevistador: ...éh

E2: é prodigicado (prejudicado)

Entrevistador: então você percebe assim alguma mudança na natureza, no:: ambiente, na beira do rio onde elas estão antes e depois?

E2: não assim dexeu (deixa eu) lhe dizer, porque antes de fazer a olaria aí por aí a gente não tinha o recurso...

Entrevistador: uhum

E2: sobre os tijolo, mas... eu num (não), éh assim eu num (não) acho que prodigica (prejudica) assim a natureza...

Entrevistador: uhum, tá

E2: porque, porque não prodigica (prejudica), poque é uma coisa assim o que eu acho que prodigica (prejudica) mais a natureza é a um lixo que coloca ali:: a vez contramina água, já contramina uma pessoa, mas sobre a olaria eu não acho prodigicar (prejudicar) sobre esse lado

Entrevistador: tá certo tá bom, éh:: deixe eu ver aqui, éh existe alguma ação assim das olarias que elas praticam éh que você observa, com interesse na recuperação de áreas degradadas, como:: éh, reflorestamento, plantação de árvores, éh de áreas desmatadas pelo trabalho deles, assim, você percebe?

E2: não assim, a olaria depende da:: da lenha se não, não faz...

Entrevistador: da lenha

E2: mas aí sobre esse lado, eu num (não) sei explicar mui porque eles compro essar (essas) lenha daí vem ar lenha de lá, aí trago po (para) olaria, mas aí quem já pode assim explicar é onde há essas pessoa de mora perto do desmatamento, que tá vendo aquele movimento, porque tem pessoas assim que ele acaba com a floresta, as floresta não pode acabar, porque a floresta é uma pe é uma coisa também que traz recurso pra gente

Entrevistador: éh, você percebe, por exemplo, que eles fazem isso aqui, por exemplo, que eles plantam aqui?

E2: não, aqui aqui aqui mesmo não, só quando é assim pessoas que:: tem muito gado, tem solta, as vez derruba queelas madeira, acho coquer (qualquer) maneira tá dento da área deles né, mas é assim, num (não) mato ambiental que todo mundo tira de lá as coisa, a vez a tira sim, vamo dizer, a vez eu juntar um cofinho pa (para) fazer um vinho, que acontece, as vez quer fazer um a tem pessoas pobres que eu -- já aconteceu comigo -- vai no mato faz um carvãozinho aí já traz aqui pra se manter, porque tudo também é mantimento pra dento de casa, poque nem toda vez a gente tem o dinheiro pra comprar o gás...

Entrevistador: uhum

E2: tem que trazer

Entrevistador: ... certo

E2: fazer do ambientes do mato né, heim, eu acho que não prodigica (prejudica) sobre isso não

Entrevistador: tá, você observa alguma diferença na quantidade de animais, éh:: selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros depois da construção das olarias? eles aumentaram ou diminuiram?... que você percebe

E2: assim como? os animais assim?

Entrevistador: isso, ali na na nessas redondezas

E2: não assim... aqui logo quando eu cheguei

Entrevistador: uhum

E2: era muito bichinho preso, eu ficava a rez (vez) com pena, porque olha seu menino, todo quer viver, todo mundo quer ser solto, todo mundo quer voar, mas aí veio um um um Ibama...

Entrevistador: uhum

E2: (sorrindo) eu a gostei, ter muita gente que ficou tri (triste) quanto mais se minino novo que gosto de andar com passarinho, inclusive:: um filho não, enteado, quele tinha nuns passarinho, até que era uns cantador:: seu minin, chega quilo valia era tão bonitinho

Entrevistador: por aqui tinha eles, por aqui?

E2: assim, porque por aqui entre encontra o leva-riba, por aqui gente encontra:: tem vários...

Entrevistador: mas an antigamente tinha mais do que hoje...

E2: tinha mais

Entrevistador: ho ho hoje tem mais do que antes?

E2: não, antigamente tinha mais

Entrevistador: no caso, antes das olarias ser construído, ou logo no começo?

E2: não, a poque quande quando logo quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás...

Entrevistador: uhum

E2: quar não tinha casa, que dizer que era só um tucunzal, era tucunzal era um tipo sim uma capoeira

Entrevistador: sim

E2: heheim, e tinha mais pássaro, a su as vez aqui les (eles) caço, eles mato os pássaro, e assim, poque assim... porque aqui primero tinha bastante socó, tinha bastante galça, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta, claro que é bicho de comer né, heim, aí tinha ur (uns) leva-ribo, tinha uns coisa, mas com esse negó (negócio) depois queles encheru (encheram) de casa dentro da cidade, os bichinho se afast (afastam) queles não vão ficar no meio da cidade né

Entrevistador: uhum, tá certo, éh:: sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde, ou isso é apenas invenção? você percebeu alguma diferença na água que você bebe, na comida, alguma coisa?

E2: não, através da oleria não por porque, até que esse pessoal daqui eles são uns pessoal cuidadoso. A fumaça queles coiso da oleiria não incomoda a gente pa (para) dento da cidade, sempre vai assim pro lado camp (campo) mar (mas) no no campo não tem mermo (mesmo) casa só mesmo água, tá entendendo, aí não dá de prodigicar (prejudicar) as pessoas... sobre assim a oleria de prodigicar (prejudicar) assim dessa parte eu não acho não

Entrevistador: uhum

E2: e o se algum é assim, também -- eu acho assim -- se um caso, por acaso, chegar acontecer... o povo também ele não pode aceitar tudo né, tem que fazer uma recramaçãozinha: — olha meu amigo não faz isso, nós somo só uma família, nór (nós) não quer lhe prodigicar (prejudicar) — mar (mas) no quer sair prodigicado (prejudicado), e mas só que eles tenho cuidado sobre isso aqui

Entrevistador: você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? se sim, então que tipos de sintomas você apresentava?

E2: não, sim ne (na) oleria não, porque assim, a fumaça na rente (gente) tá n'oleria trabalhando as vezes incomoda mas rente (a gente) tá no serviço da gente, oh saiu de lá tudo bem, agora só que também sobre a saúde pelo um lado, porque aqui é um lugar muito baixo, é um lugar que não corre dinheiro

Entrevistador: Então oh, éh:: você já ouviu falar ou já:: você já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias, como por exemplo fumaça, barulho e etc?

E2: não

Entrevistador: não, deixa eu fazer outra, de acordo com a sua visão, com o seu entendimento, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores?

E2: eu acho que não afeta, eu acho afetar assim por caa (causa) do preço, mas isso aí ele tá dependendo deles

Entrevistador: assim em ter em termo de saúde, em termo de tudo...

E2: não assim...

Entrevistador: você acha que afeta ou não?

E2: não assim eu não acho prodigicar (prejudicar)

Entrevistador: tá, éh:: na sua opinião e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam o seu trabalho normalmente pois não interferem na vida e nem na qualidade de vida de vocês?

E2: não no meu termo eu achava que eu deixava funcionar

Entrevistador: éh:: se você pudesse fazer uma sugestão, sobre as olarias, quais gostariam de pontuar e por que?

E2: (sorrindo) era do preço (sorrindo), da coisa que ele vende, olha deixa eu lhe dizer, quando nós chegemo aqui, eles vendio, vendero tijolo aí até de::: de duzentos, duzentos e cinquenta, duzentos e oitenta, quer dizer que ara aí era um preço razoave, que eles não perdiu da tinha como pagar, os o os pessoas que ele botavo pa trabalhar, tinha como eles tirar o lucrinho deles -- não muito --, mas eles tiravo o lucrinho deles que num (não) dava de prodigicar (prejudicar) eles e num (não) dava de prodigicar (prejudicar) tanto o o povo, mas o que é que acontece, meu irmão o tijolo é quatrocento reais, é::: trezentos e oitenta, meu irmão como é que um pobre vai comprar um tijolo, inclusive eu quero comprar do dia como é que vou fazer meu Deus, pa (para) mim levantar essa casa que no inverno aqui enche?

Entrevistador: tá certo, então é isso, a gente encerrou as perguntas

ENTREVISTA 3

Entrevistador: a quanto tempo você reside aqui?

E3: ... não sei uns... trinta e cinco anos? trinta né, coloca trinta anos.

Entrevistador: trinta anos? tá

E3: é

Entrevistador: tá... éh:: as olarias já estão há bastante tempo nessa localidade onde você mora?

E3: já, muitos anos

Entrevistador: muitos anos?

E3: o aliás desde que cheguei aqui...

Entrevistador: tá éh::

E3: que antes era diferente né, quera queles tijolinhos assim

Entrevistador: uhum, tá... existe alguém da sua família que trabalha ou depende diretamente ou indiretamente da atividade das olarias?

E3: não

Entrevistador: não, tá. Éh, qual a sua opinião sobre o trabalho das e nas olarias? ...a sua opinião

E3: ... eu num (não) tenho nada:: contra e também é um trabalho de cada um né

Entrevistador: certo

E3: eu num (não) tenho nada contra não

Entrevistador: tá bom, éh::... vo para você existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? se sim, quais que você pode nos falar?

E3: eu acho que eu acho que sim porque:: eles dependem disso né, o sustento deles vem do trabalho de cada um...

Entrevistador: certo.

E3: o trabalho deles é esse ent (então) eles... eu acredito que sim

Entrevistador: uhum, certo, éh:: nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?

E3: muito.

Entrevistador: de que maneira?

E3: porque:: é:: é o meio de:: é é é de compra e venda né, no caso eu trabalho de compra com compro material dele, vendo pra outras pessoas, então eu acho que isso aí vai gerando...

Entrevistador: lucro

E3: meio de economias, e aí lucro e tudo, eu creio que sim

Entrevistador: certo, tá... éh você acredita que se houvesse projetos, palestras que envolvessem toda a comunidade, sobre o papel das olarias, a sua importância, seus impactos e como mantê-las com segurança, isso seria positivo?

E3: ia que sim

Entrevistador: você participaria?

E3: com certeza

Entrevistador: tá, éh, em sua opinião, o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias?

E3: isso sim

Entrevistador: de que maneira você acredita que isso acontece?

E3: éh:: através do:: material que eles tiram pra fazer os tijolos, éh o o... o:: aquela fumaça também, -- eu pra mim tem muita contaminação -- éh então, contaminação não éh éh...

Entrevistador: poluição

E3: é isso né, poluição, então eu acredito que sim

Entrevistador: certo, tá, éh::... como era antes da chegada das olarias e como é agora depois dela? você percebe alguma mudança no ambiente antes e depois da construção delas?

E3: não porque quando eu cheguei eu já encontrei elas aqui... quando a gente chegou já achou

Entrevistador: existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias, pelo dono delas que você pode observar, como interesse pela recuperação de áreas degradadas, reflorestamento de áreas desmatadas pelo trabalho deles?

E3: eu digo que não

Entrevistador: você não observa nada disso?

E3: eu não (sorrindo)

Entrevistador: tá, éh:: você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros depois da construção das olarias, eles aumentaram ou diminuíram?

E3: diminuíram

Entrevistador: ...você acredita o que, diminuíram ou aumentaram?

E3: diminuíram

Entrevistador: tá, éh:: você percebe alguma diferença no solo, na água, na qualidade do ar, depois da chegada das olarias?

E3: qu'eu (que eu) lembro que quando a gente chegamos aqui nesta beira de rio aí nera (não era) mãe, era diferente... agora acabada

Entrevistador: então era...

E3: acredito que prejudica bastante

Entrevistador: você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção?

E3: não, causa sim

Entrevistador: você percebe alguma diferença na água que você bebe ou na comida?

E3: não, até porque eu não a pra mim tomar água eu não tomo essa água mesmo daqui, a água que eu tomo é mineral, não é daqui

Entrevistador: mineral, tá certo, éh::... você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias?...

E3: não.

Entrevistador: se sim então que tipo de sintomas você apresentava?... não, tá

Entrevistador: éh:: você já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias como, por exemplo, fumaça, barulho ou outras coisas?

E3: não

Entrevistador: éh:: de acordo com a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores daqui? você concorda ou discorda?

E3: assim éh éh:: por uma parte pela p por forestamento (reflorestamento) éh, eu acredito que prejudica bastante, mas eu não discordo também porque é o trabalho deles e tu tem nem onde trabalhar, tem que ser é aí, eu num (não) discordo não

Entrevistador: em sua opinião e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente pois não interfere na sua vida nem na qualidade de vida dela?

E3: por mim continuaria sim

Entrevistador: certo. Se você pudesse fazer uma sugestão ou sugestões sobre as olarias, quais você gostaria de pontuar?... de fazer? quais sugestões você teria?

E3: sei lá, não sei... coloca aí não sei (sorrindo)

Entrevistador: não sei (sorrindo) tá, tá bom. oh então a gente encerrou, encerramos

ENTREVISTA 4

Entrevistador: a quanto tempo reside nessa localidade? aqui na sua casa.

E4: cinco ano

Entrevistador: cinco anos, tá, beleza... as olarias que estão pra ali, mais para a beira, éh:: já estão a bastante tempo nesse lugar onde você ou vocês moram?

E4: muito tempo

Entrevistador: faz bastante tempo? muito tempo certo, cês supõem assim quanto tempo mais ou menos?

E4: a é que tá mais de:: quinze anos de oleria

Entrevistador: existe alguém daqui que trabalha e depende diretamente ou indiretamente da atividade das olarias?

E4: só pra construção civil

Entrevistador: só pra construção civil, tá, no caso assim ninguém que...

E4: comprar material nas oleria

Entrevistador: ah tá certo, entendi. No caso comprar os tijolos...

E4: isso

Entrevistador: eles fabricam o que? tijolos e telhas

E4: tijolos e telha

Entrevistador: tijolos e telhas, tá certo. Qual a sua, tá então, quantas pessoas dependem assim de lá? daqui

E4: ... rapá todos que tã de casa pronta

Entrevistador: não, daqui daqui da da tua casa aqui, de vocês, quantos dependem assim direta, indiretamente assim, que trabalha nessa parte?

E4: ... tá de casa pronta já, bem pouco

Entrevistador: ah bem... ah então ora trabalham ora não, mas você trabalha nessa parte não trabalha?

E4: isso

Entrevistador: é sabe então você praticamente. Qual a sua opinião sobre o trabalho das olarias e nas olarias? O que você considera assim?

E4: opinião é que eles dão i i i eles tem que ter pra dar de serviço pros (para os) trabalhadores e pro pai de família

Entrevistador: uhum, certo, tã você considera que é um trabalho positivo assim

E4: positivo

Entrevistador: importante

E4: isso

Entrevistador: você considera isso. Ou não?

E4: é importante né, a cidade não tem todo serviço

Entrevistador: pra você, éh:: existem fatores positivos quanto ao trabalho das olarias?... existe fator posi fatores positivos assim partes positivas, quanto ao trabalho das olarias?

E4: olha acho que sim

Entrevistador: quais assim que você pode pontuar?... assim que você considera que é importante assim no trabalho deles

E4: é porque o importante que fornece a população e não para de dar vez pro pai de família

Entrevistador: certo, correto... éh:: nesse sentido... éh:: sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?

E4: pode sim

Entrevistador: de que maneira assim você acredita?

E4: no no preço dos materiais que vem de fora

Entrevistador: ... tipo como assim?

E4: tijolo e teia

Entrevistador: no que eles vendem é isso?

E4: isso, na quantidade do preço

Entrevistador: você acredita que se houvesse projetos, palestras que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, sua importância, seus impactos, como manter elas com segurança, seria positivo essas palestras?

E4: positivo

Entrevistador: você participaria?

E4: participaria

Entrevistador: certo, em sua opinião, o meio ambiente é prejudicado pelo por meio da atividade das olarias? assim a natureza é prejudicada pelo trabalho das olarias?

E4: sim

Entrevistador: de que maneira você acredita que isso acontece?

E4: é na madeira e no:: no material

Entrevistador: como assim?

E4: na madeira, na floresta, e no barro onde na terra, porque fi fi fico cavando em alguns lugar

Entrevistador: e a a questão da floresta?

E4: na floresta é que acaba com a mata

Entrevistador: por meio como assim? como acaba com ela?

E4: na derrubação de de um:: de:: da madeira pra encher forno pra botar pra queimar os tijolos

Entrevistador: como era antes da chegada das olarias e como é agora depois dela, você percebe alguma mudança no ambiente antes e depois da construção delas assim?

E4: ... nem tanto

Entrevistador: uhm você não percebe muita diferença

E4: não

Entrevistador: certo, éh, existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias ou pelos donos delas que você pode observar, como por exemplo, interesse pela recuperação de áreas desmatadas, degradadas, reflorestamento de áreas desmatadas do trabalho deles, você observa isso?

E4: não porque hoje, quem acaba com ma a maioria das floresta é os fazendeiro

Entrevistador: os fazendeiros, tão, mas os daqui não fazem isso, eles não fazem isso, tipo

E4: não eles já compram do fazendeiro, se os fazendeiro não vendesse a madeira eles num (não) tinha num (não) acendio o forno

Entrevistador: mas os daqui não fazem isso na área deles

E4: não

Entrevistador: ou fazem?

E4: não, aqui na área não

Entrevistador: tipo reflorestamento, plantação de de árvores, você observa que eles fazem isso?

E4: aí não

Entrevistador: não, tá. Você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos, outros animais, éh, depois da construção das olarias? eles aumentaram ou diminuíram?

E4: diminuíram

Entrevistador: diminuíram. Porque você acredita isso?

E4: porque eu credito, porque diminuiro, se porque não tem mais mata pror (para os) bicho se esconder

Entrevistador: você percebe alguma diferença também no solo, na água ou na qualidade do ar depois da chegada das olarias?

E4: não

Entrevistador: não percebe nenhuma diferença?

E4: não

Entrevistador: ... éh, sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção?

E4: na saúde não

Entrevistador: percebeu alguma diferença na água que bebe, na comida?... não.

E4: não não não

Entrevistador: tá... você já procurou atendimento médico devido problemas de saúde ocasionados pelas olarias?

E4: eu não, mas já teve muitos que aconte (acontece) que já procuraram

Entrevistador: certo, éh, você já viu ou já ouviu falar de pessoas que já ficaram doentes por causa da ação das olarias, como por exemplo, fumaça, barulho e etc?

E4: já, perder as vez a mão, um dedo, adoece pelo problema da fumaça e do calor

Entrevistador: de acordo com a tua visão, a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores desta localidade? você concorda ou discorda que elas que elas afetam a qualidade de vida?

E4: concordo que ela afeta

Entrevistador: de que maneira assim?

E4: de algumas maneiras

Entrevistador: ... como por exemplo, dá um alguns exemplos assim de que você acredita que afeta

E4: ... na saúde né

Entrevistador: na saúde, mas como assim na saúde assim?

E4: na saúde, problema (problema) de fumaça, às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço

Entrevistador: certo... éh:: em sua opinião, e se dependesse só de você, unicamente de ti, de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente pois não interferem na sua vida e nem na qualidade de vida dela?

E4: parava

Entrevistador: parava? por que assim? o a sua a sua opinião

E4: se eu na minha opinião, mode (em termo de) a saúde:: do acidente né que as vez acontece de olaria.

Entrevistador: tá certo. E a última pergunta é, se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias, quais você gostaria de pontuar agora? por que?

E4: causa da saúde

Entrevistador: da saúde, a questão da saúde, você acredita que elas interferem na saúde

E4: tanto quem trabalha como aos moradores que mora perto

Entrevistador: assim, como assim a questão dos moradores?

E4: morador porque tá lá e ele vai todo tempo permanecer na fumaça junto com quem queima forno

Entrevistador: ah:: tá certo

ENTREVISTA 5

Entrevistador: a quanto tempo você reside nessa localidade aqui?... nasceu aqui?

E5: não

Entrevistador: então faz quanto tempo assim que você considera?

E5: dois mil e doze

Entrevistador: dois mil e doze, oito anos. Certo, as olarias já estão a bastante tempo nesta localidade onde você mora?

E5: acho que sim, porque desde quando eu cheguei já tinha.

Entrevistador: já estavam, tá, existe alguém de sua família que trabalha ou depende direta ou indiretamente da atividade das olarias?

E5: sim.

Entrevistador: éh:: quantas

E5: acho que só um (sorrindo)

Entrevistador: só quantas?

E5: só um

Entrevistador: uma, tá, éh:: qual a sua opinião sobre o trabalho das olarias, nas olarias? o que você pode dizer assim, qual a sua opinião?... o que você acha?

E5: qu'elas são muito importante, éh:: não sei mais (sorrindo)... só isso

Entrevistador: então você considera importante, uma atividade importante?

E5: sim é

Entrevistador: tá, éh:: para você, existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? se sim, quais?

E5: eu não sei

Entrevistador: tá, éh... tá, nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?... o senhor pode falar também

Parente de E5: a geração de emprego, ela ela ela, beneficia muita gente

Entrevistador: muita gente né, principalm daqui da comunidade aqui?

Parente de E5: da comunidade mesmo

Entrevistador: então a questão do emprego é isso?

Parente de E5: é é

Entrevistador: certo

Parente de E5: ela ela ela dá serviço pra muita gente

Entrevistador: você acredita que se houvesse projetos, palestras que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, a importância, os impactos e como manter elas, seria positivo essas palestras?

E5: sim

Entrevistador: você participaria, vocês participariam?

Parente de E5: porque porque as indústria que nós tem aí, que nós tem aqui no ela.

Entrevistador: certo, então vocês participariam?

Parente de E5: com certeza

E5: sim

Entrevistador: certo, uhum, éh em sua opinião, ou na opinião de vocês, o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias?

Parente de E5: éh, não deixa de não ser um pouco

Entrevistador: certo, éh, de que maneira você ou vocês acreditam que prejudica?

Parente de E5: éh::: é um certo local de tiração de material e também a a a a fumaça que ela é é é é ela polui né o o o

Entrevistador: o ar

Parente de E5: o ar

Entrevistador: o oxigênio. Certo... como era antes da chegada das olarias e como é agora depois dela? vocês percebem alguma mudança no ambiente antes e depois da construção delas?

Parente de E5: é com respeito a con construção

Entrevistador: construções, certo

Parente de E5: elas se tornaram mais fácil

Entrevistador: existe alguma ação ecológica, assim p/ praticada pelas olarias que vocês podem observar, como por exemplo, éh, interesse pela recuperação de áreas degradadas, reflorestamento de áreas desmatadas pelo trabalho deles?

Parente de E5: até que não

Entrevistador: vocês observam isso?

Parente de E5: não

Entrevistador: não?

Parente de E5: não

Entrevistador: tipo assim, planta ah eles desmataram, plantaram de novo, fazem isso?

Parente de E5: éh, não não não, isso aí não, o que o que o que devasto, devasto, éh, não é nada recuperado

Entrevistador: você ou vocês podem, o observam alguma diferença na quantidade de animais, éh::: selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros, depois da construção das olarias? eles aumentaram ou diminuíram?

Parente de E5: aumentaram

Entrevistador: aumentaram?

Parente de E5: de que maneira com a o correr do tempo, aumentou, elas não prejudicaram (prejudicaram).

Entrevistador: não prejudicaram, pra vocês num:: (não) alterou nada?

Parente de E5: não, não ofendeu nada, isso aí não, num (não)

Entrevistador: você percebe alguma diferença também no solo, na água e na qualidade do ar depois da chegada das olarias?

Parente de E5: a por enquanto não

Entrevistador: por enquanto não... sobre a nossa saúde, você acredita que as olarias podem causar danos à nossa saúde, ou isso é apenas invenção? percebeu diferença na água que ou na comida?

Parente de E5: não, por enquanto não

Entrevistador: não, certo, você já procurou atendimento médico devido à problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? se sim então que tipo de sintomas?

Parente de E5: não, nada, não, nunca houve nada

Entrevistador: ninguém daqui

Parente de E5: não

Entrevistador: éh você já ouviu falar, ou vocês já ouviram falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias?

Parente de E5: não

Entrevistador: nunca vocês ouviram falar que pessoas ficaram doentes?

Parente de E5: não, nunca ninguém aqui

Entrevistador: tá certo... éh de acordo com a visão de vocês ou a a sua visão, ou a visão... éh:: vocês concordam ou discordam de que as olarias e as suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores daqui?

Parente de E5: não, eu não concordo que elas prejudicam, por enquanto

Entrevistador: tá, se vocês pudessem fazer sugestões sugestões sobre as olarias, quais gostariam de fazer agora, de pontuar agora? assim de fazer agora, uma sugestão... qual seria ela?

Parente de E5: ... éh:: é porque tem umas olarias, é que elas elas já tão:: éh não foi elas, mas foi o foi a população que foram encostando pra elas, não foi elas mesmo, porque quando elas já foro foram loca localizada

Entrevistador: uhum

Parente de E5: então lá onde elas foram localizada é é é aproximado delas, não tinha casas, quer dizer agora com o correr do tempo aí o pessoal vão aumentando, vai tomano, éh:: fazendo casa, e vai chegando pra onde elas tão

Entrevistador: aí o que acontece? aí o que acontece?

Parente de E5: éh isso aí, éh:: vai daqui a ocorrer de um tempo né, e té agora não, até agora não, mas não se sabe a daqui a um mais uns anos que elas podem no caso prejudicar.

Entrevistador: prejudicar

Parente de E5: é

Entrevistador: mas se elas fossem prejudicar seria em que sentido assim as pessoas?

Parente de E5: não, só é só éh éh com respeito só o aquele cheiro da da da da da fumaça que sai do do do material né, ela é sep uma uma fumaça assim um pouco é pesada sabe

Entrevistador: tô entendendo

Parente de E5: é, aí no caso, se por acaso tivesse um um um um um jeito de colocarem por acaso um um chaminés, né, pra quela fumaça soltar mais alto, aí seria melhor

Entrevistador: seria melhor, tá certo, então assim a gente encerrou as perguntas por aqui

ENTREVISTA 6

Entrevistador: éh:: a primeira pergunta é, a quanto tempo você reside aqui? ou pelo menos tá de passagem por aqui?

E6: aqui mermo de passagem vai fazer um ano

Entrevistador: fazer um ano, correto... Éh::: a questão das olarias, como o senhor pode observar

E6: não, aí eu num (não) num (não) participo de nada não

Entrevistador: sim, ma mas assim no que você pode observar, assim da da comunidade, só a sua visão que você entende. É tranquilo porque a pesquisa ela é baseada nisso, é na visão do pessoal que da da comunidade, dos moradores, mesmo que tão de passagem mas que podem conhecer um pouco mais da realidade do que eu, talvez, que não sou daqui. Então oh oh éh na questão das olarias assim... éh:::... você observa que elas estão a bastante tempo nesta localidade aqui?

E6: eu acho que sim

Entrevistador: acredita que sim, éh, existe alguém de sua família, assim, que trabalha ou depende diretamente ou indiretamente da atividade das olarias?

E6: não

Entrevistador: não. Qual a sua opinião sobre o trabalho nas e das olarias? assim o que que você entende sobre o trabalho deles?

E6: rapá eu não entendo nada de oleria que eu nunca trabalhei em oleria

Entrevistador: tá mas assim pelo que você pode observar assim na sua vis na sua concepção?

E6: é ela dar produção pra quem a rendazinha pra poucas pessoas né

Entrevistador: certo

E6: ... o trabalho aqui é fraco mermo

Entrevistador: pra pra você

E6: não tem uma indústria não tem nada né, o cara tem que resolver botando mermo essas, trabalha nessas olarias mermo

Entrevistador: pra você, existem fatores positivos, coisas boas, quanto ao trabalho que as olarias fazem?

E6: é o tijolo, é boa que constroe a as construção uai

Entrevistador: uhum, então, assim, qual assim, você observa assim?

E6: de

Entrevistador: coisas boas assim. Positivo

E6: coisa boa é o tijolo, constroe as casa né

Entrevistador: uhum, tá certo

E6: dá uma renda pros (para os) trabalhador/funcionário

Entrevistador: uhum, nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?

E6: ajuda

Entrevistador: de que maneira assim você acredita?

E6: pagando imposto né

Entrevistador: hum?

E6: pagando imposto né

Entrevistador: pagando os impostos?

E6: é, nem todo mundo tem acesso comprar uma coisinha, quem trabalha compra o a comida, compra tudo, calçado a roupa

Entrevistador: então a renda, você se refere assim a questão da renda, dinheiro... certo. éh:: você acredita que se houvesse projetos, palestras que envolvessem toda a comunidade, sobre o papel das olarias, a sua importância, os seus impactos, como manter elas com segurança, isso seria positivo?

E6: seria sim, bom

Entrevistador: você participaria?

E6: eu tivesse por aqui, participaria

Entrevistador: correto

E6: tem que dá apoio a alguma coisa que dá um fonte de renda pa (para) pessoa né

Entrevistador: ... em sua opinião o meio ambiente é prejudicado por ca (causa) por meio da atividade das olarias?

E6: não

Entrevistador: ... você acredita que o meio ambiente não é prejudicado.

E6: pelas olarias não

Entrevistador: tá, você poderia responder, por exemplo, como era antes da chegada das olarias e como é agora depois delas?

E6: não não

Entrevistador: existe alguma ação ecológica assim, praticada pelas olarias que você pode observar, como por exemplo, interesse pela recuperação de áreas degradadas, éh reflorestamento de áreas desmatadas pelo trabalho delas? você observa que eles fazem isso?

E6: as olaria?

Entrevistador: uhum, tipo replantando uma área, plantando árvores assim que eles desmataram, o senhor acre observa que eles fazem isso?

E6: nem ele, nem ele mermo que desmato, os dono das olaria não... os dono das olaria que desmata não... e as terra que vem a madeira pra eles fazer o serviço não é deles, éh eles compra

Entrevistador: então essa a a madeira assim, eles compram essa esse produto?

E6: vem de todo canto, quem tem algum pedaço de terra

Entrevistador: ... oh você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como: pássaros, insetos, mamíferos e outros, depois da construção das olarias? eles aumentaram ou diminuíram? você observa que, à medida que as olarias elas vão fazer o trabalho delas, a quantidade de animais aumenta ou diminui depois da chegada delas? o que que você pode dizer?

E6: num (não) sei, acho que num (não) prodigica (prejudica) não

Entrevistador: não altera assim?

E6: é

Entrevistador: você acredita que não altera?

E6: acho que não

Entrevistador: continua a mesma?

E6: continua a mesma

Entrevistador: éh:: você percebe alguma diferença também no solo, na água, na qualidade do ar, depois da chegada das olarias, ou num (não) no trabalho delas assim, você observa alguma diferença assim?

E6: não não

Entrevistador: ... sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção?

E6: rapaz acho que não, só invenção mesmo, é as olaria ela:: constrói ela dá um porto de renda pas (para as) pessoa né que não tem a renda, de renda de nada

Entrevistador: éh, percebeu alguma diferença ou diferença na água que bebe ou na comida?

E6: não a água é muito é boa aqui oh

Entrevistador: você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionada pela atividade das olarias que ficam aqui próximas?

E6: não

Entrevistador: você já ouviu, já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias como, por exemplo, fumaça, barulho, etc. ou outras coisas?

E6: não, fumaça não atinge muito não, elas pra lá incomodar, todo mundo mora afastado

Entrevistador: ... éh, de acordo com a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividade afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores desta localidade?

E6: não

Entrevistador: você concorda ou discorda que:: elas afetam?

E6: eu elas não afeta não

Entrevistador: ... então você discorda que elas afetam

E6: não, não interfere não

Entrevistador: éh:: em sua opinião e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente, pois não interferem na sua vida e nem na qualidade de vida dela?

E6: ela continuaria né, funcionando, eu acho que ela não prodigica (prejudica) não que... é o único meio de renda que os pessoal tem, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda (sorrindo)

Entrevistador: então, se você pudesse fazer alguma sugestão, fazer algumas sugestões sobre as olarias, quais gostaria de pontuar? por que? se se fosse pra você fazer uma observação agora, falar alguma coisa delas, boa ou ruim, o que que você poderia dizer pra gente aqui, em resumo assim?

E6: ninguém pode falar que coisa ruim delas né, que nunca me trouxero (trouxeram) problema nenhum né... vai dar, traz algum problema né pra gente, mas não trouxe ainda até agora oh... não trouxe problema nenhum.

Entrevistador: tá certo

ENTREVISTA 7

Entrevistador: a quanto tempo você reside nesta localidade? aqui no bairro

E7: oito ano

Entrevistador: oito anos? tá... éh:: as olarias assim, éh:: já está ou já estão a bastante tempo nesta localidade onde você mora?

E7: quando eu vim pra cá já existiam, ela já tava aí e continua funcionando. Realmente é da onde a gente tira o sustento da gente, que meu marido e meu filho trabalha aí né

Entrevistador: tá, tá bom, oh, isso aí, a a próxima pergunta já era essa, no caso, se e se existe alguém de sua família que trabalha e depende direta ou indiretamente da atividade das olarias. Você disse sim, no caso quantas?

E7: s:: é duas pessoas

Entrevistador: seu esposo

E7: é meu filho e meu esposo

Entrevistador: tá, tá certo... uhum éh:: qual a sua opinião sobre, sobre o trabalho nas e das olarias? é isso que a gente quer saber

E7: olha, é um trabalho digno, porque de em vez de tare andando pra lá e pra cá, pegando uma lei, trabalhar na oleria, você tá tirando o seu sustento e tá sabendo o que tá fazendo, é trabalho digno. Por isso, tem muita gente aqui no bairro que querem acabar -- eu não concordo -- porque se acabar, aonde muitas família vai tirar seu sustento? não tem como

Entrevistador: certo, éh:: pra você, existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? se sim quais?

E7: mas eu acho que sim né, mas... a é é é como se diz, é obrigado, porque:: a fumaça prejudica muito né, mas se a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que precisa, necessita -- como como eu disse ainda agora: precisa desse servicinho -- porque hoje em dia não tem emprego, emprego é muito difícil, e principalmente pra quem não estudou

Entrevistador: ... nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade? de que maneira?

E7: olha ajudar ela num (não), eu acho que não pode -- no meu modo de vida né -- só no caso... se a oleria fosse resistrada aí sim, mas ao contrário -- aí eu não sei se essa daí é resistrada ou não, aí eu não posso dizer que sim e nem que não -- porque essa aí é meio baçado (embaçada) que não sei

Entrevistador: tá... éh::... você acredita que se houvesse projetos e palestras que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, sua importância, e seus impactos e como mantê-las com segurança, isso seria positivo?

E7: era melhor

Entrevistador: você participaria?

E7: sim, participaria, era bem melhor

Entrevistador: éh, em sua opinião, o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias?

E7: é

Entrevistador: de que maneira você acredita que isso acontece?

E7: a fumaça polui muito, fica muito sujeira, principalmente a fumaça, a fumaça é que empata mais

Entrevistador: éh, como era antes da chegada das olarias e como é agora depois delas, você percebe alguma mudança no ambiente, antes e depois da construção delas?

E7: é bem diferente né, porque as casa tudo mudada, hoje não é mais aquela antigamente que era feita de barro normal né, hoje em dia já é bem diferente, mas se as oleria não existisse não existia essas casa que é hoje né, que é de tijolo, era tudo no barro normal

Entrevistador: então, um dos fatores que você pode observar é a questão, no caso, da fabricação

E7: das mudança da das casas, muro, várias coisa né, porque a maioria precisa de tijolo

Entrevistador: e essa é uma das fabricações delas né?

E7: é::

Entrevistador: ... existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias que você pode observar, como o interesse pela recuperação de áreas degradadas, e reflorestamento de áreas desmatadas pelo trabalho delas?

E7: não, agora aí não tem, não tem nenhum, porque realmente eles preciso da madeira e é desmatando dia acabando com a floresta com tudo que eles preciso da madeira pra queimar tijolo, e aí não tem como eles recomperar (recuperar)

Entrevistador: tá, éh, você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos e outros, depois da construção das olarias? eles aumentaram ou diminuíram?

E7: diminuíro, bastante, bastante, porque eles preciso mais da floresta pra sobreviver e aí eles preciso da madeira pra queimarem, e aonde eles vão desmatando os animais vão se mudando, vão morreno

Entrevistador: você percebe alguma diferença também no solo, na água e na qualidade do ar, depois da chegada das olarias?

E7: sim... ficou bem diferente, é porque o sol fi a o fi sol fica todo tempo assim alguma coisa que tá:: nem quente nem normal porque parece que tá doente, só por causa da é da da das fumaça, poluição nas águas, tem muitos, muitas coisas que prejudica aí por causa das oleria

Entrevistador: éh, sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção? percebeu alguma diferença na água que bebe, na comida?

E7: oh, té que na comida não, mas a fumaça prejudica -- que eu digo -- porque quando tão queimando eu fico bastante espirrano e gripada, a fumaça sempre prejudica mermo

Entrevistador: então você de uma certa forma éh::: se sente incomodada?

E7: é, eu fico incomodada demais, o mau cheiro da fumaça

Entrevistador: tá... éh, você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? se sim, então que tipo de pessoas você apresentava?

E7: falta de ar

Entrevistador: falta de ar

E7: uhum, por causa da fumaça

Entrevistador: você já viu, ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias, como por exemplo: fumaça, barulho e outras coisas?

E7: já, já que toda vez que eles tão queimando eu fico gripada, espirrando, um pouco de falta de ar

Entrevistador: tá, de acordo com a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores desta localidade?

E7: eu acho alguns sim, que nem todos tem pobrema (problema), raramente, mas alguns tem, principalmente criança recém nascida

Entrevistador: então você concorda ou discorda que elas afetam?

E7: afetam, elas afetam... no caso da fumaça, a fumaça ela a um pouco a pessoa

Entrevistador: em sua opinião, e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente pois não interferem na sua vida e nem na qualidade dela?

E7: não aí se for de eu continuar pode continuar normalmente

Entrevistador: se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias, quais gostaria de pontuar, de fazer e porquê?... se você pudesse dar uma opinião -- ah eu quero falar olha sobre isso, um resumo de tudo isso que eu já falei aqui -- o que você poderia dizer pra nós assim, resumindo tudo?

E7: o que eu poderia dizer é se aquelas pode continuar porque:: muitas família precisa -- como eu já acabei de dizer, inclusive a minha aqui mermo -- meu marido não tem emprego, meu filho tem catorze ano também não tem, e aí e da onde ele tiro o pão pra nós, e muitas pessoas precisa disso, por isso elas pode continuar... ela num (não) pode para, porque se parar, muitas família vão passar fome

Entrevistador: tá certo

ENTREVISTA 8

Entrevistador: a quanto tempo você mora aqui nessa localidade?

E8: ... moro hum:: hum vinte e oito ano

Entrevistador: vinte e oito anos, certo. As olarias, elas já estão há bastante tempo nessa localidade aqui onde você mora?

E8: tão tão

Parente de P8: ele fundio isso aí ele ele

E8: há mais de vinte anos essa olaria aí

E8: num (não) tinha nada disso aí quando nós chegamos aqui

Entrevistador: éh, existe alguém de sua família que trabalha éh:: e depende direta ou indiretamente da atividade das olarias?

E8: não não

Entrevistador: não. Qual a sua opinião sobre o trabalho nas olarias? das e nas olarias? qual a sua opinião assim? a sua opinião, que você pensa

E8: não eu, não eu acho bom porque tá perto pra gente comprar o tijolo, aí perto aí, que precisa aí, aí não tendo olaria, pra gente compra pra longe é mais difícil né e sai mais caro né, eu acho bom o serviço deles aí... no incomoda nós ninguém aqui, eu não acho

Entrevistador: para você, existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem? Pontos positivos assim?

E8: eu acho que existe

Entrevistador: éh éh quais você pode dizer pra gente assim, coisas boas assim, que surgem através do do trabalho delas aí?

E8: é as casa que a gente levanta que a gente compra os material e levanta as casa

Entrevistador: nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade?

E8: eu:: eu acho, quele ganha o dinheiro e taca (coloca) dentro da cidade

Entrevistador: de que maneira você acredita que isso acontece assim? pode ajudar na economia assim, que maneira você acredita que acontece?

E8: eu pra mim por causa do serviço deles né... não é? se a pessoa não tiver o serviço é difícil, que se acaba uma oleria dessa daí aí... pessoa fica sem ter serviço... pra sobreviver né, eu acho que seja

Entrevistador: certo, você acredita que se você acredita o senhor acredita que se houvessem projetos e palestras que envolvessem toda a comunidade sobre o papel das olarias, éh, sua importância, e seus impactos, como manter elas com segurança, isso seria positivo? seria bom?

E8: eu pra mim acho que seja

Entrevistador: você participaria?

E8: é eu ia... pra mim eu ia

Entrevistador: certo, em sua opinião... éh, o meio ambiente é prejudicado, a natureza é prejudicado por meio da atividade das olarias?

E8: agora tem essa parte também que é... que é prodigicado (prejudicado) né

Entrevistador: ... éh de que maneira você acredita que isso acontece ou pode acontecer? da natureza ser prejudicado, o meio ambiente?

E8: ca (causa) das arve (árvores) queles tiro né... a queimar pra queimar o tijolo, né os material né

Entrevistador: éh::

E8: pra tirá também o barro também, faz os buraco né, que dizer que aí a pessoa, o município também sai prodigicado (prejudicado) por causa disso, a natureza né

Parente de E8: as vez a fumaça

E8: essa aí, eu num (não), aqui num:: (não) pra nós aqui num:: (não)

Parente de E8: a nós não, são umas pessoas que são... pessoa especiais, esse pessoal que trabalha

E8: agora de tudo se fi/ fizer um coisa assim pa tirar eles eles sai, é o jeito sair

Parente de E8: sai

E8: que não pode ficar dentro da cidade. Não é verdade?

Entrevistador: como era antes da chegada das olarias e como é agora depois delas? vocês percebem alguma mudança no ambiente antes e depois da construção delas assim? alguma diferença?

E8: rapaz depois que começou cerâmica pra nós pra aqui foi melhor pra nós que tem os material pra gente comprar né

Parente de E8: tem trabalho pros (para os) necessitado, que precisam de trabalhar, e nessa época – desculpa eu me meter – nessa época eles vendio isso aí sozinho com Deus, depois foi entrando trabalhadores, trabalhadores, trabalhadores, aí foi dando conhecimento, saindo materiais tá vendo

Entrevistador: uhum

Parente de E8: aí foi uma bença isto aqui pra gente

Entrevistador: tá certo, existe alguma ação ecológica assim, praticada pelas olarias que você ou vocês podem observar, como por exemplo: interesse pela recuperação de áreas degradadas, éh, reflorestamento, plantando árvores em lugares em que eles desmataram pelo trabalho deles, vocês observam isso aqui? que eles fazem?

E8: e acho que da beira do rio né, que eles cortam muitas arve (árvores) na beira do rio pra queimar forno né

Entrevistador: então no caso assim, vocês veem eles plantan/ replantando árvores assim, vocês vejo eles fazendo essas ações ecológicas, cuidando das plantas do meio?

E8: nunca vi, nunca vi não

Parente de E8: não tem esse benefício meu filho

Entrevistador: éh, você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens, assim, como pássaros, insetos, mamíferos e outros, depois da construção das olarias?

E8: diminuíram, diminuíram

Entrevistador: eles aumentaram ou diminuíram?

E8: diminuíro... diminuíro

Entrevistador: assim, diminuíram em que sentido assim, bastante, muito, pouco, como?

E8: porque primeiro tinha muita arve (árvores) aí, com as olaria fore derribando pra queimar forno, aí foi acabando

Entrevistador: tinha outros animais assim sem ser aves como::

E8: tinha tinha cutia aqui quando nós chegemo ainda tinha cutia aqui

Parente de E8: nós chegamo aí era mata vici (vírgem), nós chegamos aqui

E8: tudinho tinha, era um gapozal medonho, sas (essas) olaria foram acabando tudinho pra queimar forno... tudo tudo tudo

Parente de E8: meu amorzinho se visse o trabalho deste moço, criança, menino, um rapazinho, que conto ele ele que construiu isso aí, era força de vontade e de trabalhar, cada um quererezerão... tá rendo, e enfrentou tudo

Entrevistador: você percebe alguma diferença também no solo, na terra, na água, na qualidade do ar depois da chegada das olarias?

E8: não

Entrevistador: você não percebeu nenhuma. Sobre a nossa saúde, vamo lá, -- a gente já tá terminando -- sobre a nossa saúde, você acha, você acredita que as olarias podem causar danos à nossa saúde ou isso é apenas invenção?

E8: tem pessoa que que causa, pessoa quem tem cansaço, não pode sentir cheiro de fumaça, tem isso

Entrevistador: certo éh, você percebeu diferença na água que bebe ou na comida que:: você come?

E8: não não não

Entrevistador: nesse sentido não?

E8: não

Entrevistador: tá, você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias?

E8: não

Entrevistador: você já viu ou já ouviu falar de pessoas que já ficaram doentes por causa da ação das olarias, como por exemplo: fumaça, por causa de fumaça, por causa de barulho e etc

E8: não, eu não sei, se já teve mas eu inda não vi não

Entrevistador: assim pessoas que ficaram doentes por causa de fumaça que não podem sentir cheiro de fumaça?

E8: não, eu não, não sei, acho que não

Entrevistador: tá, de acordo com a sua visão, você concorda ou discorda de que as olarias e as suas atividades elas afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores daqui? você concorda ou discorda que elas afetam a qualidade de vida de vocês?

E8: nã -- eu concordo assim -- porque se ficar muito em cima da gente, não pode né, for mai (mais) retirada é melhor, mai (mas) assim muito em cima também den (dentro) da cidade é... é ruim pra gente, que as veze maltrata mer (mesmo), tem gente que maltrata por fumaça

Parente de E8: pra quem sofre de problema de cansaço né

E8: éh, daqui a pouco vai crescendo, aí já tem umas casa ali né, daqui a pouco vai indo... vai prodigicar (prejudicar) gente aí né

Entrevistador: certo, em sua opinião, e se dependesse unicamente de você, as olarias deixariam de funcionar ou continuariam com o seu trabalho normalmente pois não interfere na sua vida e nem na qualidade de vida dela?

E8: é por mim ficava, não tem nada a ver

Entrevistador: se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias quais você gostaria de pontuar, de fazer agora e porquê?

E8: assim pa::: terminar ou?

Entrevistador: é essa aqui é a última pergunta

E8: não eu, por mim eu fazia pra ficar, oleria, pa (para) continuar, como tá

Entrevistador: tá bom

APÊNDICE D

ILUSTRATIVO DE ANÁLISE DO DISCURSO (IAD) DO SUJEITO COLETIVO

Análise do discurso do sujeito coletivo: bloco socioeconômico

PARTE SOCIOECONÔMICA			
Qual a sua opinião sobre o trabalho das e nas olarias? Existem fatores positivos quanto ao trabalho que as olarias exercem?			
Entrevistado	Expressão -chave	Ideia central	Síntese da ideia central
E1	eu acho que não, porque não... tem aquele:::... acabamento adequado pra eles trabalhar	Eu acho que não, porque não tem aquele acabamento adequado pra eles trabalhar	Não há condição de trabalho nas olarias
E2	“agora [...]é a venda e o preço que tá fora de jeito” “Todo trabalho ele dá trabalho, gente tem que fucijar, gente tem que suar, tem que lutar. o pobrema é que na hora de vender eles querem tirar um absurdo...os tijolo a gente sabe que é feito é dos barro, o cimento também eles faço aqui mesmo, aqui por perto.[...]um objeto que a a pessoas mesmo produz, tirar um absurdo daqueles que não tem, tem gente aqui que mora em casa de taipi”	A venda é alto por algo que a própria população produz	Preço inacessível dos materiais em algumas olarias
	“tem umas oleria que a gente vê que os tijolo são bonito... mas sempre tem umas que é mais ou meno...”	Os tijolos são bonitos	São diversificadas quantos aos objetos confeccionados em cada olaria
	“coisa boa porque não falta o tijolo pra vender, não falta as vez material...”	Não há falta de tijolos nem de materiais para população	Acessibilidade dos materiais para construção civil
	“eu acho o trabalho deles bom porque de qualquer maneira é dali que eles tiro os rango...” “tem [...] que trabalhar pra poder sobreviver”	De onde tira o sustento	É fonte de trabalho e renda para as famílias

	“porque... falar sobre oleria de fazimento [...] é uma coisa só porque sempre tá [...]se trabalhando é com barro...ali tem que se sujar”	Ali tem que se sujar	O trabalho com o barro suja as pessoas
E3	“eu num tenho nada:: contra e também é um trabalho de cada um né” “eles dependem disso... o sustento deles vem do trabalho”	Eles dependem disso	É fonte de trabalho e renda para as famílias
E4	“...a cidade não tem todo serviço...ele dar serviço pros trabalhadores” “o importante que fornece a população e não para de dar vez pro pai de família”	A cidade não tem serviço/ Geração de emprego	É fonte de trabalho e renda para as famílias
E5	“qu’elas são muito importante...”	São muito importante	Importância geral
	“o trabalho aqui é fraco mermo...” “Não tem uma indústria não tem nada né, o cara tem que resolver botando mermo essas, trabalha nessas olarias mermo”	Trabalho aqui é fraco/Geração de emprego	Importante por conta da escassez de trabalho na cidade
E6	“...é o único meio de renda que os pessoal tem, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda”	É uma fonte de renda	É fonte de trabalho e renda para as famílias
	“coisa boa é o tijolo, constrói as casa né”	O tijolo constrói a casa	Acessibilidade dos materiais para construção civil
E7	“...é um trabalho digno[...]trabalhar na oleria, você tá tirando o seu sustento...” “tem muita gente aqui no bairro que querem acabar -- eu não concordo -- porque se acabar, aonde muitas família vai tirar seu sustento? Não tem como”	É um trabalho digno para renda/subsistência	É fonte de trabalho e renda para as famílias

E8	“eu acho bom o serviço deles aí... no incomoda nós ninguém aqui, eu não acho”	Acho bom o serviço deles e não incomoda	Importância geral
	“eu acho bom porque tá perto pra gente comprar o tijolo[...] aí não tendo olaria, pra gente compra pra longe, é mais difícil e sai mais caro” “as casa que a gente levanta que a gente compra os material e levanta as casa”	É perto para compra e mais barato	Acessibilidade dos materiais para construção civil

Existe alguém de sua família que trabalha e depende direta ou indiretamente da atividade das olarias?			
Entrevistado	Expressão -chave	Ideia central	Síntese da ideia central
E2	é uma cidade ruim de emprego, é uma cidade ruim de dinheiro	É uma cidade ruim de emprego	Trabalham na olaria para sustento/subsistência
	eles não quer pagar salário, eles quer dá mixaria	Eles não querem pagar salário	
	“os pessoal daqui faço de tudo um pouco...às veze eles trabalho na oleiria...”	Fazem de tudo um pouco e as vezes trabalham na olaria	
	“porque ganha um dinheirinho mais avurtado...”	Ganha um pouco mais de dinheiro nas olarias	
	a vez querum (querem) trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo”	As vezes querem trabalhar e não tem vaga	
	“...a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo...”	Vontade de fazer uma casa	Trabalham nas olarias para ter acesso aos materiais
“assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção...”	As vezes trabalham porque ganham por produção		
E4	“...para construção civil, comprar material nas olarias... tijolos e telhas”	Para construção civil na compra de matérias das olarias	Trabalho indireto: construção civil
E7	“realmente é da onde a gente tira o sustento da gente...”	De onde tira o sustento	Trabalham na olaria para

			sustento/subsistência
--	--	--	-----------------------

Nesse entendimento sobre as olarias, você acredita que elas podem ajudar na economia da cidade? De que maneira?			
Entrevistado	Expressão -chave	Ideia central	Síntese da ideia central
E1	“por causa dos tijolos... eu acho que sim”	Por causa dos tijolos	Ajuda pela produção de tijolos
E2	pode... assim, porque como eles faço o tijolo... é muito tijolo, como eles coloco uma fornada de tijolo dar d’eles tirá o luco do serviço deles...	Por conta dos lucros dos tijolos	Ajuda pela produção, lucro e pela rotatividade da economia da cidade
E3	“muito... porque é o meio de compra e venda né, no caso eu trabalho de compra com [...] material dele, vende pra outras pessoas, então eu acho que isso aí vai gerando[...] meio de economias, e aí lucro e tudo, eu creio que sim	Gera economias, por meio da compra e venda e do lucro	Ajuda pela produção, lucro e pela rotatividade da economia da cidade
E4	“... no preço dos materiais tijolo e teia (telha), na quantidade do preço”	Preço dos materiais	Ajuda pelo materiais que são mais acessíveis
E5	“a geração de emprego beneficia muita gente [...] da comunidade, dá serviço pra muita gente”	Geração de emprego	Ajuda pela geração de emprego
E6	“ajuda, pagando imposto, nem todo mundo tem acesso a comprar uma coisinha, quem trabalha compra a comida, calçado a roupa”	Gera economias, quem trabalha compra a comida	Ajuda pela rotatividade da economia da cidade
E7	olha ajudar ela num (não), eu acho que não pode, no meu modo de vida né , só no caso... se a oleria fosse resistrada [...] aí eu não sei se essa daí é resistrada ou não, aí eu não posso dizer que sim e nem que não -- porque essa aí é meio baçado.	Somente se a olaria fosse registrada	Não ajuda na economia porque não há registro

E8	“qu’ele ganha o dinheiro e taca dentro da cidade”	Gera economias	Ajuda pela rotatividade da economia da cidade
	“por causa do serviço deles [...] se a pessoa não tiver o serviço é difícil, se acaba uma olaria dessa, pessoa fica sem ter serviço... pra sobreviver né”	Necessidade do trabalhador em ter o serviço para subsistência	Ajuda pela geração de emprego e subsistência

Duas Ancoragens:

- 3- **As olarias são fontes de renda e moradia para a população e ajudam a economia da cidade**
- 4- **As olarias não são positivas e não ajudam a economia da cidade**

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – A VISÃO SOCIOECONÔMICA

1. **As olarias são fontes de renda e moradia para a população e ajudam a economia da cidade**

Falar sobre oleria de fazimento [...]se trabalhando é com barro...ali tem que se sujar, [mas] eu acho bom o serviço deles, no incomoda nós, ninguém aqui. Qu’elas são muito importante, eu acho bom porque tá perto pra gente comprar o tijolo[...] aí não tendo olaria, pra gente compra pra longe é mais difícil e sai mais caro, não falta o tijolo pra vender, não falta as vez material, a gente compra os material e levanta as casa, tem umas oleria que a gente vê que os tijolo são bonito, coisa boa é o tijolo, constrói as casa né. Agora só que eu disconcordo realmente é a venda e o preço que tá fora de jeito, todo trabalho ele dá trabalho, gente tem que fucijar, gente tem que suar, tem que lutar. O pobrema é que na hora de vender eles querem tirar um absurdo...os tijolo a gente sabe que é feito é dos barro, o cimento também eles faço aqui mesmo, aqui por perto, [...] um objeto que as pessoas mesmo produz, tirar um absurdo daqueles que não tem, tem gente aqui que mora em casa de taipi. [Mas] o importante que fornece a população e não para de dar vez pro pai de família, eu acho o trabalho deles bom porque de qualquer maneira é dali que eles tiro os rango, tem [...] que trabalhar pra poder sobreviver, eles dependem disso... o sustento deles vem do trabalho, é um trabalho de cada um, é o único meio de renda que os pessoal tem, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda. A cidade não tem todo serviço, o trabalho aqui é fraco mermo, não tem uma indústria não tem nada né, o cara tem que resolver botando mermo essas, trabalha nessas olarias mermo. Tem muita gente aqui no bairro que querem acabar -- eu não concordo -- porque se acabar, aonde muitas família vai tirar seu sustento? Não tem como. É um trabalho digno[...]trabalhar na oleria, você tá tirando o seu sustento. Os pessoal daqui faço de tudo um pouco...às veze eles trabalho na oleiria porque ganha um dinheirinho mais avurtado, realmente é da onde a gente tira o sustento da gente, [mas] a vez querem (querem) trabalhar na oleria, mas não tem vaga, já tá tudo completo. É uma cidade

ruim de emprego, é uma cidade ruim de dinheiro, eles não quer pagar salário, eles quer dá mixaria, [por isso trabalham] para construção civil, comprar material nas olarias, tijolos telhas. [E] a vez um tenha vontade de fazer uma casa, não tem condição de comprar os tijolo, assim quando a gente tinha dificuldade de comprar um tijolo que tá muito caro, às vez eles vão trabalho e ganho por produção. [E Ajuda a economia da cidade] por causa dos tijolos, por causa do serviço deles [...] se a pessoa não tiver o serviço é difícil, se acaba uma olaria dessa, pessoa fica sem ter serviço... pra sobreviver né. A geração de emprego beneficia muita gente [...] da comunidade, dá serviço pra muita gente, ajuda, pagando imposto, nem todo mundo tem acesso a comprar uma coisinha, quem trabalha compra a comida, calçado a roupa, qu'ele ganha o dinheiro e taca dentro da cidade. [Ajuda] no preço dos materiais, tijolo e teia, na quantidade do preço, é muito tijolo, como eles coloco uma fornada de tijolo dar d'eles tirá o luco do serviço deles, é o meio de compra e venda né, no caso eu trabalho de compra com [...] material dele, vende pra outras pessoas, então eu acho que isso aí vai gerando... [...] meio de economias, e aí lucro e tudo.

2. As olarias não são positivas e não ajudam a economia da cidade

“Eu acho que não [é positivo], porque não... tem aquele::: acabamento adequado pra eles trabalhar. [Na economia] ajudar ela num , eu acho que não pode, no meu modo de vida né, só no caso... se a olaria fosse resistrada [...] aí eu não sei se essa daí é resistrada ou não, aí eu não posso dizer que sim e nem que não -- porque essa aí é meio baçado.”

Análise do discurso do sujeito coletivo: bloco socioambiental

PARTE SOCIOAMBIENTAL			
Em sua opinião o meio ambiente é prejudicado por meio da atividade das olarias? De que maneira você acredita que isso acontece?			
Entrevistado	Expressão-chave	Ideia central	Síntese da Ideia central
E1	“muito, principalmente nos buraco que eles faz” “primeiro não tinha esses buraco agora... eles cada vez mais fazendo pior né”	Pelos buracos abertos	Prejudica pelos buracos abertos como resultado da extração da argila do solo.
E2	“eu num acho que prodigica assim a natureza... porque, porque não prodigica, poque é uma coisa assim o que eu acho que prodigica mais a natureza é um lixo que coloca ali:: a vez contramina	Não prejudica porque dependem da agua e outros materiais	Não prejudica

	<p>água, já contramina uma pessoa, mas sobre a oleria eu não acho prodigicar sobre esse lado”</p> <p>“poque a oleria ele depende da água, ele depende um monte de coisa pa poder fazer aquele tijolo, ele num prodigico ”</p>		
E2	“eu acho eles prodigicar é a humanidade... porque dis eles eles vendo fora... de preço”.	Pelo preço que vendem	Prejudica pelo preco vendido
E3	“...através do material que eles tiram pra fazer os tijolos [...]”	Pelo material que tiram	Prejudica pela extração da argila do solo
	“[...] aquela fumaça também ... pra mim tem muita contaminação [...] poluição”	Pela fumaça que polui	Prejudica pela poluição da fumaça
	“por uma parte pela p por forestamento eu acredito que prejudica bastante, mas eu não discordo também porque é o trabalho deles e tem nem onde trabalhar, tem que ser é aí...”	Por uma parte pelo reflorestamento, prejudica bastante	Prejudica a floresta
E4	“[...] no material, [...] no barro”	Pelo material retirado	Prejudica pela extração da argila do solo
	“[...] na terra, porque fico cavando em alguns lugar”	Pelos buracos abertos	Prejudica pelos buracos abertos como resultado da extração da argila do solo.
	“na floresta é que acaba com a mata na derrubação ... de madeira pra encher forno pra botar pra queimar os tijolos”	Pela madeira cortada para lenha	Pelo corte de arvores para retirada da madeira para lenha
E5	“não deixa de não ser um pouco ...é um certo local de tiração de material [...]”	Pelo material retirado	Prejudica pela extração da argila do solo
	“[...] e também ...a fumaça que ela... polui o ar”	Pela fumaça que polui	Prejudica pela poluição da fumaça
E6	“pelas olarias não”	Não prejudica	Não prejudica

E7	“a fumaça polui muito, fica muito sujeira, principalmente a fumaça é que empata mais”	Pela fumaça que polui e sujeira	Prejudica pela poluição da fumaça e sujeira
E8	“tem essa parte também que é prodigicado... das arve qu’eles tiro pra queimar o tijolo, os material”	Pela madeira cortada	Prejudica pelo corte de arvores para retirada da madeira para lenha
	“pra tirá o barro também, faz os buraco, que dizer que aí a pessoa, o município e a natureza também sai prodigicado por causa disso”	Pelo buracos abertos	Prejudica pelos buracos abertos como resultado da extração da argila do solo.

Você observa alguma diferença na quantidade de animais selvagens como pássaros, insetos, mamíferos outros depois da construção de olarias? Eles aumentaram ou diminuíram?

Entrevistado	Expressão-chave	Ideia central	Síntese da Ideia central
E1	“diminuíram, porque eles se afastam”	Diminuiu	Diminuição do número de animais pois se afastam
E2	“Antigamente tinha mais...logo quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás... quar não tinha casa, que dizer que era só um tucunzal, era tucunzal era um tipo sim uma capoeira... e tinha mais pássaro, as vez aqui eles caço, eles mato os pássaro...porque aqui primero tinha bastante socó, tinha bastante galça, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta, claro que é bicho de comer né...tinha ur leva-riba, tinha uns coisa, mas com esse negó depois queles encherio de casa dentro da cidade, os bichinho se afasta...queles não vão ficar no meio da cidade né”	Antigamente tinha mais antes das casas e aumento da caça	Diminuição do número de animais por causa da urbanização
E3	“diminuíram”	Diminuiu	Diminuição do número de animais
E4	“diminuíram porque eu credito...se porque não tem mais mata pror bicho se esconder”	Diminuíram pois não tem mais mata para esconder	Diminuição do número de animais por causa da ausência da floresta.

E5	“Aumentaram... com a o correr do tempo elas não prejudicaram...”	Aumentaram	Houve aumento do número de animais.
E6	“acho que num prodigica não, continua a mesma”	Continua do mesmo jeito	Não houve mudança.
E7	“diminuíro, bastante...porque eles preciso mais da floresta pra sobreviver e eles preciso da madeira pra queimarem, e aonde eles vão desmatando os animais vão se mudando, vão morreno”.	Diminuíram pois não tem mais floresta por causa dor corte de madeira	Diminuição do número de animais por causa da ausência da floresta.
E8	“Diminuíram...porque primeiro tinha muita arve, aí, com as olaria fore derribando pra queimar forno, aí foi acabando...tinha cutia aqui quando nós chegemo... nós chegamo aí era mata vigi...nós chegamos aqui...era um gapozal medonho, sas olaria foram acabando tudinho pra queimar forno...”	Diminuíram pois não tem mais arvores derrubadas queimar forno.	Diminuição do número de animais por causa da ausência da floresta.

Você percebe alguma diferença também no solo, na água e no ar depois da chegada da (s) olaria (s)?

Entrevistado	Expressão-chave	Ideia central	Síntese da Ideia central
E1	“com certeza! na fumaça... acaba com a... respiração das pessoas”	Fumaça acaba com a respiração.	Diferença na qualidade do ar pela fumaça.
E3	“qu’eu lembro que quando a gente chegamos aqui nesta beira de rio [...] era diferente... agora acabada... acredito que prejudica bastante”	A beira do rio está acabada	Diferença no solo e na vegetação a beira rio.
E4	“Não”	Não percebe diferença	Não percebe diferença
E5	“Por enquanto não”	Até o momento não	Não percebe diferença
E6	“Não a água é muito é boa aqui oh”	Água é boa	Não percebe diferença
E7	“Sim... ficou bem diferente, é porque o sol [...] fica todo tempo assim alguma coisa	Ficou bem diferente, pelo mormaço, fumaça,	Diferença no clima proveniente pela

	<p>que tá:: nem quente nem normal, porque parece que tá doente, só por causa da fumaça...”</p> <p>“[...] poluição nas águas, tem muitos, muitas coisas que prejudica aí por causa das oleria”</p>	poluição da água, entre outros.	presença da fumaça e poluição da água
E8	Não.		Não percebe

Existe alguma ação ecológica praticada pelas olarias que você pode observar, como interesse pela recuperação de áreas degradadas e reflorestamento de áreas desmatadas pelo seu trabalho?

Entrevistado	Expressão-chave	Ideia central	Síntese da Ideia central
E1	“Não! não existe nada de bom”	Não existe	Não existe nenhuma ação por parte das olarias
E2	“A oleria depende da lenha se não, não faz... Eles compro essa lenha daí vem ar lenha de lá, aí trago po oleria, mas aí quem já pode assim explicar é onde há essas pessoa de mora perto do desmatamento, que tá vendo aquele movimento”	As olarias compram a lenha e quem pode explicar e quem mora perto do desmatamento	Olarias dependem da madeira retirada em outros locais
	“tem pessoas que acaba com a floresta, as floresta não pode acabar, porque a floresta é uma coisa também que traz recurso pra gente”	A floresta não pode acabar	Importância da vegetação
E3	“Eu digo que não”	Não existe	Não existe nenhuma ação por parte das olarias
E4	“não, aqui na área não”	Na área onde mora não.	Não existe nenhuma ação por parte das olarias naquela área
	<p>“porque hoje, quem acaba com a maioria das floresta é os fazendeiro...”</p> <p>“Eles já compram do fazendeiro, se os fazendeiro não vendesse a madeira eles num tinha acendio o forno...”</p>	Os Fazendeiros são os maiores responsáveis pelo desmatamento, pois são fornecedores de madeira	Quem desmata e degrada são os fazendeiros e não as olarias

E5	“até que não” “o que devasto, devasto, éh, não é nada recuperado”	Não existe. E nada é recuperado	Não existe nenhuma ação por parte das olarias
E6	“nem ele mermo que desmato, os dono das olaria não... os dono das olaria que desmata não...”	As olarias não fazem pois não são eles que desmatam	Quem desmata e degrada são os fazendeiros e não as olarias
	“as terra que vem a madeira pra eles fazer o serviço não é deles, éh eles compra... vem de todo canto, quem tem algum pedaço de terra”	A madeira vem de outros lugares	Olarias dependem da madeira retirada em outros locais
E7	“não tem nenhum, porque realmente, eles preciso da madeira e é desmatando dia acabando com a floresta com tudo que eles preciso da madeira pra queimar tijolo, e aí não tem como eles recomperar”	Não tem nenhum e desmatam porque precisam da madeira.	Não existe nenhuma ação por parte das olarias
E8	“Nunca vi não... não tem esse beneficio meu filho”	Nunca viu nenhuma ação.	Não vi nenhuma ação por parte das olarias
	“...eles cortam muitas arve na beira do rio pra queimar forno né”	Cortam arvores na beira rio	Olarias dependem da madeira retirada em outros locais

Duas Ancoragens:

1. **As olarias provocam mudanças e ou prejudica o ambiente**
2. **As olarias não provocam mudanças e não prejudica o ambiente**

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – A VISÃO SOCIOAMBIENTAL

1. As olarias provocam mudanças e ou prejudica o ambiente

Não deixa de não ser um pouco ... é um certo local de tiração de material, no barro, através do material que eles tiram pra fazer os tijolos. Pra tirá o barro também, faz os buraco, que dizer que aí a pessoa, o município e a natureza também sai prodigicado por causa disso, principalmente nos buraco que eles faz, porque fico cavando em alguns lugar, primeiro não tinha esses buraco agora... eles cada vez mais fazendo pior né. E também ...a fumaça que ela... polui o ar, aquela fumaça também ... pra mim tem muita contaminação [...] poluição, fica muito sujeira, principalmente a fumaça é que empata mais. Com certeza, na fumaça, ficou bem

diferente, é porque o sol [...] fica todo tempo assim alguma coisa que tá: nem quente nem normal, porque parece que tá doente, só por causa da fumaça, tem muitos, muitas coisas que prejudica aí por causa das oleria. Tem essa parte também que é prodigicado... das arve qu' eles tiro pra queimar o tijolo, os material, na floresta é que acaba com a mata na derrubação ... de madeira pra encher forno pra botar pra queimar os tijolos, pela por forestamento eu acredito que prejudica bastante, mas eu não discordo também porque é o trabalho deles e tem nem onde trabalhar, tem que ser é aí.... Lembro que quando a gente chegamos aqui nesta beira de rio [...] era diferente... agora acabada... acredito que prejudica bastante. [...] não tem mais mata pror bicho se esconder, porque eles se afastam, porque eles preciso mais da floresta pra sobreviver e eles [as olarias] preciso da madeira pra queimarem, e aonde eles vão desmatando os animais vão se mudando, vão morreno. [...] Primeiro tinha muita arve, aí, com as olaria fore derribando pra queimar forno, aí foi acabando...tinha cutia aqui quando nós chegemo... nós chegamo aí era mata vigi...nós chegamos aqui...era um gapozal medonho, as olaria foram acabando tudinho pra queimar forno. [Também] logo quando nós chegemo aqui... essa ruas daqui detrás... quar não tinha casa, que dizer que era só um tucunzal, era tucunzal era um tipo sim uma capoeira... e tinha mais pássaro, as vez aqui eles caço, eles mato os pássaro [...] tinha bastante socó, tinha bastante galça, e é uma coisa que a pessoa come a pessoa gosta, [...]...tinha leva-riba, tinha uns coisa, mas com esse negó depois queles encher de casa dentro da cidade, os bichinho se afasta...queles não vão ficar no meio da cidade né. Nunca vi [ação ecológica]... não tem esse benefício... eu digo que não, não existe nada de bom, aqui na área não. Não tem nenhum, porque realmente, eles preciso da madeira e é desmatando ...acabando com a floresta com tudo que eles preciso da madeira pra queimar tijolo, e aí não tem como eles recomperar, que devasto, devasto, éh, não é nada recuperado. [Na verdade] nem é ele mermo que desmato, os dono das olaria não... os dono das olaria que desmata não. As terra que vem a madeira pra eles fazer o serviço não é deles, éh eles compra... vem de todo canto, quem tem algum pedaço de terra, eles cortam muitas arve na beira do rio pra queimar forno né. Porque hoje, quem acaba com a maioria das floresta é os fazendeiro, eles já compram do fazendeiro, se os fazendeiro não vendesse a madeira eles num tinha acendio o forno. A oleria depende da lenha se não, não faz... Eles compro essa lenha daí vem ar lenha de lá, aí trago pa oleria, mas aí quem já pode assim explicar é onde há essas pessoa de mora perto do desmatamento, que tá vendo aquele movimento. Tem pessoas que acaba com a floresta, as floresta não pode acabar, porque a floresta é uma coisa também que traz recurso pra gente.”

2. As olarias não provocam mudanças e não prejudica o ambiente

“Pelas olarias não, eu num acho que prodigica assim a natureza... porque, porque não prodigica, poque é uma coisa assim o que eu acho que prodigica mais a natureza é um lixo que coloca ali:: a vez contramina água, já contramina uma pessoa, mas sobre a oleria eu não acho prodigicar sobre esse lado poque a oleria ele depende da água, ele depende um monte de coisa pa poder fazer aquele tijolo, ele num prodigico, por enquanto não, a água é muito é boa aqui oh, [os animais] acho que num prodigica não, continua a mesma, [na verdade] aumentaram... com a o correr do tempo elas não prejudiraro.”

Análise do discurso do sujeito coletivo: bloco qualidade de vida

PARTE QUALIDADE DE VIDA			
Sobre a nossa saúde, você acha que as olarias podem causar danos à nossa saúde? Percebeu diferença na água que bebe ou na comida?			
Entrevistado	Expressão-chave	Ideia Central	Síntese da ideia central
E1	“...na água e na comida não, mas no ar que a gente respira”	No ar que a gente respira	Fumaça como causa de problemas na saúde
	“sai aquele aquela fumaça muito forte deixa as criança mesmo... reclama muito aqui [...] que elas fico sem ter o ar, faz mal mesmo...”	Fumaça muito forte que deixa com falta de ar	Fumaça como causa de problemas na saúde
E2	“não, através da oleria não porque esse pessoal daqui eles são uns pessoal cuidadoso. A fumaça da oleiria não incomoda a gente, pa dento da cidade, sempre vai assim pro lado camp mar num num campo não tem mermo casa só mesmo água, tá entendendo, aí não dá de prodigicar as pessoas...”	A fumaça da oleiria não incomoda a gente	As olarias não causam incômodos
	“se, por acaso, chegar acontecer o povo também ele não pode aceitar tudo tem que fazer uma recramaçãozinha”	Se chegar a acontecer tem que fazer uma reclamação	Reclamar caso aconteça
E3	“causa sim... até porque eu não tomo essa água mesmo daqui, a água que eu tomo é mineral, não é daqui”	Causa sim, eu não tomo essa água daqui, tomo água mineral	A qualidade da água afetada
E4	“Na saúde não”	As olarias não prejudicam na saúde	As olarias não causam incômodos na saúde
E5	“...aquele cheiro da fumaça que sai do material... ela é uma fumaça assim um pouco pesada sabe”	É uma fumaça pesada	Fumaça composta por substâncias nocivas à saúde
E6	“só invenção mesmo, é as oleria ela:: constroe ela dá um porto de renda pas pessoa né que não tem a renda”	As olarias não prejudicam	As olarias não causam incômodos
	“a água é muito é boa aqui”	Não há diferença na água	As olarias não causam incômodos

E7	oh, té que na comida não, mas a fumaça, prejudica -- que eu digo -- porque quando tão queimando eu fico bastante espirrano e gripada, a fumaça sempre prejudica mermo eu fico incomodada demais, o mau cheiro da fumaça	Quando tão queimando eu fico bastante espirrano e gripada Fico incomodada demais com o mau cheiro da fumaça	Fumaça como causa de problemas na saúde
	“alguns sim, que nem todos tem pobrema raramente, mas alguns tem, principalmente criança recém nascida, no caso da fumaça”	Principalmente criança recém nascida, no caso da fumaça	
E7	“...mas é como se diz, é obrigado, porque a fumaça prejudica muito, mas se a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que precisa, necessita[...]”	A gente não pode fazer nada porque é obrigado	Fumaça como causa de problemas na saúde
E8	“tem pessoa que causa, pessoa quem tem cansaço, não pode sentir cheiro de fumaça”	Pessoas com problemas respiratórios	Fumaça como causa de problemas na saúde

Você já procurou atendimento médico devido a problemas de saúde ocasionados pela atividade das olarias? Se sim, então que tipo de sintomas você apresentava? Você já viu ou já ouviu falar de pessoas que ficaram doentes por causa da ação das olarias (como por exemplo fumaça, barulho e etc.)?			
Entrevistado	Expressão-chave	Ideia Central	Síntese da ideia central
E1	“falta de ar, já aconteceu comigo”	Falta de ar comigo	Atendimento médico pela falta de ar
E1	“...vários vizinhos reclamo disso ”	Vários vizinhos reclamam	Reclamações pelos moradores
E2	“não ne oleria não, porque a fumaça na rente tá n’oleria trabalhando as vezes incomoda, mas rente tá no serviço da gente, no saiu de lá tudo bem”	Pela olaria não. Só sente quando está na olaria	Não tem problemas
E4	“eu não, mas já teve muitos que aconte/ que já procuraram [...] já, perde as vez a mão, um dedo, adoce pelo problema da fumaça e do calor”	Perde a mão, adoce pela fumaça	Atendimento médico pelo fumaça e perda de membros
E5	“nunca houve nada”	Não tem problemas	Não tem problemas
E6	“não, fumaça não atinge muito não, elas pra lá incomodar, todo mundo mora afastado”	Não atinge pois moram afastados	Não tem problemas

E7	“falta de ar por causa da fumaça [...] toda vez que eles tão queimando eu fico gripada, espirrando, um pouco de falta de ar”	Falta de ar	Atendimento médico pela falta de ar
E8	“se já teve mas eu inda não vi não”	Não sabe	Não sabe

Você concorda ou discorda de que as olarias e suas atividades afetam o bem estar e a qualidade de vida dos moradores desta localidade? Se você pudesse fazer sugestões sobre as olarias, quais gostariam de pontuar e por quê?			
Entrevistado	Expressão-chave	Ideia Central	Síntese da ideia central
E1	“eu concordo que elas afetam e muito”	Elas afetam e muito	Afetam: não especificado
E2	“antes deles fundar essa oleria... era difícil pra gente[...] as vez a gente não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa [...] fazia aquela casa de barro, a vez água batia aquele barro caia a gente tinha que levantar de novo, quer dizer que aquilo não durava [...] então duma dessa pra nós tivemos uma facilidade porque a gente quando levanta uma casa de tijolo, a gente quase esquece porque custa cair, custa se bagunçar”	Antes não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa	Afetam positivamente: Acessibilidade dos materiais para construção civil
E4	“...ela afeta de algumas maneiras, na saúde, poblema (problema) de fumaça [...] às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço”	Afeta na saúde pela fumaça e em acidentes	Afeta, mas é preciso
E4	“causa da saúde...tanto quem trabalha como aos moradores que mora perto... morador porque tá lá e ele vai todo tempo permanecer na fumaça junto com quem queima forno”	Prejudica a saúde tanto para moradores quanto para trabalhadores	Afeta negativamente: pela Fumaça
E5	“...é porque tem umas olarias [...] não foi elas, mas foi a população que foram encostando pra elas [...] lá onde elas foram localizada, é aproximado delas não tinha casas, quer dizer agora com o correr do	A população está se aproximando das olarias	Afeta: população está próximo das olarias

	tempo aí o pessoal vão aumentando, vai tomano, fazendo casa, e vai chegando pra onde elas tão...isso aí vai daqui a um tempo, até agora não, mas não se sabe a daqui a uns anos que elas podem no caso prejudicar”	Daqui a uns anos irá prejudicar	
E7	“...mas é como se diz, é obrigado, porque a fumaça prejudica muito, mas se a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que precisa, necessita[...] desse servicinho porque hoje em dia não tem emprego, emprego é muito difícil, e principalmente pra quem não estudou”	Causam problemas na saúde Única atividade para obtenção de renda aos moradores Dificuldade em adquirir emprego devido à baixa escolaridade	Afeta, mas é preciso
E7	“...porque as casa tudo mudada, hoje não é mais aquela antigamente que era feita de barro normal[...] hoje em dia já é bem diferente, mas se as olaria não existisse não existia essas casa que é hoje[...]de tijolo, era tudo no barro normal... mudança das casas, muro, várias coisa porque a maioria precisa de tijolo”	As casa tudo mudada, hoje não é mais aquela antigamente que era feita de barro Se as olaria não existisse não existia essas casa que é hoje, era tudo no barro Mudança das casas, muro, várias coisa porque a maioria precisa de tijolo	Afeta positivamente: Mudança na infraestrutur da cidade provocada pelas olarias
E8	“...porque se ficar muito em cima da gente, não pode[...] assim muito em cima também den da cidade é ruim pra gente, que as veze maltrata mer, tem gente que maltrata por fumaça pra quem sofre de problema de cansaço” “daqui a pouco vai crescendo, aí já tem umas casa ali, daqui a pouco vai indo, vai prodigicar (prejudicar) gente”	Porque se ficar muito em cima da gente, não pode, for mais retirada é melhor Dentro da cidade é ruim pra gente, que as veze maltrata mesmo Tem gente que maltrata por fumaça pra quem sofre de problema de cansaço Daqui a pouco vai crescendo, aí já tem umas casa ali, vai indo, vai prejudicar gente	Afeta negativamente: muito próximas das cidades

E1	o negócio da fumaça né pra não vim pra cá [...]se melhorasse:: continuaria ali mesmo	Melhorar a fumaça	Sugestões
E2	não no meu termo eu achava que eu deixava funcionar	Tem que continuar funcionando	Sugestões
E2	era do preço (sorrindo), da coisa que vende	Mudança de preço	Sugestões
E5	“...se por acaso tivesse um...jeito de colocarem um chaminés, né, pra qu’ela fumaça soltar mais alto, aí seria melhor”	Construção de chaminés como inibidor do efeito da fumaça	Sugestões
E6	“Funcionando [...] maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda “	Tem que continuar funcionando	Sugestões
E7	“o que eu poderia dizer é se queelas pode continuar porque:: muitas família precisa -- como eu já acabei de dizer, inclusive a minha aqui mermo [...]ela num pode para, porque se parar, muitas família vão passar fome”	Tem que continuar funcionando	Sugestões

Duas Ancoragens:

- 1- **As olarias não afetam e não prejudicam a saúde**
- 2- **As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas**

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – A VISÃO DA QUALIDADE DE VIDA

1. As olarias não afetam e não prejudicam a saúde

Na saúde não, não, através da oleria não porque esse pessoal daqui eles são uns pessoal coidadoso. A fumaça da oleiria não incomoda a gente, pa dentro da cidade, sempre vai assim pro lado camp, mar num num campo não tem mermo casa, só mesmo água, tá entendendo, aí não dá de prodigicar as pessoas, só invenção mesmo, é as oleria ela:: constroe ela dá um porto de renda pas pessoa né que não tem a renda.. Nunca houve nada, se já teve, mas eu inda não vi não. Não ne oleria não, porque a fumaça na rente tá n’oleria trabalhando as vezes incomoda, mas rente tá no serviço da gente, no saiu de lá tudo bem. A fumaça não atinge muito não, elas pra lá incomodar, todo mundo mora afastado. Se, por acaso, chegar acontecer o povo também ele não pode aceitar tudo tem que fazer uma recramaçãozinha

2. As olarias afetam de diferentes maneiras a qualidade de vida das pessoas

Eu concordo que elas afetam e muito. Ela afeta de algumas maneiras, na saúde, problema de fumaça [...] às vez um acidente, o cara perde as vez a mão, um braço. Vários vizinhos reclamo disso, eu não, mas já teve muitos ... que já procuraram [hospitais] [...] já, perde as vez a mão, um dedo, adoece pelo problema da fumaça e do calor. Causa [impacto a saúde] sim... até porque eu não tomo essa água mesmo daqui, a água que eu tomo é mineral, [então] na água e na comida não, mas no ar que a gente respira, aquele cheiro da fumaça que sai do material...ela é uma fumaça assim um pouco pesada sabe. Falta de ar, já aconteceu comigo...por causa da fumaça [...] toda vez que eles tão queimando eu fico gripada, espirrando, um pouco de falta de ar, eu fico incomodada demais, o mau cheiro da fumaça, porque quando tão queimando eu fico bastante espirrano e gripada. A fumaça sempre prejudica mermo, alguns sim, que nem todos tem pobrema raramente, mas alguns tem, principalmente criança recém nascida, no caso da fumaça, tanto quem trabalha, como aos moradores que mora perto... morador porque tá lá e ele vai todo tempo permanecer na fumaça junto com quem queima forno. Sai aquele aquela fumaça muito forte deixa as criança mesmo... reclama muito aqui [...] que elas fico sem ter o ar, faz mal mesmo, tem pessoa que causa, pessoa quem tem cansaço, não pode sentir cheiro de fumaça. É porque tem umas olarias [...] não foi elas, mas foi a população que foram encostando pra elas [...] lá onde elas foram localizada, é aproximado delas não tinha casas, quer dizer agora com o correr do tempo aí o pessoal vão aumentando, vai tomamo, fazendo casa, e vai chegando pra onde elas tão...isso aí vai daqui a um tempo, até agora não, mas não se sabe a daqui a uns anos que elas podem no caso prejudicar, “daqui a pouco vai crescendo, aí já tem umas casa ali, daqui a pouco vai indo, vai prodigicar (prejudicar) gente, porque se ficar muito em cima da gente, não pode [...] assim muito em cima também den da cidade é ruim pra gente, que as veze maltrata mer, tem gente que maltrata por fumaça pra quem sofre de problema de cansaço. Mas é como se diz, é obrigado, porque a fumaça prejudica muito, mas se a gente não pode fazer nada porque é obrigado, porque tem muitas família que precisa, necessita [...] desse servicinho porque hoje em dia não tem emprego, emprego é muito difícil, e principalmente pra quem não estudou. [E] antes deles fundar essa oleria... era difícil pra gente [...] as vez a gente não tinha como comprar o tijolo pra fazer uma casa [...] fazia aquela casa de barro, a vez água batia aquele barro caia a gente tinha que levantar de novo, quer dizer que aquilo não durava [...] então duma dessa pra nós tivemo uma facilidade porque a gente quando levanta uma casa de tijolo, a gente quase esquece porque custa cair, custa se bagunçar. Hoje em dia já é bem diferente, mas se as oleria não existisse não existia essas casa que é hoje[...]de tijolo, era tudo no barro normal... mudança das casas, muro, várias coisa porque a maioria precisa de tijolo. [Para melhorar as olarias] era do preço, da coisa quele vende [e] o negócio da fumaça né pra não vim pra cá [...]se melhorasse:: continuaria ali mesmo, se por acaso tivesse um...jeito de colocarem um chaminés, né, pra qu’ela fumaça soltar mais alto, aí seria melhor. No meu termo eu achava que eu deixava funcionar, maioria desse pessoal que mora aqui nesses bairrozinho mais pobre... é o único meio de renda, muitas família precisa [...] inclusive a minha aqui mermo [...] ela num pode para, porque se parar, muitas família vão passar fome.